



Teodora de Araújo Alves - Jefferson Fernandes Alves - Robson Carlos Haderchpek
Lourival Andrade Júnior - Fernando Manuel Rocha da Cruz - Lisabete Coradini
Everardo Araujo Ramos - Isaias da Silva Ribeiro

PLANO DE CULTURA DA UFRN

Percursos, Ações e Resultados
2015 - 2019







INSTITUCIONAL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO NORTE – UFRN**

Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor

José Daniel Diniz Melo

Pró-Reitora de Extensão

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Pró-Reitor Adjunto de Extensão

Breno Guilherme de Araújo Tinoco Cabral

Diretora do Núcleo de Arte e Cultura

Teodora de Araújo Alves

**PLANO DE CULTURA DA UFRN – MAIS CULTURA NAS
UNIVERSIDADES/MINC/MEC**

Comitê Gestor

Teodora de Araújo Alves – Presidente

Jefferson Fernandes Alves

Departamento de Práticas Educacionais e Currículo – DPEC /UFRN

Robson Carlos Haderchpek

Departamento de Artes/UFRN

Fernando Manuel Rocha da Cruz

Departamento de Políticas Públicas – DDP/UFRN

Lourival Andrade Júnior

Departamento de História – DHC – CERES/UFRN – Caicó/RN

Lisabete Coradini

Departamento de Antropologia – DAN /RN

Everardo Araújo Ramos

Departamento de Artes/UFRN

Isaias da Silva Ribeiro

Departamento de Engenharia Civil/UFRN

Joel Carlos de Souza Andrade

Departamento de História – DHC – CERES/UFRN – Caicó/RN

Catarina Shin Lima de Souza

Escola de Música da UFRN – EMUFRN

**FUNDAÇÃO NORTE RIO GRANDENSE DE
PESQUISA E CULTURA - FUNPEC**

André Laurindo Maitelli

Diretor Geral

Karina Dias

Técnica de Projetos

PRODUÇÃO CULTURAL E ASSESSORIA TÉCNICA

Carlos Humberto Rios Mendes Junior - NAC
Leandro Viana Pereira de Castro - NAC/FUNPEC
Pedro Paulo Lacerda - UFRN
Péricles dos Santos Filgueira - NAC
Thiago de Sousa Félix - NAC

Veridiano Maia dos Santos - PROEX
Sérgio Valério Mendonça da Silva - PROEX
Helaine de Moura Cavalcanti - PROEX
Ana Kamila Silva Azevedo - PROEX

BOLSISTAS

Programa Chão de Saberes
Edjackson Robson Oliveira Lima
Emanoela Fontes da Costa

Programa SigaArte na UFRN
Abner Aniel de Souza Mendonça
Claudilene Regina de Medeiros Pereira
Geilton Breno Batista Barbosa
Milêdja Lurian de Souza
Denilson David Oliveira Silva
Bruno Fagner Fernandes

Programa Cultura e Memória da UFRN
Sâmara Dávalos Guerreiro Peixoto

Programa Circuito Cultural da UFRN
Eduardo Bruno Freire Viana e Pablo Adriano Costa do Val

Programa Acessibilidade Cultural
Pedro Lucas de Lima Bezerra

Programa Incubadora Cultural da UFRN
Lígia Dielly de Lima Pereira

Programa Cinema e Audiovisual da UFRN/CINE UFRN
Lenart Verissimo do Nascimento

Design gráfico e web
Ébeson Rolim Lemos
Nícolas da Cunha Conrado

Assessoria de Comunicação
Irilan Kelvin da Silva

ORGANIZAÇÃO



Diretora

Teodora de Araújo Alves

Breno Bezerra de Medeiros
Carlos Humberto Rios Mendes Junior
Elidete Alencar de Sousa
Genival Bernardo da Silva Junior
Maria Magalli Miranda de Oliveira
Péricles dos Santos Filgueira
Rui Barbosa de Oliveira Filho
Severina Sebastiana de Melo
Sergio Alexandre Confessor do Nascimento
Thiago de Sousa Félix

Projeto Gráfico e Diagramação

Ébeson Rolim Lemos

Imagem de capa

Levi Bulhões - Acervo da UFRN

Revisão de texto

Fabiola Barreto Gonçalves

Imagens

Acervo do Plano de Cultura da UFRN
Agência Fotec UFRN

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Plano de cultura da UFRN : percursos, ações e resultados : 2015 – 2019 / Teodora de Araújo Alves ... [et al]. – Natal, RN : EDUFRN, 2019.
195 p. : il.

ISBN 978-85-425-0874-1
Inclui referências e anexos.

1. Política cultural. 2. Plano de cultura. 3. Projetos culturais. 4. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. I. Alves, Teodora de Araújo. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RN/UF/BCZM

2019/12

CDD 306.2
CDU 304.4

Elaborado por Jackeline dos S.P.S.Maia Cavalcanti – CRB-15/317

PLANO DE CULTURA DA UFRN : Percursos, Ações e Resultados	12
As políticas para a cultura nas Universidades	14
Um Plano pautado na pluriversidade interativa e criativa	19
OS PROGRAMAS ESTRUTURANTES DO PC/UFRN	23
ACESSIBILIDADE CULTURAL COMO PROVOCAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DA UFRN	28
A acessibilidade como rearranjo intersemiótico	29
A acessibilidade cultural como direito: provocando encontros	31
Encontrar-se é preciso	32
Os encontros como (des)formação	34
Por novos desenhos alteritários	42
CHÃO DE SABERES: Outros modos interativos	44
CRIAÇÃO E FRUIÇÃO NO CAMPO DAS ARTES CÊNICAS: A Importância da Experiência Sensível no Contexto da Extensão Universitária	52
A Extensão Universitária na UFRN e o Plano de Cultura	55
A Fruição através do Circuito Cultural	57
Grupo Arkhétypos: Criação e Fruição	62
O SERTÃO VIROU TEATRO	66
SIGAARTE NA UFRN: Itinerâncias e permanências artísticas	75
Notas sobre a criação do Programa SigaArte na UFRN, no ano de 2013 e sua inclusão no Plano de Cultura da UFRN	
PROBLEMATIZAÇÃO, PRINCÍPIOS, AÇÕES E DESAFIOS DA INCUBADORA CULTURAL DA UFRN	81
As incubadoras na sociedade contemporânea	85
Programa Incubadora Cultural da UFRN	88
CINE UFRN	97
Ações Realizadas e Parcerias	101
CULTURA DA MEMÓRIA E MEMÓRIA DA CULTURA: Desafios e conquistas no âmbito do Plano de Cultura da UFRN	105
Rede de museus universitários e museus universitários na rede	106
Políticas e práticas para a cultura e a memória na UFRN	108
Memória da cultura: passado e presente do patrimônio brasileiro	110
NOSSAS AÇÕES	
2015	114
2016	122
2017	144
2018	166
2019	177
ANEXOS	184
SOBRE OS ORGANIZADORES	191

PLANO DE CULTURA DA UFRN

**Percursos, Ações e Resultados
2015 - 2019**

**Teodora de Araújo Alves - Jefferson Fernandes Alves - Robson Carlos Haderchpek
Lourival Andrade Júnior - Fernando Manuel Rocha da Cruz - Lisabete Coradini
Everardo Araujo Ramos - Isaias da Silva Ribeiro**

POESIA ARTE SABERES TRADIÇÃO CONQUISTAS
APRENDIZADO PROFESSORES ESPERANÇA AMIZADE
VALORES MESTRES BRINCANTES VIDA ALUNOS
IDEIAS LEMBRANÇAS MEMÓRIAS AMOR VONTADE
DESAFIOS VIAGENS TROCAS VITÓRIAS LIVROS
PALAVRAS PERSEVERANÇA HARMONIA FELICIDADE

POESIA ARTE SABERES TRADIÇÃO CONQUISTAS
APRENDIZADO PROFESSORES ESPERANÇA AMIZADE
VALORES MESTRES BRINCANTES VIDA ALUNOS
IDEIAS LEMBRANÇAS MEMÓRIAS AMOR VONTADE
DESAFIOS VIAGENS TROCAS VITÓRIAS LIVROS
PALAVRAS PERSEVERANÇA HARMONIA FELICIDADE

Um Plano e a importância das artes na UFRN

Ângela Paiva Cruz
Reitora

Seria demais dizer-se que se trata meramente de um Relatório de atividades a presente publicação. Ela é, na verdade, como um livro de artes e atesta a sensibilidade de quem às produz na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.

Uma gama extensa e rica de produções artísticas se mostra neste documento em descrição e imagens, como resultado do Programa Mais Cultura nas Universidades. Elas resultam de editais de que, democraticamente, participaram artistas de variada natureza na capital e no interior, disso resultando exposições, espetáculos de dança ou teatro, concertos e variadas e notáveis manifestações da chamada Cultura Popular.

O esmero com que foram elaboradas tais ações ensejou, aliás, momentos especialmente ricos no âmbito das comemorações dos 60 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desse modo, comprova o compromisso e o zelo dedicados pelo Núcleo de Arte e Cultura, sob a direção da professora Teodora, na realização de grandes eventos artísticos. Ademais, adquire a aparência de um documento a comprovar a inequívoca vocação de uma instituição que, tendo orgulho da sua qualidade de ensino, da riqueza da sua extensão e da importância da pesquisa, pode orgulhar-se de valorizar e estimular as artes. Comprova-o – para ficarmos com apenas dois exemplos – o fato de termos em nossa galeria de Doutor Honoris Causa o pintor e poeta natalense, Dorian Gray, e de haver um grupo musical da dimensão da sua Orquestra que se apresentou para o Papa Francisco em 2018.

É de se lamentar a extinção do Minc, e do Mais Cultura nas Universidades. Mas as manifestações artísticas e culturais na UFRN, obviamente, não se extinguem. Nesse direção, não cessará sua produção e ainda podemos dizer que novas perspectivas serão abertas com a inauguração do novo prédio do Núcleo de Arte e Cultura, instalado no final das comemorações dos 60 anos da instituição. De parabéns estão os artistas, o NAC e a Proex, que, viabilizando o Plano Institucional de Cultura da UFRN, com o apoio decisivo da Pró-Reitoria de Planejamento e a Funpec, puderam mostrar, ao longo de anos sequenciados, em programações de grande repercussão, todo o potencial artístico da instituição.

AGRADECIMENTOS

Uma conquista de muitos... Esse foi o Plano de Cultura da UFRN e sua aprovação no Edital Mais Cultura nas Universidades! Sua elaboração e sua execução foram possíveis com a participação direta e/ou indireta de muitas pessoas da Universidade, do Ministério da Cultura e da sociedade. Nossa gratidão e nosso reconhecimento ao Ministério da Cultura (extinto em 2019), por todo apoio institucional ao Plano de Cultura da UFRN, por meio do Programa Mais Cultura nas Universidades.

À Magnífica Reitora, Profa. Ângela Paiva Cruz, e ao Vice-reitor, Prof. Daniel Diniz, por todo o incentivo desde o primeiro momento que souberam da portaria interministerial (MinC e MEC) referente à criação do Edital Mais Cultura nas Universidades e que, junto com o NAC e a PROEX, vibraram com a aprovação do nosso Plano institucional de Cultura, inclusive pelo grande feito de termos sido o primeiro lugar, com nota 10 num pleito de 101 IFES;

À Pró-reitoria de Extensão, nas gestões do prof. Edmilson Lopes Júnior e da Profa. Fátima Ximenes, pelo acompanhamento e pelo apoio na efetivação do Plano de Cultura da UFRN;

À Pró-reitoria de Planejamento e toda sua equipe que muito nos orientou na condução exitosa do Plano;

A toda a equipe da FUNPEC, pelo total apoio, que prontamente esteve presente em todos os momentos necessários;

Às unidades, instituições, bem como aos coletivos, artistas, estudantes, professores, pesquisadores, servidores técnico-administrativos, produtores, mestres, brincantes e ao público em geral, que participaram, ao longo de 4 anos, das diversas ações desenvolvidas ou apoiadas pelo Plano de Cultura;

A todos e todas que estiveram conosco contribuindo em cada detalhe e em muitos momentos ao longo desses anos: aos produtores e demais servidores do NAC e da PROEX, aos bolsistas de cada programa integrante do Plano e aos docentes que integraram o Comitê Gestor;

Que a arte e a cultura se mantenham vivas por muitos e muitos séculos no coração da nossa querida UFRN.

Teodora de Araújo Alves
Diretora do NAC

PLANO DE CULTURA DA UFRN

Percursos, Ações e Resultados

O Plano de cultura da UFRN (PC/UFRN) foi submetido à seleção pública aberta em 2015 pelo Ministério da Cultura em parceria com o Ministério da Educação, por meio do Programa Mais Cultura nas Universidades (Portaria Interministerial MinC/MEC nº 18, de 18/12/2013). Foi aprovado em primeiro lugar em um ranking de 101 (cento e uma) Instituições Federais de Ensino Superior (Anexo A). Nesse contexto, a UFRN foi a única instituição a obter a nota máxima 10. Sistematizado pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e pela Pró-reitoria de Extensão da UFRN, com base em reuniões realizadas com a comunidade interna e externa, bem como a partir de demandas oriundas dos Seminários de Arte e Cultura da UFRN¹.

No período de 2015 a 2019.1, o PC/UFRN atingiu os seguintes objetivos propostos: encaminhou à administração central da UFRN a proposta da Política de Cultura da UFRN (Anexo B), tendo sua aprovação no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRN (CONSEPE), com vista a contribuir para a formação artística, cultural, cidadã e crítica dos estudantes, servidores e população do RN; considerou a política cultural da UFRN/Plano de Cultura, de modo articulado com as metas do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRN (PDI/UFRN 2010-2019), do Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010); desenvolveu programas estruturantes (SigaArte na UFRN; Chão de Saberes; Acessibilidade Cultural da UFRN; Circuito Cultural da UFRN; Fomento aos Grupos Artísticos da UFRN; Eventos Permanentes da UFRN; Incubadora Cultural da UFRN; Cinema e Audiovisual da UFRN – CINE UFRN; Cultura e Memória da UFRN). Em capítulo a seguir, os referidos Programas serão detalhados em seus objetivos, ações e resultados até o presente momento.

¹ O NAC realizou seis edições do referido Seminário de Arte e Cultura da UFRN, evento este que vem se traduzindo em um espaço agregador, dialógico e propositivo de diretrizes e ações referentes à política cultural da UFRN e do RN, inclusive com a participação efetiva de representantes do MEC e do MinC, bem como da Administração Central da UFRN, de Pró-Reitores, de professores de artes das escolas públicas do RN, de artistas que compõem fóruns artísticos do RN e de gestores culturais.



Ressaltamos que sua vigência final está prevista para 2020.1, conforme adição de aditivos em curso.

Nesse percurso, com base no seu Plano de Cultura, a UFRN fortaleceu, criou e implementou diretrizes, metas e ações acadêmico-populares no campo das artes e da cultura da UFRN e do RN, de modo que incluiu, respeitou e fortaleceu a diversidade cultural local, regional e brasileira, contribuindo, assim, com o amplo exercício dos direitos culturais pelo conjunto da população acadêmica e potiguar, a partir das potencialidades da cultura como eixo transversal do desenvolvimento social e econômico sustentável do Rio Grande do Norte. Ao longo de sua implementação, o PC/UFRN também impulsionou programas e projetos artístico-culturais que já vinham sendo desenvolvidos de modo exitoso na UFRN, bem como ampliou a atuação desta Universidade no que diz respeito a participação de grupos, movimentos e instituições de arte e cultura do Rio Grande do Norte, do Nordeste e do Brasil.

As políticas para a cultura nas Universidades

As políticas culturais universitárias nas últimas duas décadas têm se intensificado, entre outras razões, em função dos debates e encaminhamentos ocorridos nos Fóruns de Pró-Reitores, no Programa Nacional de Extensão Universitária – PROEXT, nas discussões acerca do Plano Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Educação e, evidentemente, no próprio ambiente universitário, como é o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ao definir como sendo sua missão, na condição de instituição pública, “educar, produzir e disseminar o saber universal, preservar e difundir as artes e a cultura, contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social, a sustentabilidade socioambiental, a democracia e a cidadania” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2010, p.7)². A população atual que integra diretamente esta Universidade gira em torno de 43.000 estudantes e 5.500 servidores técnico-administrativos e docentes. Trata-se de um contexto vivencial favorável à fruição, formação, inovação e difusão da arte e cultura.

Atualmente, a UFRN está presente em 5 campi, sendo 1 em Natal e 4 campi no interior: Caicó/CERES - Centro de Ensino Superior do Seridó; Currais Novos/CERES; Macaíba/EAJ - Escola Agrícola de Jundiá e Santa Cruz/FACISA - Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi. Além de atuar em diversos municípios com ações de extensão universitária; e em 14 polos presenciais de apoio à educação a distância. Parte dessa população, ao ter recebido, vivenciado ou produzido saberes artísticos diversos, tornou-se agente cultural multiplicador interno e externo, reconhecendo, valorizando e difundindo a arte e a cultura em sua diversidade de linguagens, etnias, coletivos artísticos, movimentos sociais, práticas de saberes advindas de mestres populares e profissionais, bem como de demais modalidades e agentes que compõem o universo da arte e cultura brasileira.

² UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Plano de Desenvolvimento Institucional: 2010-2019. Natal: UFRN, 2010.

Nessa perspectiva, cabe frisar que quanto mais essa instituição promover o acesso às manifestações, expressões, produções artísticas e culturais, envolvendo tanto seu público interno quanto dialogando permanentemente com o público externo, mais há inclusão social, respeito e reconhecimento da diversidade cultural. Esta, sem dúvida, é uma das diretrizes da UFRN que se coaduna com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1990), ao estabelecer em seu Art. 215 que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Nesse sentido, na condição de ente federado, a UFRN deve ter cada vez mais participação nesse cenário político-social, de modo que concordamos com o atualmente (2019) extinto Ministério da Cultura, ao defender que “conjugar políticas públicas de cultura com as demais áreas de atuação governamental é fator imprescindível para a viabilização de um novo projeto de desenvolvimento para o País” (BRASIL, 2009, p. 32). O referido Ministério afirmava ainda que, entre as suas atribuições, estão aquelas voltadas “ao incentivo de iniciativas que envolvam entes federados e organizações da sociedade civil” (BRASIL, 2009, p. 32).

Ressaltamos também a importância de, ao tratarmos da arte e da cultura na Universidade, considerarmos as políticas estabelecidas pelo Ministério da Educação. Isso inclui aquelas referentes à valorização das diversidades culturais, a exemplo da Lei n.º 11.645³, de 10 de março de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, ao considerar no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

No campo da extensão universitária – espaço que historicamente tem fortalecido o compromisso social da UFRN –, a interação transformadora entre a instituição universitária e as demais instituições e os movimentos sociais, mediada por processos culturais, educativos e artísticos, tem sido o foco principal. Tal realidade tem levado as Universidades brasileiras a desenvolver ações institucionais de caráter democrático, participativo e de valorização de saberes acadêmicos e populares que fomentem a formação e a produção de conhecimentos articulados com o ensino, a extensão e a pesquisa – conforme apresenta o Plano Nacional de Extensão Universitária, ao defender que a Extensão Universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade (REDE NACIONAL DE EXTENSÃO, 2012).

³ BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 28 mar. 2019.

Com base nesse pressuposto, o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRN, para o período de 2010-2019, recomenda que a extensão deve nortear-se pelo intercâmbio com o conjunto complexo de saberes e práticas produzidas em outros universos sociais. Essa postura, essencialmente dialógica, traduz-se no desafio permanente de construir uma abertura institucional com o objetivo de contribuir para mudanças no pensamento e no fazer universitário que favoreçam intervenções transformadoras da realidade social e promovam processos de investigação e de formação profissional com princípios de equidade para a construção de uma sociedade democrática e solidária. Trata-se, portanto, de um processo de oxigenação da própria Universidade e dos universos sociais com os quais se relaciona e compartilha. Nesse sentido, dois movimentos precisam estar articulados: o da continuidade de experiências bem-sucedidas e o da abertura para novas demandas e novas iniciativas emergentes. Dentre as diretrizes da extensão universitária presentes no PDI/UFRN, destacamos o fortalecimento da política cultural da UFRN, cujas ações possam expressar os processos formativos dos seus agentes, contribuir com a formação integral da comunidade universitária e traduzir interfaces e parcerias com segmentos e movimentos sociais do campo da arte e da cultura, com vista à preservação, fruição, divulgação e inovação de bens culturais e artísticos que possam concorrer para o desenvolvimento social do Estado e do país. Ademais, que promova o desenvolvimento de uma política museológica que considere a interlocução cultural e educacional com os diversos segmentos da sociedade, na perspectiva da implicação curricular nos processos formativos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFRN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2010).

Nesse contexto de desenvolvimento institucional e social, a aprovação e a execução do Plano de Cultura da UFRN potencializou, indiscutivelmente, esse processo e garantiu à UFRN as condições necessárias aos avanços nessa direção. Portanto, ciente da sua função de educar, produzir e disseminar o saber universal, preservar e difundir as artes e a cultura, a UFRN vem, ao longo de seis décadas, criando, desenvolvendo e apoiando processos e bens culturais articulados com o ensino, a pesquisa, a extensão e em constante diálogo com o desenvolvimento social e cultural do Rio Grande do Norte e do Brasil.

De certa forma, já havia um campo fértil capaz de receber um rico, diversificado e efervescente fluxo cultural que seria o Plano de Cultura da UFRN/Edital Mais Cultura, aprovado em 2015, conforme já mencionado. A aprovação do referido Plano, traduziu-se em um momento intensamente significativo para esta Universidade, considerando que há anos a UFRN vinha buscando refletir, impulsionar, ampliar parcerias, concretizar processos e produtos concernentes ao reconhecimento e à valorização da diversidade cultural brasileira, tanto internamente quanto junto ao MinC, ao MEC e a segmentos sociais.

Pelo exposto, a UFRN entende que sua aprovação no Edital Mais Cultura nas Universidades coadunou-se integralmente com o cenário de estratégias e diretrizes decorrentes dos debates ocorridos nos vários espaços reflexivo-propositivos e regulatórios que até recentemente tivemos no Brasil, a exemplo do Plano Nacional de Cultura e, mais especificamente, no que diz respeito ao fortalecimento de ações do estado voltadas ao planejamento e à execução das políticas culturais; ao incentivo, à proteção e à valorização da diversidade artística e cultural do Brasil; à ampliação do acesso dos brasileiros à fruição e à produção cultural; à inserção da cultura no desenvolvimento socioeconômico sustentável e na consolidação dos sistemas de participação social na gestão das políticas públicas.

Portanto, o Plano de Cultura da UFRN convergiu consideravelmente com as diretrizes eleitas pelo MinC no que se refere aos seguintes pontos: 1. a promoção e o intercâmbio de expressões artísticas e culturais contemporâneas e tradicionais, sobretudo as manifestações de comunidades e povos tradicionais (conforme o decreto federal 6.040⁴ de 7 de fevereiro de 2007) presentes no RN e em outras regiões do Brasil; 2. a educação sob a perspectiva da diversidade e da pluralidade cultural a partir de processos de interações entre mestres da cultura tradicional (Griôs), mestres da educação básica, mestres do ensino universitário, produtores culturais e estudantes dos diversos níveis da educação; 3. o acesso democrático de diversos grupos culturais às ações da UFRN por meio de um processo colaborativo de construção, de implementação das ações e de participação, incluindo grupos e produções advindas dos Pontos de Cultura e de demais segmentos que lidam com populações em situação de vulnerabilidade social; 4. a ampliação da visibilidade dos diversos bens culturais presentes na região; 5. o direito à memória e às novas tecnologias a partir do acesso aos acervos literários, aos lançamentos bibliográficos e à interatividade com as novas possibilidades tecnológicas; 6. a participação de grupos artístico-culturais representativos dos diversos segmentos da cultura local, reconhecendo e valorizando seus repertórios tradicionais e suas potencialidades criativas; 7. o acesso aos bens culturais e naturais presentes no patrimônio cultural e ambiental local, com vista ao desenvolvimento do turismo cultural sustentável e à dinamização e atuação de museus presentes na região; 8. a promoção de intercâmbios acadêmicos, profissionais e populares que visem à expressão e à fruição de bens culturais próprios de cada segmento e de suas interfaces; 9. a interação com políticas públicas que norteiam a implementação de ações culturais compatíveis com o desenvolvimento das diversas populações integrantes da sociedade brasileira; 10. a interlocução com o Ministério da Cultura, especialmente com a Regional

⁴ BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 28 mar. 2019.

Nordeste, como agente ativo e indutor da implementação de programas voltados à cultura. Foi nesse contexto de desenvolvimento acadêmico e social que o Plano de Cultura da UFRN/Mais Cultura nas Universidades se inseriu e se justificou, tendo contribuído com a formação acadêmica, a preservação, a fruição, a divulgação e a inovação de bens culturais e artísticos em interface com as instituições parceiras, as escolas públicas e os movimentos sociais.

O referido Plano se consolidou como um significativo passo na perspectiva de igualdade da cultura com o conhecimento científico e tecnológico (ambos reconhecidos nas Universidades) e contribuiu para que a arte e a cultura fossem reconhecidas como dimensões humanas e áreas produtoras de conhecimentos tão importantes quanto outras formas de conhecimento presentes nas sociedades e nas universidades. Nessa perspectiva, as ações integrantes do Plano de Cultura da UFRN foram projetadas em bases sustentáveis, criativas e impulsionadoras da percepção crítica e reflexiva sobre a realidade cultural local, regional e nacional, criando, assim, interfaces com as novas demandas presentes nos grandes debates sobre cultura no Brasil, tanto em âmbito municipal e estadual como em âmbito federal.

O PC/UFRN buscou conhecer, discutir e ajudar a implementar diretrizes e ações previstas no Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2010), de modo que possibilitou à UFRN pautar sua política cultural tomando por base um documento que foi amplamente discutido e construído por várias instancias sociais. Nessa perspectiva, por meio do seu Plano de cultura, a UFRN promoveu iniciativas voltadas aos direitos culturais e à acessibilidade de povos e comunidades tradicionais – tais como indígenas, ciganos, quilombolas; mestres populares, pessoas com deficiência, realizou e/ou apoiou ações formativas de extensão, pesquisa e ensino, que demandaram um maior grau de enraizamento e perenidade, bem como ampliou a divulgação das ações culturais, oportunizando o acesso ao patrimônio cultural da UFRN e promovendo um maior acesso aos seus acervos culturais.

Um Plano pautado na pluriversidade interativa e criativa

As universidades não estão apartadas das sociedades, ao contrário, recursivamente elas se integram, coexistem, de modo que uma alimenta a outra naquilo que ambas têm de melhor ou mesmo de problemático. O compromisso das IES deve ser efetivamente com o desenvolvimento pleno do sujeito humano, social, cultural, de modo a não se eximir de perceber e considerar as suas dependências em relação à sociedade, pois esta lhe mantém, conferindo-lhe questões, demandas; ao passo que, quando a sociedade tem seus direitos respeitados – inclusive no campo dos outros modos de saberes-fazer, que não necessariamente dizem respeito ao saber científico –, de fato, ela se sente incluída, integrada e respeitada naquilo que lhe é de direito; o direito à cidadania, à formação, ao respeito às suas visões de mundo, aos estudos e ao campo do trabalho. Muitas são as diversidades que configuram as sociedades e as universidades e, portanto, ambas cada vez mais precisam se imbricar. É com esse sentimento, em consonância com Boaventura de Souza Santos (2005, p. 43), ao dizer que “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”, que seguiremos na discussão sobre a execução do Plano de Cultura da UFRN, tomando por base a concepção de *pluriversidade interativa e criativa*. Ainda conforme nos diz Boaventura Santos (2005, p. 43),

A universidade foi criada segundo um modelo de relações unilaterais com a sociedade e é esse modelo que subjaz à sua institucionalidade actual. O conhecimento pluriversitário substitui a unilateralidade pela interactividade, uma interactividade enormemente potencializada pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação.

Desse modo, continua Santos (2005), ao contrário do conhecimento universitário homogêneo, organizacionalmente hierárquico, excludente, o conhecimento pluriversitário é um conhecimento contextual, transdisciplinar, com aplicação extramuros, partilhado entre todos interlocutores envolvidos. Desse modo, esse conhecimento permite parcerias entre pesquisadores e sindicatos, organizações não governamentais, movimentos sociais, grupos sociais especialmente em vulnerabilidade social, comunidades populares, entre outros.

Uma das intenções do Plano de Cultura da UFRN foi contribuir para ampliar a consciência dos artistas quanto ao valor e ao poder da sua arte, da sua cultura, numa perspectiva de interação com outros artistas e com outras formas de se produzir arte, seja numa universidade, seja em outros ambientes externos a ela. Nesse contexto, conforme defendemos em outro texto,

A arte, a cultura e a educação se afirmam como prosa e poesia, como saberes e fazeres, como ensino-pesquisa-extensão, de modo que o processo de aprendizagem nesse projeto não nos separa da experiência do corpo como nos diz Merleau-Ponty. Ao contrário, dão-se nos corpos-sujeitos que ao cantarem, dançarem, conviverem, expressam aspectos lúdicos, resistentes, simbólicos e produtivos de sua cultura artística (ALVES, 2010, p. 13).

Nesses termos, para implementação do Plano de Cultura da UFRN, partimos da construção “[...] de um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4). Ademais, consideramos os itinerários formativos daqueles que já estão no sistema escolar e daqueles que estão em processo de formação acadêmica, promovendo um fluxo pedagógico de mutualidade, orientado pela ação-reflexão-ação (FREIRE, 2003). Ainda para Freire (2003, p. 123): “O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem”. Trata-se de um “escambo de saberes” que se produz na relação entre as expressões artístico-culturais da universidade e da comunidade externa.

Nesse processo, o Plano compreendeu e valorizou conhecimentos diversos e ao mesmo tempo complementares, acadêmicos e escolares; artísticos e educativos; conhecimentos que se enriqueceram pelo diálogo, pela interatividade criativa e plural, pela relação e não pelo isolamento, de modo a entender que “já não significa que somos capazes de obter a imagem interna de uma realidade pura, absoluta e independente do sujeito, e sim que podemos produzir sentido em um mundo experiencial rico e dinâmico. Esta concepção implica que haja saberes e não verdades eternas” (NAJMANOVICH, 2001, p. 129).

Dessa forma, os saberes, no contexto da produção e do intercâmbio artístico-cultural, enredaram-se naquilo que Boaventura de Sousa Santos (2008) designa como ecologia de saberes em função de que os encontros, as oficinas, a fruição da arte e da cultura convertem-se em contextos de interconhecimento que possibilitem a troca de saberes dos agentes envolvidos. Isso os afeta interativamente, de modo a incidir sobre: os processos criativos; a formação docente; a formação artística dos discentes; o desenho curricular dos cursos da área de artes.

O Plano, além de ter contribuído com o esforço institucional de potencializar as ações acadêmicas em arte e cultura da UFRN, em convergência com a sociedade civil, coadunou-se, conforme já dissemos, com as diretrizes explicitadas pelo Plano Nacional de Cultura. Esse fator, entre outros aspectos, reitera que o acesso aos bens artísticos e culturais é um direito constitucional e um indicador referente ao exercício da cidadania.

Agregado ao caráter inovador da cultura, as iniciativas que configuraram o Plano de Cultura da UFRN converteram-se em contextos acadêmicos de formação universitária e comunitária, provocando novas experiências estéticas, a partir também da fruição de espetáculos artísticos, cuja diversidade de linguagem e de propostas pôde ampliar e ressignificar o quadro de referências dos públicos contemplados. Essa ambiência de compartilhamento de saberes contribuiu ainda para aquilo que o Plano Nacional de Cultura aponta como a necessidade de que as iniciativas artístico-culturais concorram para a ampliação e a qualificação da participação social, no sentido de que tais iniciativas contribuam para processos sociais de autonomia dos agentes envolvidos. Assim, o PC/UFRN teve como perspectiva o diálogo de saberes e de experiências que pudessem colaborar com o crescimento artístico e educacional da comunidade acadêmica e da sociedade. Além disso, na própria gestão do Plano, houve o envolvimento de produtores de arte e cultura tanto da comunidade interna quanto da externa, de modo que a gestão ocorreu de modo participativo, procurando integrar diversas unidades acadêmicas da UFRN. Desse modo, houve uma interlocução com as organizações culturais por entender que as ações e iniciativas sistematizadas pela UFRN poderiam e deveriam ser gestadas, dialogicamente, com os diversos segmentos sociais. Tal perspectiva desencadeou experiências de formulação e gestão compartilhada de diversas ações nas áreas de arte e cultura, na medida em que os contatos e as interações entre os participantes se estabeleceram, provocando novas interfaces e parcerias.

Por fim, reafirmamos que a execução do Plano de Cultura da UFRN alinhou-se ao cumprimento do preceito da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, sendo caracterizada pela integração da ação desenvolvida à formação técnica e cidadã do estudante e pela produção e difusão de novos conhecimentos e novas metodologias, com a relação universidade-sociedade. Por conseguinte, provocou impacto social, pela ação transformadora, sobre os problemas sociais, contribuindo para a inclusão de grupos sociais; o desenvolvimento de meios e processos de produção; a inovação e construção de novos conhecimentos; e a ampliação de oportunidades educacionais, facilitando o acesso ao processo de formação e de qualificação. Com relação a outros setores da sociedade, propiciou a interação do conhecimento e da experiência acumulados na academia com o saber popular e a articulação com organizações de outros setores da sociedade, com vista ao desenvolvimento de sistemas de parcerias interinstitucionais. Ademais, foi possível a formulação, a implementação e o acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional.

- O Processo metodológico e de avaliação foi conduzido de maneira dialógica e configurado a partir de etapas de planejamento, execução e avaliação realizadas pelo Comitê Gestor, tendo sido este instituído por meio de portaria (Anexo C). Somando a isso, houve acompanhamento e fiscalização da Pró-Reitoria de Planejamento e da Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura – FUNPEC, com base em relatórios físico-financeiros semestrais que foram elaborados pelo referido comitê gestor do Plano de Cultura da UFRN, juntamente com a direção do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, a Pró-Reitoria de Extensão da UFRN e colaborações de representações dos agentes parceiros. Desse modo, o desenvolvimento do Plano considerou o diálogo entre a extensão, o ensino, a pesquisa e a comunidade externa, na medida em que: 1. envolveu diversas ações de extensão já existentes (grupos permanentes de arte e cultura da UFRN, demais grupos artísticos da UFRN, experimentos cênicos de disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação em interface e parcerias com grupos externos à UFRN) e outras que foram criadas no intuito de ampliar e oportunizar uma maior presença de agentes parceiros na UFRN e a atuação desta sendo ampliada junto aos espaços externos; 2. incluiu ações de ensino articuladas com componentes curriculares em arte, cultura e educação; contemplou também práticas pedagógicas em artes, atividades acadêmico-científico-culturais, e, portanto, considerou e valorizou as demandas advindas dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Artes, Educação e Cultura; 3. envolveu ações de pesquisa na medida em que problematizou e promoveu reflexões acerca da formação, da difusão e da apreciação da arte no contexto do desenvolvimento acadêmico, social, econômico e cultural.

Cabe ressaltar que no processo de configuração do Plano de Cultura, a UFRN abriu chamada interna para apresentação de propostas por docentes, discentes e servidores técnicos da UFRN. Estas, em grande parte, foram contempladas pelos Programas Estruturantes; realizou reuniões presenciais em sua maioria, e algumas virtuais com representantes de instituições, associações, de modo que o Plano respaldou-se em um diagnóstico sobre as demandas advindas dos contextos acadêmico, social e cultural de cada instância parceira e das diretrizes apontadas pelas políticas públicas brasileiras voltadas à cultura e à educação.

Os Programas Estruturantes do PC/UFRN

PROGRAMA SigaArte NA UFRN



O Programa SigaArte na UFRN, pensado como uma agenda cultural permanente, divulgou e disseminou a cultura artística universitária, promovendo o acesso democrático e a formação de público para as artes e proporcionou um ambiente favorável e saudável aos que integram a UFRN. Nesse sentido, os momentos de convivência diária nos vários ambientes desta Universidade se traduziram em compartilhamentos interpessoais e importantes experiências estéticas. O Programa vem ocorrendo desde 2013 na UFRN e foi instituído pela Administração Central desta IES; coordenado pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e viabilizado também pela comunidade acadêmica envolvida com arte e cultura na UFRN. A partir de 2015 o SigaArte foi inserido no Plano de Cultura, o que permitiu ampliar suas ações. Esse programa promoveu oficinas artísticas; círculos temáticos sobre arte e cultura, eventos alusivos ao calendário artístico; intervenções artísticas em diversos setores da Universidade; cinema ao ar livre; semana artística para estudantes calouros e veteranos; semana artística para os servidores (alusiva ao dia do servidor público), entre outras.

PROGRAMA CHÃO DE SABERES: UneVersos acadêmicos e populares



Configurado por ações de arte popular, por expressões étnicas, pela participação de mestres populares, estudantes e docentes, bem como por demais indivíduos, grupos e expressões plurais presentes tanto no âmbito da UFRN como fora desta, o Programa Chão de Saberes oportunizou interações criativas, críticas e reflexivas entre saberes populares, políticos e acadêmicos, a partir de cursos, seminários, aulas de campo, mostras artísticas, publicação de livro, exposições e demais ações que versaram sobre expressões, saberes e fazeres culturais do RN. O Programa buscou incluir projetos de ensino, pesquisa e extensão que já lidavam com comunidades quilombolas; indígenas; mestres e brincantes; crianças e jovens de escolas da rede básica de ensino, entre outros segmentos da diversidade cultural e étnica do RN.

PROGRAMA CIRCUITO CULTURAL DA UFRN



Este Programa fortaleceu e ampliou a circulação da produção artística e cultural da UFRN, em diálogo com a arte produzida no RN e no Nordeste. Incluiu oficinas e apresentações artísticas, ciclos de debates em escolas básicas de ensino, cortejos culturais em praças e equipamentos culturais de alguns municípios do RN e em cidades do Nordeste. Ressaltamos que a UFRN, desde 2012, vem desenvolvendo Circuitos Culturais Universitários em escolas e grupos culturais de Natal, de cidades do RN e do Nordeste. Inclusive, duas edições anuais foram aprovadas em Edital do Programa de Apoio a ações de Extensão (PROEXT/MEC/SESu). Desde 2015, a continuidade dos circuitos se deu com recursos orçamentários advindos do Plano de Cultura da UFRN. Desse modo, esse programa foi inserido no Plano de Cultura e funcionou como um espaço propício à disseminação e ao diálogo entre saberes artístico-culturais produzidos tanto na UFRN como nos espaços externos por onde o Circuito aconteceu. Esse aspecto está previsto, inclusive, no que preconiza o Plano Nacional de Cultura, em seu terceiro capítulo (do acesso), no tópico estratégias e ações, ao advogar sobre a importância da realização de circuitos universitários de arte e cultura: “apoiar e fomentar os circuitos culturais universitários e oferecer condições para que os campi e faculdades promovam a formação de público, a recepção qualificada e a abertura de espaços para a produção independente e inovadora, abrindo espaço para produção independente e circuitos inovadores” (BRASIL, 2010).

PROGRAMA DE ACESSIBILIDADE CULTURAL DA UFRN



Este Programa desenvolveu ações acadêmicas na área da acessibilidade para a cultura. Nesse contexto, foram apoiados curso de especialização em acessibilidade cultural, sendo uma parceria UFRN-UFRJ-UFRGS e MINC; um seminário sobre acessibilidade em museus, incluindo oficinas de audiodescrição e legendagem; um encontro sobre o livro acessível, com a participação de editoras, autores, secretarias de educação; ciclos de oficinas artísticas ministradas por coletivos de artistas com deficiência ou que tematizem a questão do ponto de vista estético; oficinas básicas de acessibilidade cultural para artistas, entre outras descritas no capítulo sobre o referido programa.

PROGRAMA INCUBADORA CULTURAL DA UFRN: Fomento da economia criativa no RN

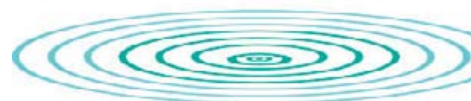


Este Programa aprofundou conhecimento sobre economia criativa no RN; fomentou o interesse da comunidade acadêmica e científica pela triangulação das questões culturais, sociais e econômicas; iniciou o mapeamento de projetos acadêmicos (de ensino, pesquisa e extensão) sobre economia criativa no RN; fomentou o contato entre os setores econômicos e artístico-culturais; fomentou o interesse dos discentes da graduação e da pós-graduação nas políticas de fomento da economia criativa; promoveu, participou e/ou apoiou ações de articulação em rede das incubadoras criativas do RN e demais instituições ligadas à arte, à cultura e ao empreendedorismo cultural; apoiou a publicação de artigos sobre economia criativa e realizou ações de extensão na área.

PROGRAMA DE FOMENTO AOS GRUPOS ARTÍSTICOS DA UFRN: Formação e difusão cultural

O Programa, em alguns momentos, apoiou grupos artísticos de extensão em música, dança, teatro, artes visuais (sendo atualmente uma média de 30 Grupos e muitos deles vigentes há mais de 20 anos e de outros mais recentes), de modo que houve mais participação de pessoas da comunidade externa. Desse modo, foi possível fortalecer suas ações tanto no âmbito da UFRN quanto fora desta.

**FOMENTO AOS GRUPOS
ARTÍSTICOS DA UFRN**



PROGRAMA DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFRN – CINE UFRN

Este programa realizou e/ou apoiou ações de audiovisual e cinema. Além disso, reuniu esforços no processo de instalação de uma sala de cinema na UFRN. Para tanto, articulou, junto ao MinC, a vinda de consultores de cinema para prestar orientações acerca dessa sala e, por fim, encaminhou à Funpec a aquisição de equipamentos de qualidade para a referida sala. Até o momento, o encaminhamento institucional foi de instalação da sala em um dos auditórios do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.



C I N E U F R N

PROGRAMA CULTURA E MEMÓRIA DA UFRN

Este Programa viabilizou a articulação de algumas ações no âmbito da memória e dos acervos da UFRN, a exemplo do apoio às edições do Seminário Memória, Universidade e Sociedade, realizado pela PROEX, bem como contribuiu para a implementação da Rede de Museus da UFRN (RUMUS), com vista à articulação de ações acadêmicas em ensino, pesquisa e extensão voltada ao desenvolvimento e à dinamicidade dos museus universitários (Museu Câmara Cascudo, Museu de Ciências Morfológicas, Museu do Seridó, Museu Abraham Palatnik). O Programa também viabilizou ou apoiou cursos sobre acervos museológicos, impulsionou a criação da plataforma como a Acervus, coordenada pela Superintendência de Informática da UFRN (Anexo D), de modo a abrigar e expor, em ambientes virtuais, o acervo de artes visuais da UFRN. Tal iniciativa viabilizou um maior acesso de estudantes, professores, artistas e grupos externos aos acervos culturais da UFRN. Somando-se a isso, o Programa Cultura e Memória desenvolveu ações no Museu Câmara Cascudo.



PROGRAMA DE EVENTOS PERMANENTES DA UFRN



Este Programa contribuiu com a promoção e a qualificação de eventos da UFRN, a exemplo da CIENTEC – Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN, que já existe há 20 anos e anualmente organiza uma programação cultural bastante intensa (oficinas, apresentações artísticas no Anfiteatro do Campus, palestras temáticas sobre cultura etc.); do Seminário de Arte e Cultura da UFRN. O Seminário funcionou, inclusive, como um espaço de diálogo e de avaliação do Plano de Cultura da UFRN, viabilizando mais participação e visibilidade de grupos e modalidades artísticas do RN e do Brasil, em parceria com as Fundações e Secretarias de Cultura de Natal e do RN como um todo. Além disso, apoiou algumas Semanas de Licenciatura em Dança, Teatro, Artes Visuais, de modo a tê-las como espaços de formação, de interação e de divulgação das produções artísticas em diálogo com grupos e interlocutores culturais externos à UFRN, incluindo como uma das prioridades a relação com a população em situação de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Teodora. **Encantos da Vila, vivenciando saberes**: uma experiência com arte, cultura e educação, Natal, RN. Programa BNB de Cultura/EDUFRN - Editora da UFRN, 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).
- BRASIL. Presidência da República. **Plano Nacional de Cultura**. LEI Nº 12.343, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2010.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. 2001. Acessado em: 20/03/2015. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MORIN, Edgar. **Epistemologia da complexidade**. In SCHNITMAN, Dora. Fried. (Org.). Novos Paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado** – questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL : 2010-2019. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. – Natal, RN, 2010.
- PLANO DE CULTURA DA UFRN: 2015- 2018. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte** – Natal, RN, 2015. Disponível em <http://www.nac.ufrn.br>. Acesso em março de 2018.
- PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: 2012. **Rede Nacional de Extensão (RENEX)**. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos>.
- REDE NACIONAL DE EXTENSÃO. RENEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária**: 2012. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos>.
- SANTOS, Boaventura de S. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; ALMEIDA FILHO, Naomar. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: [s.e.], 2008.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ACESSIBILIDADE CULTURAL COMO PROVOCAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DA UFRN

Jefferson Fernandes Alves
PPGArC/PPGEd/UFRN

A proposição de ações institucionais na área de acessibilidade cultural no contexto do Plano de Cultura da UFRN, em torno de um programa estruturante, apoia-se na compreensão de que o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico de pessoas com necessidades educacionais específicas, entre elas, as pessoas com deficiência, em contextos universitários inclusivos, pressupõe uma articulação entre os esforços educacionais referentes a processos e procedimentos de acessibilidade das práticas pedagógicas e dos materiais didáticos. Nesse aspecto, pressupõe-se que as práticas e os ambientes culturais, por sua vez, considerem a acessibilidade de tal maneira que não haja dissociação entre as dimensões educacionais e culturais da vida universitária.

Ao mesmo tempo, nós nos preocupávamos com a interlocução e a provocação de outros segmentos sociais e outras institucionais públicas de ensino superior, na perspectiva de compartilhar saberes e experiências em torno da agenda da acessibilidade cultural,

em favor da visibilidade e da incorporação dessa agenda nas diversas esferas sociais. Essa preocupação de articular as dimensões educacionais e culturais é atravessada pelo entendimento de que a materialização das iniciativas institucionais dessa agenda pressupõe a observância da formação permanente, de tal modo que nos ajudássemos a mobilizar o caráter inicial e continuado desta formação, construindo contextos de troca de saberes envolvendo graduandos e profissionais de diversas áreas de atuação que pudessem (e precisassem) ser afetados pela consideração dos direitos das pessoas com deficiência e de outros segmentos invisibilizados socialmente.

É preciso assinalar, ainda, que, tanto a compreensão ampliada da vida acadêmica, que articula as dimensões educacionais e culturais, como a preocupação com a formação permanente, estão marcadas pela consideração da indissociabilidade ensino, extensão e pesquisa, a qual nos orienta na proposição de iniciativas em torno da acessibilidade, a partir da constituição de

parcerias e interlocuções, com destaque para o envolvimento do Centro de Educação, da Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Especiais (CAENE) e da Secretaria de Educação a Distância (SEDIS), por intermédio do Setor de Acessibilidade. Nessa perspectiva, é preciso realçar, também, a parceria interinstitucional que se consolida, em torno dessa agenda, envolvendo a UFRN, a UFRJ e a UFRGS, tendo como referência a formação continuada de profissionais e agentes que atuam nas diversas esferas da educação e da cultura. Tais ações vêm permitindo o compartilhamento de estudos e a constituição de uma rede de agentes e de instituições de ensino superior, preocupados com inserção e consolidação da agenda formativa no campo da acessibilidade cultural no contexto universitário.

A acessibilidade como rearranjo intersemiótico

O fato de nos encontrarmos em torno da acessibilidade em ambientes educacionais e culturais, permite-nos assumir, como pano de fundo, o direito de todos à atuação, como leitores e produtores de signos, cuja ênfase à participação das pessoas com singularidades sensoriais, físicas, cognitivas e neurológicas traduz a necessidade de problematizarmos nossas concepções em relação ao outro e às construções simbólicas e espaciais que acolhem e provocam múltiplas interações afetivas, estéticas e epistêmicas. Isso pressupõe o protagonismo por parte de alguns segmentos sociais que, historicamente, procuram sair da invisibilidade para se apropriarem de lugares e de espaços que, até então, não foram concebidos para acolhê-los como agentes partícipes, procurando desestabilizar o estigma (GOFFMAN, 1988) do defeito, em favor da defesa de formas distintas de perceber, de se expressar, de conhecer e de viver. Essa visibilidade (a ser) construída, por sua vez, persegue a vida ordinária, ou seja, o exercício educacional e cultural de atribuir sentidos, como uma insígnia do direito à educação e à cultura e, por conseguinte, aos meios adequados e acessíveis de comunicação.

Ademais, o enquadramento teórico referente à acessibilidade comunicacional se apoia na compreensão da linguagem (verbal e não verbal) como construção social, por meio do qual os sujeitos agem no mundo. Assim, a linguagem como interação social pressupõe a interlocução, a relação intersubjetiva que considera os níveis dessa interação, os projetos de dizer, os posicionamentos sociais, os valores, o contexto mais amplo dessa interação, que abarca sujeitos, histórias e lugares.

Ademais, o enquadramento teórico referente à acessibilidade comunicacional se apoia na compreensão da linguagem (verbal e não verbal) como construção social, por meio do qual os sujeitos agem no mundo. Assim, a linguagem como interação social pressupõe a interlocução, a relação intersubjetiva que considera os níveis dessa interação, os projetos de dizer, os posicionamentos sociais, os valores, o contexto mais amplo dessa interação, que abarca sujeitos, histórias e lugares.

Essa compreensão de linguagem, assentada nos postulados de Bakhtin (2010), também nos permite interpretar os processos e procedimentos de acessibilidade comunicacional como iniciativas tradutórias que podem ser lidas como movimentos históricos e intersubjetivos de responsabilidades referentes às pessoas que não se enquadram nos parâmetros sociais de normalidade, considerando a participação social e semiótica nas diversas esferas da sociedade. Esse enfoque referente à tradução, considerando o direito comunicacional dessas pessoas, parte do pressuposto de que toda ação semiótica é uma ação tradutória (SOBRAL, 2008), uma vez que as enunciações verbais e não verbais mobilizam as dimensões individual e coletiva, em um trânsito intersemiótico entre o eu e o outro, pressupondo transcrição, a qual não diz respeito apenas ao deslocamento de um meio semiótico a outro, mas, sobretudo, ao trânsito axiológico.

Isso pressupõe a explicitação do que se entende por acessibilidade. Do ponto de vista da Lei Brasileira de Inclusão, no seu artigo 3º, a acessibilidade compreende:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

Na perspectiva de alargar a compreensão dessa abordagem conceitual, é preciso reiterar que a acessibilidade comporta atos responsáveis (BAKHTIN, 2010) construídos por vozes sociais que confrontam as diversas esferas públicas, na perspectiva de constituição de novas relações espaço-temporais, nas quais as pessoas com deficiência possam atuar responsivamente, incluindo as diversas práticas culturais e os diversos ambientes de ensino-aprendizagem. Estamos falando de encontros alteritários mediados por processos entre línguas distintas, internos à própria linguagem verbal, bem como entre as linguagens verbal e não verbal, as quais se atritam semioticamente em favor do exercício de tradutibilidades que evidenciem a condição dialógica da constituição inconclusa e intersubjetiva do ser humano.

Isso remete à compreensão do outro como sujeito semiótico que, embora não compartilhe dos mesmos códigos e linguagens para a atribuição de sentidos, possam exercer o direito à comunicação por intermédio de outras linguagens e outros procedimentos tradutórios. Assim, a pessoa com deficiência e outros segmentos diferenciados são compreendidos como leitores e produtores de enunciados, cuja participação discursiva em diversas esferas públicas não apenas provocam contextos de inteligibilidade e de tradutibilidade mas, sobretudo, participam responsivamente de cadeias semióticas que revelam os próprios fluxos de formação alteritária do eu e do outro.

Dessa maneira, estamos enredados em infinitas cadeias semióticas, que nos permitem a constituição alteritária e os tensionamentos sociais e subjetivos do encontro com o outro e, a partir deste, com nós mesmos. Tais encontros provocadores de compreensões responsivas podem gerar contextos interativos que, mesmo marcados pela natureza refrativa da atribuição de sentidos, provoquem fricções e mudanças nas imagens (geralmente, preconceituosas) que fazemos do outro, sobretudo, daqueles que são designados como “pessoas com deficiência”.

Assim, a questão da visibilidade e da alteração da partilha do sensível vincula a questão da comunicabilidade humana à constituição interativa e intersubjetiva da humanização, que pressupõe o enfrentamento das diversas formas excludentes de participação e representação do outro, transformando a própria ação semiótica em uma arena de disputa. Nesse caso, a acessibilidade compreende um posicionamento político e ético que ultrapassa a dimensão do acesso, compreendido pelo eixo da democratização de processos, de práticas e de bens sociais, ao considerar as diferenças culturais das pessoas, por conta das repercussões sociais de suas singularidades sensoriais, físicas e cognitivas.

A acessibilidade cultural como direito: provocando encontros

Se a acessibilidade como agenda e ação política procura engendrar contextos de alteração das partilhas do sensível, a constituição de um programa estruturante em acessibilidade cultural no Plano de Cultura da UFRN orientou-se pela perspectiva de instaurações de encontros acadêmicos como provocações que suscitem, entre outros aspectos, a visibilidade temática e curricular nos diversos cenários de formação (a ser) assumidos pela Universidade. Nesse processo, considera-se o envolvimento não apenas de agentes internos mas também que se mobilize a participação de representações de outras Instituições de Ensino Superior e de outros setores da sociedade, na medida em que as discussões e constituições de iniciativas devem mobilizar a todos(as). A seguir, abordaremos algumas provocações assumidas como agenda e ação política na área da acessibilidade cultural.

Encontrar-se é preciso

Nos dias 22 e 23 de novembro de 2016, realizamos o **I Encontro Potiguar de Acessibilidade em Ambientes Culturais**, contemplando 291 participantes, com o propósito de refletir sobre a acessibilidade e as políticas públicas na área de cultura, considerando o museu, o audiovisual, as práticas artísticas, a produção cultural, a leitura e o livro. Nesse sentido, esperávamos que estudantes, professores, artistas, dirigentes e produtores culturais, representantes de instituições e entidades ligadas à educação, à cultura e à arte se apropriassem de estudos, experiências e proposições em torno da acessibilidade, bem como participassem das reflexões com vista ao atendimento dos direitos culturais das pessoas com deficiência. Agregadas às reflexões desencadeadas pelas palestras e mesas redondas, foram previstas atividades na parte da noite, abrigadas naquilo que é designado como “[pro]posições”, a ser assumidas pelos professores convidados para o desdobramento teórico-prático daquilo que foi tratado nas mesas e exposições, como também o compartilhamento de novos enfoques no campo da acessibilidade, centrando-se, sobretudo, na metodologia do minicurso.



Foto: Arquivo Plano de Cultura

Figura 1 – Mesa de Abertura do I Encontro Potiguar de Acessibilidade em Ambientes Culturais. Salão Índico II do Hotel Holiday Inn – Natal/RN

Fotografia colorida da mesa de abertura do evento, composta, da esquerda para a direita, pelas seguintes pessoas, que estão sentadas: a Profa. Catarina Shin, presidente da CAENE; a Profa. Teodora Alves, diretora do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e coordenadora institucional do Plano de Cultura da UFRN; o Prof. Jefferson Fernandes, vice-diretor do Centro de Educação/UFRN e coordenador do evento (o qual faz seu pronunciamento); e a Profa. Patrícia Dorneles da UFRJ, palestrante do evento e representante da parceria interinstitucional UFRJ/UFRN/UFRGS. Fixada à frente da mesa, uma faixa na qual se destaca o nome do evento e as marcas das diversas instituições promotoras e apoiadoras (Programa Mais Cultura, Ministérios da Educação e Cultura, Governo Federal, Centro de Educação, Secretaria de Educação a Distância, Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais, Núcleo de Arte e Cultura, Pró-Reitorias de Extensão e Pós-Graduação, e Instituto Federal de Educação Tecnológica do RN. (Fim da descrição)

Verificando a programação, constatamos uma diversidade de temáticas e de colaboradores na perspectiva de abordarmos diversas dimensões da acessibilidade, como, por exemplo: a palestra Acessibilidade e políticas culturais: de onde começamos e para onde vamos? (assumida pela Profa. Patrícia Dorneles – UFRJ); a Produção Cultural e a Acessibilidade (mesa redonda com a Profa. Andreza da Nóbrega Arruda Silva – VouVer Acessibilidade/PE; Renata Silencio de Lima – IFRJ/RJ; Klistenes Bastos Braga – UECE/CE); Livro, Leitura e Acessibilidade (palestra assumida pela Profa. Carla Mauch – Ong Mais Diferenças/SP); Itinerários e Práticas Artísticas (mesa redonda com o Prof.

Marcos Antônio da Silva – Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do RN (IERC); a bailarina Joselma Soares de Araújo – Gira Dança/RN; a Profa. Adriana de Vasconcelos Torres – Centro de Atendimento às Pessoas com Surdez; Acessibilidade em Museus (palestra assumida pela Profa. Jeniffer Alves Cuty – UFRGS); A Acessibilidade no Contexto Acadêmico da UFRN (mesa redonda com o Prof. Ricardo Lins – CAENE/UFRN; Jefferson Fernandes Alves – CE/UFRN; Margareth Maciel Dias Furtado – BCZM/UFRN); Audiodescrição e Audiovisual (palestra assumida pela Profa. Soraya Ferreira Alves – UNB); Projetos artístico-acadêmicos e as interfaces com a acessibilidade (mesa redonda com a Profa. Catarina Shin Lima de Souza e com a Profa. Elke Beatriz Riedel, ambas da Escola de Música/UFRN).

Nos dois dias do evento, na programação noturna, foram ofertados, simultaneamente, vários minicursos, com o propósito de fomentar a constituição de ambiências teórico-práticas que suscitasse desdobramentos e aprofundamentos de questões que haviam sido abordadas nas palestras e/ou nas mesas redondas. Nessa direção, destacamos os seguintes minicursos: Leitura e Acessibilidade (Profa. Carla Mauch – Ong Mais Diferenças/SP); Museu e Acessibilidade (Profa. Jeniffer Cuty/UFRGS); Audiodescrição e Audiovisual (Profa. Soraya Ferreira/UNB); Produção em Acessibilidade Cultural (Profa. Andreza Nóbrega – VouVer Acessibilidade/PE); Acessibilidade como componente curricular (Renata Silencio/IFRJ); A audiodescrição em eventos (Prof. Klistenes Braga – UECE/CE); Co-nexos-Danceability (Profa. Elke Riedel – EMUFRN/UFRN).

Face ao exposto, o I Encontro Potiguar de Acessibilidade em Ambientes Culturais procurava aglutinar experiências, estudos e práticas artísticas e acadêmicas em torno da acessibilidade, com o intuito de estabelecer um contexto de diálogo entre professores, estudantes, pesquisadores, dirigentes, artistas e produtores culturais em favor da emergência (e consolidação) dessa temática no contexto do RN. Nessa perspectiva, destaca-se a necessidade de lutarmos pela preservação e pela ampliação das políticas educacionais e culturais para toda a população brasileira, incluindo as pessoas com deficiência. Ademais, ressalta-se que a mobilização de colaboradores da UFRN e de outras instituições e entidades do RN e do país compreendia um esforço interinstitucional de troca de saberes em torno da agenda da acessibilidade cultural, sobretudo por conta de uma parceria em consolidação, envolvendo a UFRN (Prof. Jefferson Fernandes), a UFRJ (Profa. Patrícia Dorneles) e a UFRGS (Prof. Eduardo Cardoso).

Por fim, é importante ressaltar que a ideia do evento se assentava, por um lado, na possibilidade de renovar as parcerias com entidades e instituições na área de cultura e de educação que se dedicam à acessibilidade, tendo como referência o fortalecimento das interfaces em torno de estudos e de experiências nesta área; por outro, o evento em questão se orientava pela perspectiva de constituição de ambiências provocadoras que sensibilizassem os diversos participantes, considerando a necessidade de alteração das partilhas do sensível que ainda operam com lógicas excludentes e estigmatizadoras.

Os encontros como (des)formação

A ideia da constituição de encontros, em seus múltiplos formatos (eventos, cursos e apresentações), toma como referência um enfoque sobre a pessoa que apresenta singularidades corporais, cognitivas, sensoriais ou neurológicas, procurando se distanciar da representação estereotipada dessas pessoas, conforme denuncia Skliar (1999, p. 19), uma vez que “Os sujeitos são homogeneizados, infantilizados e, ao mesmo tempo naturalizados, valendo-se de representações sobre aquilo que está faltando em seus corpos, em suas mentes e em sua linguagem”.

Assim, os esforços empreendidos em favor da desnaturalização das formas como olhamos para o outro procura se afastar dos enfoques assistencialista e biomédico, orientando-se pelo viés que procura refletir a deficiência como uma construção social, pois,

[...] é necessário inverter aquilo que foi construído como norma, como regime de verdade e como problema habitual: compreender o discurso da deficiência, para logo revelar que o objeto desse discurso não é a pessoa que está na cadeira de rodas ou o que usa o aparelho auditivo ou ainda o que não aprende segundo o ritmo ou a forma como a norma espera, senão processos sociais, históricos, econômicos e culturais que regulam e controlam a forma acerca de como são pensados e inventados os corpos e as mentes dos outros (SKLIAR, 1999, p. 18).

Nesse sentido, a construção de narrativas sobre o outro que é diferente, pautando-se na compreensão da falta, da incapacidade e do favor, ao consagrar determinada repartição do sensível, por meio da qual distribui simbolicamente e efetivamente aqueles(as) que não se enquadram nos padrões de normalidade em lugares e esferas de atuação restrita, ratifica, também, os modos de vida daqueles que são considerados normais, naturalizando, como isso, a exclusão como um valor social. Por sua vez, o enfoque explicativo da deficiência pelo viés social problematiza o próprio conceito de normalidade.

A normalidade, entendida ora como uma expectativa biomédica de padrão de funcionamento da espécie, ora como um preceito moral de produtividade e adequação às normas sociais, foi desafiada pela compreensão de que deficiência não é apenas um conceito biomédico, mas a opressão pelo corpo com variações de funcionamento. A deficiência traduz, portanto, a opressão ao corpo com impedimentos: o conceito de corpo deficiente ou pessoa com deficiência devem ser entendidos em termos políticos e não mais estritamente biomédicos (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 65).

Nesse caso, a emergência de encontros em torno da temática da acessibilidade persegue as possibilidades de desnaturalização do olhar em relação ao outro que se desvia, que rasura e que se distancia dos padrões hegemônicos de normalidade, na perspectiva de provocações em favor de movimentos desformadores das referências axiológicas que fundamentam a compreensão do ser humano como homogeneidade.

Sob essa ótica, informamos algumas iniciativas formativas no campo da acessibilidade. Nos períodos de 05 a 07 de outubro e nos dias 22 e 23 de novembro de 2016, realizamos o curso “Audiodescrição para Eventos” (20h), ministrado pelo Prof. Klistenes Braga, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE e membro do Grupo de Estudos em Legendagem e Audiodescrição (LEAD), coordenado, à época, pela Profa. Dra. Vera Santiago (UECE), contemplando cerca de 18 participantes, que representavam não apenas a UFRN mas também outras Instituições de Ensino Superior e outros segmentos sociais. Tal curso buscou focar as singularidades da audiodescrição em eventos, considerando os desafios e as possibilidades desse processo tradutório em contextos de acontecimentos irrepetíveis e das possíveis manifestações do acaso.



Foto: Arquivo Plano de Cultura

Figura 2: Curso de audiodescrição para eventos. Auditório da SEDIS/UFRN

Descrição: fotografia colorida de uma exposição oral dialogada do Prof. Klistenes Braga, posicionado de frente e à direita da turma. Ele explora um slide, exposto à esquerda, no qual apresenta aspectos teóricos da audiodescrição. De frente para o Prof. Klistenes e de costas para o fotógrafo, sentados diante de computadores, alguns cursistas acompanham a explanação oral. (Fim da descrição)

A audiodescrição é compreendida como um procedimento de tradução intersemiótica que procura transcriar conteúdos imagéticos por meio do signo verbal, na perspectiva de tornar acessíveis tais conteúdos para a apropriação, principalmente, de pessoas com deficiência visual. No caso em questão, a audiodescrição ao vivo pressupõe um roteiro preliminar em relação à estruturação do evento (local, programação, informações sobre os expositores e os respectivos conteúdos dessa exposição), com o propósito de que essas pessoas possam participar e atribuir sentidos aos eventos, sobretudo acadêmicos. “Neste caso, podemos entender a audiodescrição como uma atitude responsiva às obras, aos eventos e às atividades dos diversos campos da produção cultural, com o propósito de desencadear respostas próprias por parte das pessoas com deficiência visual” (ALVES, 2014, p. 267).

Ainda em 2016 (05 a 07 de outubro), realizamos o curso de Legendagem para Surdos e Ensurdidos (12h), contemplando 21 participantes, direcionado para a comunidade universitária e para representações de outros segmentos sociais. Tal curso foi ministrado pela Profa. Bruna Alves Leão, à época, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, e membro do Grupo de Pesquisa em Legendagem e Audiodescrição (LEAD).



Foto: Arquivo Plano de Cultura

Figura 3 – Curso de Legendagem para Surdos e Ensurdecidos. Auditório da SEDIS/UFRN

Descrição: A professora Bruna Leão, em pé e à frente da turma, olha e aponta para a projeção de um slide, à esquerda, no qual é explorada a distinção entre a legenda para ouvintes e a legenda para surdos. Diante dela e de costas para o fotógrafo, alguns participantes sentados acompanham a explanação da professora. À direita destes, alguns computadores para ser usados na parte prática do curso (Fim da descrição).

Tal curso assumia como propósito sensibilizar os participantes para o desenvolvimento da legendagem, enfocando, para tanto, os estudos da tradução audiovisual acessível, tendo como referência as pesquisas realizadas pelo Grupo LEAD/UECE. Ademais, abordou experiências com a LSE para o teatro e para o audiovisual, bem como compartilhou orientações para as etapas de legendagem: tradução-marcação (início e fim da legenda) e revisão-gravação no vídeo ou projeção no caso das legendas eletrônicas.

[...] a LSE consiste num tipo de tradução que se assemelha em grande parte à legendagem para ouvintes, com a diferença que a LSE traduz em texto escrito os efeitos sonoros e identifica os falantes com o intuito de que surdos e ensurdecidos possam construir a narrativa do produto audiovisual através dos elementos sonoros e da distinção dos falantes (CHAVES, 2012, p. 32).

O curso foi planejado devido à necessidade de que a UFRN e outras instituições se organizassem para assegurar a acessibilidade por meio da Legendagem para Surdos e Ensurdecidos, como forma de atender os direitos das pessoas surdas, no que se refere à acessibilidade comunicacional. Nessa direção, a colaboração dos professores Klístenes Braga e Bruna Leão deu-se em decorrência de uma parceria estabelecida com a Profa. Dra. Vera Santiago, que orientava os doutorados dos respectivos professores e coordenava, também, o Grupo de Pesquisa em Legendagem e Audiodescrição (LEAD), cujos estudos nessas áreas converteram-se em referências para as iniciativas que estávamos empreendendo no contexto da UFRN. Como desdobramentos dessa parceria, na área da LSE, em anos subsequentes, registra-se a participação da Profa. Vera Santiago em visitas técnicas e formativas, bem como das professoras Bruna Leão e Élide Gama, tendo como foco as ações desenvolvidas pelo Setor de Acessibilidade da SEDIS, convertendo-se em um setor de referência nessa área na UFRN. Essas e outras iniciativas foram objeto

Levando em conta a necessidade de que a agenda da acessibilidade também considerasse os espaços dos museus, realizamos, no período de 14 de agosto a 04 de dezembro de 2017, o Curso de Acessibilidade em Museus (compreendendo 13 encontros, com um total de 85 horas e com 30 vagas), tomando como referência, mais uma vez, a articulação interinstitucional UFRJ/UFRN/UFRGS, na perspectiva de mobilizar pesquisadores e colaboradores nacionais e locais para a efetivação do conteúdo programático do mencionado curso. O processo de construção da proposta, além de pressupor a interlocução com esses profissionais convidados, tomou como referência o envolvimento da Rede de Museus da UFRN (RUMUS), na perspectiva de avaliar e alterar a proposta do mencionado curso, além da indicação de representantes dos museus para cursarem essa atividade formativa. Em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), também foram emitidos convites para outros museus e instituições culturais do Rio Grande de Norte para a indicação de representantes. O propósito do curso de acessibilidade em museus se pautou na sensibilização dos profissionais vinculados ao museu, à educação e à gestão cultural em relação à acessibilidade cultural, na perspectiva de incorporação dessa temática nos planos de ação das instituições museológicas, de tal maneira que possam iniciar estudos e a busca pela acessibilidade dos respectivos acervos, em íntima relação com as propostas educacionais dos museus.

Para tanto, metodologicamente, o curso foi dividido em duas partes. Na primeira parte, foram priorizados os aportes teórico-experienciais em diversas áreas, sob a coordenação de professores da UFRN (Jefferson Fernandes, Beth Romani e Flávia Roldan) e de profissionais convidados (Profa. Miryam Pelosi e Profa. Vera Vieira, UFRJ;

Prof. Eduardo Cardoso e Kemi Oshiro, UFRGS; e a Profa. Daina Leyton, Museu de Arte de São Paulo), cujos conteúdos orbitaram em torno das questões legais, conceituais e procedimentais da acessibilidade, considerando o contexto do museu e as diversas modalidades de acessibilidade. Na segunda parte, após uma avaliação daquilo que foi vivenciado até o momento no curso, foi priorizado um exercício de intervenção em dois ambientes expositivos do Museu Câmara Cascudo e do Museu de Ciências Morfológicas, assumindo um caráter de experimentação e de proposição adaptativa como forma de materializar os saberes e as experiências compartilhadas na primeira parte. Por conseguinte, essa última etapa procurou deflagrar uma iniciativa prática, considerando a utilização de materiais de baixo custo, bem como a importância de construção de um plano de acessibilidade para orientar os esforços institucionais em favor da alocação de recursos para a efetivação de ambientes acessíveis nos museus.

Figura 4 – Curso Acessibilidade em museus. Aula sobre audiodescrição do Prof. Eduardo Cardoso (UFGRS). Sala de aula do Museu Câmara Cascudo.



Descrição: Fotografia colorida de uma sala de aula, na qual cerca de 20 pessoas estão sentadas em carteiras dispostas em 4 filas. À frente da turma, o Prof. Eduardo Cardoso, em pé e à direita, escuta o questionamento de uma moça, situada mais à esquerda e ao fundo da sala. Todos a escutam atentamente. Algumas pessoas que estão sentadas mais à frente viram-se na direção da colega que apresenta suas questões (Fim da descrição).

Tal proposição formativa assume como pressuposto a problematização da hegemonia visuocêntrica das propostas expositivas dos museus, cujas mediações se orientam, quase que exclusivamente, pelo agenciamento da visão. Assim, considerando as possibilidades de alargamento das formas de mediação cultural e da própria compreensão da educação em museus, a pauta da acessibilidade suscita a mobilização de outras matrizes sensoriais que, mesmo tomando como referência a fruição de pessoas com deficiência, contemplaria todos os segmentos sociais que visitam os ambientes museais. Nessa perspectiva,

O desenvolvimento do pertencimento cultural, que é um dos principais objetivos dos museus na atualidade, pode ter a mediação sensorial como estratégia lançando mão de recursos olfativos, de apelo ao paladar, sonoros e táteis, além é claro do recorrente apelo visual. A percepção sensorial não pressupõe conhecimentos intelectuais, domínio de linguagem ou idioma e familiaridade com ofertas culturais; ela é livre das barreiras inerentes à origem elitizada e acadêmica dos museus e tem o poder de envolver e cativar toda a diversidade de público dos museus (SARRAF, 2008, p. 28).

Um dos desdobramentos do curso de acessibilidade em museus foi a constituição de um grupo de trabalho, no contexto da UFRN, nucleado pelos professores Jefferson Fernandes (Centro de Educação) Flávia Roldan (Centro de Educação), Cristina Camilo (Centro de Ciências Biológicas), Magnólia Fernandes (Centro de Ciências Biológicas) e Beth Romani (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), que vem propondo projetos de extensão (2018/2019) no contexto dos ambientes museais da UFRN (Museu de Ciências Morfológicas e Museu Câmara Cascudo), na perspectiva de implantação da acessibilidade cultural nos museus mencionados, a partir da mobilização de graduandos, servidores técnico-administrativos e professores, em contextos extensionistas de formação.

Tal proposição formativa assume como pressuposto a problematização da hegemonia visuocêntrica das propostas expositivas dos museus, cujas mediações se orientam, quase que exclusivamente, pelo agenciamento da visão. Assim, considerando as possibilidades de alargamento das formas de mediação cultural e da própria compreensão da educação em museus, a pauta da acessibilidade suscita a mobilização de outras matrizes sensoriais que, mesmo tomando como referência a fruição de pessoas com deficiência, contemplaria todos os segmentos sociais que visitam os ambientes museais. Nessa perspectiva,

O desenvolvimento do pertencimento cultural, que é um dos principais objetivos dos museus na atualidade, pode ter a mediação sensorial como estratégia lançando mão de recursos olfativos, de apelo ao paladar, sonoros e táteis, além é claro do recorrente apelo visual. A percepção sensorial não pressupõe conhecimentos intelectuais, domínio de linguagem ou idioma e familiaridade com ofertas culturais; ela é livre das barreiras inerentes à origem elitizada e acadêmica dos museus e tem o poder de envolver e cativar toda a diversidade de público dos museus (SARRAF, 2008, p. 28).

Um dos desdobramentos do curso de acessibilidade em museus foi a constituição de um grupo de trabalho, no contexto da UFRN, nucleado pelos professores Jefferson Fernandes (Centro de Educação) Flávia Roldan (Centro de Educação), Cristina Camilo (Centro de Ciências Biológicas), Magnólia Fernandes (Centro de Ciências Biológicas) e Beth Romani (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), que vem propondo projetos de extensão (2018/2019) no contexto dos ambientes museais da UFRN (Museu de Ciências Morfológicas e Museu Câmara Cascudo), na perspectiva de implantação da acessibilidade cultural nos museus mencionados, a partir da

mobilização de graduandos, servidores técnico-administrativos e professores, em contextos extensionistas de formação.

Considerando a formação inicial no contexto universitário, ressalta-se o esforço de inserção curricular da acessibilidade cultural, na perspectiva de alargamento das experiências no ensino da graduação. Embora já tenhamos a manifestação curricular da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva como obrigatória ou optativa para alguns cursos, a possibilidade da sistematização de um componente centrado na acessibilidade cultural configura-se como uma ambiência curricular promissora para contribuir com a formação de futuros profissionais de diferentes áreas, os quais deverão atuar em múltiplos cenários.

Em decorrência da reestruturação do Currículo de Pedagogia Presencial, em 2017/2018, propusemos, juntamente com a Profa. Flávia Roldan, um componente optativo designado de (PEC 1029) “Acessibilidade, Educação e Ambientes Culturais”, com 30 horas, previsto para ser ofertado no semestre 2019.2. Nessa mesma direção, a Profa. Beth Romani propôs, para o curso de Design, o componente curricular optativo designado de (DGN 0841) “Design Inclusivo e Artefatos Gráficos”, já ofertado em 2018.2. É óbvio que a organização de componentes curriculares específicos não dará conta da necessidade de universalização da pauta da acessibilidade, pois o enfoque a ser assumido pressupõe uma abordagem transversal que mobilize os eixos indissociáveis da pesquisa, do ensino e da extensão, mas tais componentes podem se converter em “nós” de uma rede que possam estabelecer conexões, levando em conta tais eixos.

Considerando a possibilidade de constituição de uma trama curricular que não se aparta da configuração de componentes curriculares específicos, em articulação com a Profa. Angela Pavan, coordenadora do Curso de Audiovisual da UFRN, organizamos, nos dias 28 e 29 de outubro de 2018, com carga horária de 10 horas, o minicurso “Audiodescrição no cinema – A formação de uma memória dos artifícios do cinema por meio da linguagem cinematográfica na audiodescrição”, ministrado por Bell Machado, contemplando 96 pessoas. Tal minicurso, embora aberto para o público em geral, priorizou realizadores de audiovisual do RN, além de professores e estudantes do curso de audiovisual. Como objetivos, assumiu promover um debate sobre as formas de tradução das imagens do cinema, destacando a importância da linguagem cinematográfica na feitura do roteiro de audiodescrição. Buscou, ainda, refletir sobre a arte como mediadora da inclusão, tendo como referência o papel da audiodescrição na fruição da arte por parte das pessoas com deficiência visual.

A abordagem de Bell Machado sobre a audiodescrição de filmes, a partir de reflexões filosóficas sobre o olhar, ao assumir a própria linguagem cinematográfica como estruturante do procedimento tradutório, suscita um enfoque estético da audiodescrição, que concorreria para a apropriação fílmica por parte das pessoas com deficiência visual como obra de arte e como linguagem. Sob esse viés, a fruição fílmica acessível compreenderia exercícios de direitos culturais de acesso à imagem, que poderiam concorrer para a construção, por parte das pessoas com deficiência visual, de olhares próprios não

apenas em relação aos enunciados fílmicos, mas, sobretudo, em relação à própria vida (MACHADO, 2015).

Esse realce da dimensão estética da audiodescrição no que concerne à acessibilidade do audiovisual provocou reflexões promissoras em relação à necessidade de que a área de comunicação social deveria incorporar curricularmente essa temática nos seus respectivos cursos de graduação. A esse respeito, contando com a colaboração da Profa. Angela Pavan, estamos discutindo a possibilidade de constituição de um componente curricular optativo na área de acessibilidade e audiovisual que pudesse contemplar os alunos dos cursos de Audiovisual, de Publicidade e de Jornalismo da UFRN. Essa possibilidade de inserção curricular assume como horizonte institucional a necessidade de incorporação da acessibilidade nas diversas ações acadêmicas que concorrem para o desencadeamento de processos formativos em suas dimensões inicial e continuada de diversas áreas de atuação profissional, em observância aos direitos educacionais e culturais daqueles(as) que não se enquadram nos padrões hegemônicos de normalidade.

Por novos desenhos alteritários

A compreensão do encontro que assumimos com a acessibilidade toma como referência a condição humana da intersubjetividade, que engendra processos alteritários em movimentos contínuos e permanentes de constituição de si e do outro, de tal modo que os contextos educacionais e culturais que são engendrados como manifestações desse encontro são provocados a expandirem-se em favor da participação de outros segmentos sociais, historicamente aliados de seus direitos mais fundamentais. Isso pressupõe novos arranjos no partilhamento do sensível, uma vez que tempos e espaços são afetados em favor de reinvenções axiológicas e comunicacionais, em decorrência de que a necessária visibilidade política e semiótica desses segmentos emergentes provoca rasuras na compreensão hegemônica de normalidade assumida socialmente, e, de forma recorrente, naturaliza as desigualdades engendradas a partir da compreensão estigmatizadora das singularidades sensoriais, cognitivas, neurológicas e físicas.

A desvantagem social vivenciada pelas pessoas com deficiência não é uma sentença da natureza, mas o resultado de um movimento discursivo da cultura da normalidade, que descreve os impedimentos corporais como abjetos à vida social. O modelo social da deficiência desafiou as narrativas do infortúnio, da tragédia pessoal e do drama familiar que confinaram o corpo com impedimentos ao espaço doméstico do segredo e da culpa (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 74).

Nesse caso, as iniciativas desencadeadas em torno da acessibilidade cultural no contexto do Plano de Cultura da UFRN, ao levar em conta o modelo social como referência de ação, considera esses segmentos como sujeitos de direito, cuja perspectiva de apropriação dos procedimentos e dos artefatos acessíveis toma como horizonte de sentido a perspectiva do protagonismo político-semiótico, que pressupõe não apenas a apropriação dos conteúdos veiculados nos processos comunicacionais mas ainda das linguagens e de sua estruturação correspondentes. Nesse sentido, “Essa apropriação e mobilização das linguagens e dos seus códigos devem ser compreendidas como dimensões articuladas de um protagonismo discursivo a ser estimulado, o qual deve ser orientado pela diferença como aspecto da alteridade e da inconclusibilidade humana [...]” (ALVES, 2012, p. 99)

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. A audiodescrição e a dimensão estética da apreensão das imagens por parte das pessoas com deficiência visual. In: MARTINS, L. A. R. et al. **Caminhos para uma educação inclusiva: políticas, práticas e apoios especializados**. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 263-276.

ALVES, J. F. A audiodescrição no contexto escolar: a imagem sendo revelada pela palavra. In: VARELA, M. C. et. al. (org.). **Escola inclusiva e formação continuada de professores: diálogos entre teoria e prática**. v. 2, Natal: EDUFRN, 2012. p. 87-104.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 29 mar. 2019.

CHAVES, E. G. **Legendagem para surdos e ensurdecidos: um estudo baseado em corpus da segmentação nas legendas de filmes brasileiros em DVD**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, p. 65-77, dez. 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MACHADO, I. P. **A parte invisível do olhar - audiodescrição no cinema: a constituição das imagens por meio das palavras - uma possibilidade de educação visual para a pessoa com deficiência visual no cinema**. 2015. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RANCIÈRE, J. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SARRAF, V. P. **Reabilitação do museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade**. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SKLIAR, C. B. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade. **Educação Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 15-33, 1999.

SOBRAL, A. **Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

CHÃO DE SABERES: OUTROS MODOS INTERATIVOS

Teodora de Araújo Alves
NAC/UFRN
DEART/UFRN

As instituições educacionais são, entre outros aspectos, formas de organização das sociedades. Do latim “*institutiōne*” significa sistema; disposição; algo instituído, estabelecido ou fundado. Trata-se de um organismo que cumpre (ou deveria cumprir) com uma função de utilidade pública, normatizando, estruturando, instituindo regras para o bem comum. Em geral, possuem diretrizes, metas e princípios norteadores, são perenes e guiadas por uma missão. No caso da instituição de natureza educacional, sua maior missão, obviamente, deve ser a de educar. Educar construindo conhecimento; acessando conhecimentos já instituídos; conhecendo outras formas de saberes e fazeres, contribuindo para a formação cidadã e profissional dos sujeitos.

A questão inicial é como se formam ou quem elege as normas, os princípios, as determinações que configuram as instituições; quais valores, quais concepções e interesses estão em cada ato instituído. Nesse sentido, podemos pensar qual educação historicamente temos instituída e de qual precisamos de fato: seria uma educação da obediência ao que institucionalmente foi determinado como paradigma instituído de conhecimento ou uma educação para a formação criativa, interativa, sustentável e humanista?

Na instituição universitária seria, portanto, propício criarmos um programa voltado à diversidade étnica e cultural, à diversidade de saberes e à promoção de um diálogo efetivo entre os saberes acadêmicos e populares, transitando por outros caminhos, provocando outros fluxos, outras tramas do conhecimento e nos levando ao encontro de uma educação muito mais integral, reflexiva e humana? O Programa Chão de Saberes emergiu desse contexto de inquietudes e questionamentos.

Sabíamos que isso não significava considerarmos somente a ideia de interdisciplinaridade (de diálogo entre disciplinas), mesmo porque continuávamos disciplinados. Não se trata apenas de considerarmos os saberes dos discentes, em momentos pontuais das aulas, mas de fazer da universidade e da comunidade ambientes de conexões; de aprendizados sistêmicos; de trocas; de outros modos de ser e agir na condição de estudantes, professores e, sobretudo, sujeitos corporais, culturais, criativos e críticos do mundo em que vivemos.

Os processos da educação integral requerem que pensemos muito mais nas relações, nas trocas do que na permanência, no território apenas (seja ele acadêmico ou comunitário). Os sujeitos envolvidos nos processos educacionais institucionais trazem suas experiências que, quando consideradas e somadas a outros novos fios de saberes, são capazes de produzir conhecimentos muito mais significativos; mergulhando em outras experiências e elaborações, dialogando com outros pontos de vistas, dados, técnicas. Trata-se de um sujeito que se reconhece a partir do seu mundo vivido, mas que transita por outros mundos possíveis de enriquecer o seu próprio. Seria o mundo vivido junto ao mundo das fronteiras e dos territórios.

Nesse processo vivencial e educativo, o professor continua existindo, mas é aquele mediador, condutor, orquestrador com visão ampla e conhecimentos específicos. Nessa perspectiva, podem surgir outros tipos de professores ou mediadores presentes nos vários espaços-tempos da educação integral que são os mestres, as mestras, os griôs, a comunidade, pois nesse espaço está uma educação da escuta, do diálogo intergeracional, com contradições, apostas e riscos.

Caminhar por esse percurso reflexivo nos leva a pensarmos em políticas educacionais e culturais voltadas à valorização, à manutenção e à inserção de outros modos de ensinar e aprender na universidade e fora dela. Isso exige de nós, docentes e gestores, uma postura muito mais progressista frente à realidade na qual nos inserimos. Porém, nem sempre a própria universidade a conhece o suficiente.

Nesses termos, problematizar os modos de ensinar e aprender, a partir da dimensão política da cultura significa inicialmente considerar o artigo 215 da Constituição Brasileira (BRASIL, 1990), ao afirmar que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais”. Nesse contexto, temos a ideia da cultura como um direito de todos os cidadãos e, portanto, pensada como objeto e sujeito de políticas públicas. Antes dessa garantia, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) em seu artigo 27 já expressava que toda pessoa tem direito a tomar parte livremente da vida cultural da comunidade, gozar dos progressos artísticos e científicos que dela resultem, enquanto o Estado deve tomar parte para alcançar esses objetivos.

O acesso à cultura e às artes depende e é possível, entre outras condições, por meio da mudança de uma concepção de educação secular cristalizada, enquadrada nos muros institucionais, para uma educação do vivido, com outras vias de formação, difusão e fruição de saberes. É preciso conhecer para usufruir, para propor questões mobilizadoras, para participar e transformar realidades; sentir-se parte dela. Como pensarmos nisso desde a educação básica até a universidade? Como viabilizarmos o acesso às artes e à cultura ao longo da vida? Seria também uma questão política? Há vários aspectos a destacar e a compreender nesse assunto e, a esse respeito, nós nos debruçaremos não necessariamente em diretivas, mas em questões e reflexões que tomamos por base para o desenvolvimento do Plano de Cultura da UFRN e, nesse caso, mais especificamente na execução do Programa Chão de Saberes, em função do seu foco relacionado à promoção do diálogo entre saberes populares e acadêmicos. Tais saberes são considerados como decorrentes de práticas das culturas e de diversos grupos étnicos, incluindo suas questões, seus fazeres e aprendizados, suas resistências e suas lutas.

Quando olhamos em nosso entorno verificamos o quanto, nos mais diversos campos da gestão pública, a cultura e, mais ainda, o recorte da arte, sempre foi considerada uma área secundária, de menor importância, com pouco investimento na formação, difusão e fruição. Diria que pouco ainda se conhece acerca da importância e do valor que essa área possui e do impacto de suas reverberações em outras áreas. Cultura, nesse caso, não se refere à noção restrita e elitista de formação intelectual e de artes institucionalizadas e somente vinculadas ao patrimônio histórico; mas é considerada como o ambiente de produção de conhecimento e de relações criadas e recriadas cotidianamente para dar sentido à existência.

Sob essa ótica, a revisão de conceitos de cultura passa pela ampliação do sentido antropológico e da reflexão sobre o que é arte. Para isso, nós nos aproximamos de Merleau-Ponty e percebemos esses fenômenos como pertencentes ao mundo vivido, ao campo das experiências vividas, sentidas, compartilhadas, encarnadas no corpo como vetor semântico para a compreensão do mundo. Em *A prosa do mundo*, Merleau-Ponty afirma:

O mundo não existe apenas para mim, mas para tudo o que, nele, acena para ele. Há uma universalidade do sentir – e é sobre ela que repousa nossa identificação, a generalização de meu corpo, a percepção do outro. Percebo comportamentos imersos no mesmo mundo que eu, porque o mundo que percebo arrasta ainda comigo minha corporeidade, porque minha percepção é impacto do mundo sobre mim e influência dos meus gestos sobre ele, de modo que, entre as coisas visadas pelos gestos do adormecido- e esses gestos mesmos, na medida em que ambos fazem parte do meu campo (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 224).

Merleau-Ponty nos faz pensar a arte como um advento, um vir a ser do que nunca existiu antes. Tal pensamento se associa ao do poeta Ferreira Gullar (apud CHAUÍ, 2004, p. 271):

A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um mundo, outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo, ou mais ordenado [...] naturalmente esse mundo outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo.

Considerando que constitucionalmente o acesso à cultura é um direito de todos, e nesse sentido, a arte também pode ser pensada como cultura e se materializa pela criação de um mundo novo, de um advento, então a arte deveria chegar a todos? Ou quais artes e culturas deveriam estar acessíveis? Como pensarmos na democratização do acesso à cultura e à arte? O que fazer para que as pessoas tenham acesso, lutem por seus direitos? O que isso tem a ver com educação e política? Nessa direção, a etnomusicóloga colombiana, Ana Maria Ochoa Gautier (2002), entende que, nas últimas décadas, tem ocorrido mudanças nas fronteiras entre arte, cultura e política, de modo que a cultura é cada vez mais requisitada como área crucial de intervenção na ordem social e política, incluindo, em particular, as artes.

Em uma das compreensões sobre cultura, o agora extinto Ministério da Cultura, definiu-a a partir de três dimensões, a saber: simbólica, cidadã e econômica.

Dimensão simbólica: inovação e experimentação estética; circulação, distribuição e difusão dos bens culturais; contribuição para preservação, memória e tradição; expressão da diversidade cultural brasileira; contribuição à pesquisa e reflexão; e promoção da excelência e da qualidade. Dimensão econômica: geração e qualificação de emprego e renda; desenvolvimento das cadeias produtivas culturais; fortalecimento das empresas culturais brasileiras; internacionalização, exportação e difusão da cultura brasileira no exterior; fortalecimento do intercâmbio e da cooperação internacional com outros países; profissionalização, formação e capacitação de agentes culturais públicos e privados; e sustentabilidade e continuidade dos projetos culturais. Dimensão social: ampliação do acesso da população aos bens, conteúdos e serviços culturais; contribuição para redução das desigualdades territoriais, regionais e locais; impacto na educação e em processos de requalificação urbana, territorial e das relações sociais; incentivo à formação e manutenção de redes, coletivos, companhias e grupos socioculturais; redução das formas de discriminação e preconceito; e fortalecimento das iniciativas culturais das comunidades (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2012).

Ainda na perspectiva do MinC, quando se trata de políticas culturais, estas devem reconhecer e valorizar o capital simbólico, por meio do fomento à sua expressão múltipla, gerando qualidade de vida, autoestima e laços de identidade entre os brasileiros. Nesse contexto, precisam ser considerados os indicadores de acesso a bens e equipamentos culturais no Brasil, o que atualmente reflete conhecidas desigualdades, estando entre os piores do mundo. Tais indicadores demonstram que apenas uma parte mínima da população brasileira tem o hábito da leitura, frequenta teatros, museus ou cinemas. Além disso, ainda é grande a concentração da infraestrutura cultural, dos serviços e dos recursos públicos para a cultura alocados em poucas regiões, territórios e restritos a determinados segmentos sociais, excluindo-se histórica e consideravelmente das políticas públicas a cultura das populações tradicionais como as indígenas e os grupos afro-brasileiros.

Podemos entender política cultural como sendo um conjunto de princípios, objetivos e estratégias voltado ao desenvolvimento cultural das populações. Em outras palavras, conforme nos diz o pesquisador Teixeira Coelho,

A política cultural é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 293).

Frente a isso, podemos pensar sobre quem define as necessidades da população quando falamos em política cultural. Para Eduardo Bolán (2006, p. 19), para além de uma organização administrativa centralizada por parte do governo sobre a cultura, ocorrem interesses e tensões entre o poder político e o campo da cultura e da arte, pois “Toda reflexão sobre política cultural se refere, em última instância, ao exercício do poder e à tomada de decisões do Estado ou dos agentes sociais”. A questão é como se formam ou quem elege as normas, os princípios, as determinações que configuram as políticas culturais; quais valores, quais concepções e interesses estão por trás de cada ato instituído. Nessa direção, volto ao pensamento já citado: é preciso conhecer para usufruir, para propor questões mobilizadoras, para participar e transformar realidades; sentir-se parte dela; lutar por acesso aos espaços de poder.

Outros autores, a exemplo de Teixeira Coelho, argumentam sobre a importância da sociedade civil como agente de políticas culturais. No que tange à política ser de natureza pública, diz ainda Bolán (2006), a política cultural deve considerar os acordos sociais e políticos sobre os objetivos e necessidades que deve atender.

Revisitando brevemente a história das políticas culturais no Brasil, constatamos que, por um lado, as iniciativas institucionais se mostraram frágeis e geridas por certa descontinuidade estatal. Por outro lado, há de se considerar também que ocorreram avanços significativos que incluíram uma maior atenção para a arte e a cultura, como os diferentes grupos étnicos e culturais brasileiros nas políticas públicas.

Em 2003, no governo do presidente Lula, o ministro da Cultura, Gilberto Gil (seguido pelas gestões de Juca Ferreira, Ana de Hollanda e Marta Suplicy), reorganizou o MinC e iniciou uma série de ações com o intuito de analisar o cenário e contribuir na formulação das políticas públicas culturais permanentes. Nesse contexto, destacamos o processo de fortalecimento institucional iniciado com Gil e fortalecido por Ferreira, o que resultou nas Conferências, no Plano e no Sistema Nacional de Cultura, em programas estruturantes como o Cultura Viva, no qual se encontram os Pontos de Cultura. Por meio de conferências, conselhos, consultas e seminários promovidos ou motivados pelo MinC em todo o país, houve, nos governos Lula e Dilma, a elaboração do Plano Nacional de Cultura (PNC), Lei no. 12.343, sancionada em 2 de dezembro de 2010.

São objetivos do Plano Nacional de Cultura: I - reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica e regional brasileira; II - proteger e promover o patrimônio histórico e artístico, material e imaterial; III - valorizar e difundir as criações artísticas e os bens culturais; IV - promover o direito à memória por meio dos museus, arquivos e coleções; V - universalizar o acesso à arte e à cultura; VI - estimular a presença da arte e da cultura no ambiente educacional; VII - estimular o pensamento crítico e reflexivo em torno dos valores simbólicos; VIII - estimular a sustentabilidade socioambiental; IX - desenvolver a economia da cultura, o mercado interno, o consumo cultural e a exportação de bens, serviços e conteúdos culturais; X - reconhecer os saberes, conhecimentos e expressões tradicionais e os direitos de seus detentores; XI - qualificar a gestão na área cultural nos setores público e privado; XII - profissionalizar e especializar os agentes e gestores culturais; XIII - descentralizar a implementação das políticas públicas de cultura; XIV - consolidar processos de consulta e participação da sociedade na formulação das políticas culturais; XV - ampliar a presença e o intercâmbio da cultura brasileira no mundo contemporâneo; XVI - articular e integrar sistemas de gestão cultural (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2012).

Na atualidade, em função da instabilidade política, econômica e social por que passa o Brasil, não há claramente uma atuação ampla e efetiva das políticas do Minc na sociedade. Ações anteriormente aprovadas e em vias de finalização ou ainda em curso não terão continuidade. Somando-se a essa instabilidade, temos de dizer que o próprio MinC foi extinto em janeiro de 2019, tornando-se uma das primeiras medidas adotadas pelo atual governo federal.

A título de exemplo e campo reflexivo, o contexto cultural universitário de onde falamos e atuamos como professora e gestora de cultura tem nos mostrado alguns avanços e desafios. Um deles é compreender como vem se dando a história cultural desta universidade; como o debate acerca das políticas para cultura e artes tem conquistado novos espaços institucionais e quais avanços têm ocorrido nas últimas décadas e vêm impactando a vida da instituição UFRN.

Esse processo acadêmico e social no campo das artes e cultura na UFRN tem se norteado por diretrizes estabelecidas, tanto em orientações internas – como nos casos do Plano de Desenvolvimento Institucional e dos Planos de Gestão, política de cultura e de memória – quanto por diretrizes externas, como no caso do Plano Nacional de Cultura. Foi nesse contexto de desenvolvimento acadêmico e de execução de seu Plano de Cultura e de sua política de cultura que o Programa Chão de Saberes se configurou, compreendendo e atuando no sentido de entender que “o enlace universidade-comunidade pode ocorrer a partir [...] de um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4).

Desse modo, ocorreu com o referido Programa, reconhecendo valorizando e difundindo a arte e a cultura em suas diversidades de linguagens, etnias, coletivos artísticos, movimentos sociais, práticas de saberes, mestres populares e profissionais. As muitas ações realizadas pelo Programa Chão de Saberes serão destacadas em capítulo específico da presente publicação, demonstrando o quão rico e diversificado foi o desenvolvimento do referido Programa integrante do Plano de Cultura da UFRN.



REFERÊNCIAS

- BOLÁN, E. N. **La política cultural**: Temas, problemas y oportunidades. Cidade do México: Conaculta, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).
- BRASIL. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. **Institui o Plano Nacional de Cultura** - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm. Acesso em: 29 mar. 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2012.
- ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nações Unidas, 217 (III) A, 1948, Paris, art. 1, <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>. Acessado em 6 de setembro de 2016.
- GAUTIER, Ana Maria Ochoa. **Entre los Deseos y los Derechos**, Un Ensayo Crítico sobre Políticas Culturales. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Sistema Nacional de Informações Culturais**. Brasília: MINC, 2012. Disponível em: <http://sniic.cultura.gov.br/>. Acesso em: 5 jan. 2015.
- REDE NACIONAL DE EXTENSÃO. RENEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária**: 2012. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos>.
- SANTOS, B. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: [s. n.], 2008.
- TEIXEIRA COELHO, J. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2010-2019**. Natal: UFRN, 2010.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2015- 2018**. Natal: UFRN, 2015. Disponível em: <http://www.nac.ufrn.br>. Acesso em: 12 mar. 2018.

CRIAÇÃO E FRUIÇÃO NO CAMPO DAS ARTES CÊNICAS: A Importância da Experiência Sensível no Contexto da Extensão Universitária

Robson Carlos Haderchpek
DEART/PPGArC/UFRN

A Experiência Sensível no Campo das Artes

Pensar a produção artística no contexto da extensão universitária nos permite refletir sobre dois aspectos de fundamental importância no processo de organização de um saber sensível: a criação e a fruição. Diferentemente da ciência, que busca explicar o mundo pela razão, a arte busca dar sentido ao mundo pela fruição, criando um espaço para o sentir, para os saberes que advêm da experiência estética.

Em seu livro *O Espírito na Arte e na Ciência* (1991, p. 99), Carl Gustav Jung ressalta: “Por sua própria natureza, a arte não é ciência e ciência tampouco é arte; por isso esses dois campos espirituais possuem áreas reservadas que lhe são peculiares e só podem ser explicadas por elas mesmas”. Ao afirmar que arte não é ciência, Jung não está criando um juízo de valores, ele simplesmente nos chama a atenção para a natureza distinta dos vários tipos de conhecimento que temos na humanidade.

Em função do grande desenvolvimento tecnológico que vivemos na modernidade e na contemporaneidade, o conhecimento artístico vem sendo relegado e colocado à margem da sociedade. Há pouco espaço para o saber sensível e a sociedade vem sofrendo de uma esquizofrenia dos sentidos. Somos o tempo todo estimulados a nos relacionar com a tecnologia e nos condicionamos a demonstrar os nossos sentimentos a partir dos emojis que utilizamos para comentar as fotos dos nossos amigos nas redes sociais.

Esquecemos que o sentir está para além das telas dos celulares e que precisamos de experiências reais para lidar com os sentimentos e com os sentidos, precisamos de afetos, de momentos de fruição. A tecnologia tem o seu lado positivo, ela nos conecta quando estamos distantes, permite também que troquemos mensagens e que falemos por telefone, mas ela não substitui uma experiência sensível. Nós podemos ouvir a voz de uma pessoa pelo telefone e nos sentirmos acalentados, mas a saudade só deixará de existir quando nossos corpos puderem se encontrar novamente e quando a voz do outro lado do telefone se tornar presente.

Nós podemos ver um filme reproduzido no cinema e nos emocionarmos, mas, para tanto, precisamos educar os nossos sentidos e reconhecer a importância da experiência sensível. Nesse sentido, a criação artística e a fruição da obra nos permitem uma experiência ímpar, dão-nos a oportunidade de trabalhar outras dimensões do sujeito, dimensões estas que a ciência, pela sua própria natureza, não permite.

Criar um espetáculo de teatro possibilita aos atores e atrizes uma experiência sensível que só o processo de criação e de feitura da obra pode trazer. Assistir a um espetáculo de dança e ver como os corpos dos bailarinos voam pelo espaço produzindo sentidos é algo que a razão não explica, e, sob essa ótica, ressaltamos a importância de se trabalhar as múltiplas potencialidades do sujeito, para que este se reconheça humano. João Francisco Duarte Júnior em seu livro *O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível* (2001, p. 23) fala sobre a importância da arte na sociedade: “A Arte não estabelece verdades gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós”.

Na tentativa de ler o mundo e de interpretá-lo, nós nos deparamos com o aspecto humano que existe em cada um de nós, aspecto este que não pode ser explicado única e exclusivamente pela razão, pela lógica e pelo conhecimento científico. É preciso criar um espaço para o conhecimento sensível, para as questões subjetivas da humanidade e para a experiência do sentir, daí a importância da arte na educação do sensível:

[...] a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 23).

No contexto contemporâneo, a arte vem sofrendo vários ataques, tanto no aspecto político-cultural do país como no aspecto educacional. Desde 2016, após o golpe parlamentar sofrido pela presidente Dilma Rousseff, o Ministério da Cultura vem sofrendo retaliações. A primeira ação do governo de Michel Temer foi extinguir o Ministério da Cultura, fato que exigiu uma mobilização nacional de toda a classe artística, com as ocupações dos IPHANS¹ de todo o país. Após nove dias de protestos, o governo recriou o Ministério da Cultura, porém, sua ação efetiva na sociedade deixou de existir. Desde essa época, o MinC não tem mais uma política cultural consistente que permita a criação e a circulação de espetáculos artísticos no país.

Com as eleições de 2018 e a posse do novo presidente, Jair Bolsonaro, em 2019, o Ministério da Cultura deixou de existir e juntamente com ele qualquer esperança de uma política cultural que fomenta a produção artística nacional. Após deliberação do novo presidente, a Petrobras, empresa estatal que trabalha com a extração e o refinamento de petróleo e com a produção de combustíveis fósseis, deixou de apoiar projetos culturais, acentuando ainda mais o descaso para com a cultura e os artistas do nosso país.

¹ Institutos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil).

Para completar a situação de calamidade, o Ministério da Educação do Governo Temer propôs o fim da obrigatoriedade do ensino de artes no contexto do Ensino Médio, fato que também gerou mobilização e protestos em todo o país. Após muitas negociações, o conhecimento artístico foi incorporado ao documento da BNCC² do Ensino Médio de 2018 na área de Linguagens e suas Tecnologias.

Feito esse breve apanhado sobre a situação da arte no contexto político e educacional brasileiro, convém destacar o papel das Universidades na produção e na difusão cultural do país. Os projetos de Extensão Universitária têm fomentado e promovido uma quantidade significativa de trabalhos artísticos no âmbito acadêmico. Ademais, várias universidades do país, que possuem cursos na área de Artes (Teatro, Dança, Música e Artes Visuais), vêm desenvolvendo projetos de extensão universitária que dialogam diretamente com as comunidades locais. A meu ver, tais ações têm permitido uma educação estética que trabalha pelo viés do sensível, como defende Duarte Júnior (2001).

Especificamente na UFRN, a extensão universitária é definida da seguinte forma:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, para viabilizar relações transformadoras entre a universidade e a sociedade, a partir de um diálogo que envolva os diferentes saberes (das ciências, das tecnologias, das artes, das humanidades e da tradição), permitindo novas criações, socializações e mudanças recíprocas, com o envolvimento e inserção de alunos, professores e técnicos administrativos em experiências reais junto a diferentes grupos e populações que com elas interagem (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2008).

Como podemos observar, a UFRN trabalha na perspectiva de articular o ensino, a pesquisa e a extensão de modo a permitir o diálogo entre os diferentes saberes, estimulando o corpo docente, discente, e os servidores técnico-administrativos a terem experiências reais com a comunidade. Faz parte do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRN promover ações no campo das artes e da cultura.

²Base Nacional Comum Curricular (2018). UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução nº 053, de 15 de abril de 2008. CONSEPE. Dispõe sobre as Normas que Regulamentam as Ações de Extensão Universitária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Disponível em: <http://www.proex.ufrn.br/documentos/documento?id=161847549>. Acesso em: 6 mar. 2019.

A Extensão Universitária na UFRN e o Plano de Cultura

+

Ingressei na UFRN em 2010 e desde então passei a coordenar um Grupo de Teatro de Extensão Universitária que dialoga com a comunidade acadêmica e com a comunidade externa. Ao longo dos últimos nove anos, tenho percebido o impacto que essas ações causam na formação dos discentes e na comunidade local. A Universidade, por seu próprio caráter universal, busca englobar os diversos tipos de conhecimento na formação do sujeito e isso vem repercutindo muito positivamente na criação e na circulação dos trabalhos artísticos em geral.

O *Arkhétypos* Grupo de Teatro, coordenado por mim na UFRN, é um Grupo Permanente de Arte e Cultura. O conceito de Grupo Permanente é estabelecido na Resolução no 053/2008 e especificado na Portaria no 012/2011 da PROEX³, as quais preconizam que:

Os Grupos Permanentes de Arte e Cultura da UFRN são integrados por docentes, discentes e participantes externos que desenvolvem atividades artísticas e culturais de forma continuada, formalizadas em Projetos ou Programas de Extensão cujos processos e produtos são reconhecidos como academicamente relevantes pelas Unidades Acadêmicas, da área de conhecimento específica, e pela PROEX, com registro e acompanhamento do NAC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2008).

Todos os Grupos Permanentes de Arte e Cultura desenvolvem suas atividades focando no desenvolvimento e na exploração de linguagens artísticas e culturais. Para ser reconhecido como um Grupo Permanente, este deve estabelecer relação com o ensino e a pesquisa e ter em sua composição no máximo 1/3 de pessoas provenientes da comunidade externa. Os grupos precisam ainda destinar parte de suas atividades à disseminação de sua produção junto à comunidade e/ou a segmentos sociais com baixo poder de acesso a bens culturais (bairros periféricos, escolas públicas, entre outros).

Como podemos notar, os Grupos Permanentes de Arte e Cultura têm um papel imprescindível no diálogo com a comunidade e na difusão das pesquisas artísticas desenvolvidas no âmbito acadêmico. Anualmente, os grupos concorrem a um Edital interno da UFRN a fim de pleitearem bolsas de extensão para os discentes e verba para realização dos projetos. Esse apoio da Universidade é fundamental para que os grupos possam criar seus espetáculos e/ou projetos artísticos e propor aos seus participantes e à comunidade experiências sensíveis. Tal como o Grupo *Arkhétypos*, outros grupos do Departamento de Artes e da Escola de Música da UFRN são considerados Grupos Permanentes.

³ Pró-Reitoria de Extensão.

Em 2015, na época ainda do Governo Dilma Rousseff, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte concorreu ao Edital Mais Cultura nas Universidades, promovido conjuntamente pelo MEC e pelo MinC, por meio da Portaria Interministerial MEC/MinC no 18/2013. O projeto foi escrito pela Profa. Dra. Teodora de Araújo Alves, coordenadora do NAC (Núcleo de Arte e Cultura da UFRN). Na ocasião, a UFRN obteve a nota máxima na avaliação do projeto e foi a primeira colocada entre todas as universidades do território nacional. Após a homologação do resultado oficial, a UFRN recebeu um apoio financeiro decorrente do Edital para implantação do Plano de Cultura da UFRN.

O Plano de Cultura em si busca:

[...] fortalecer, criar e implementar diretrizes, metas e ações acadêmico-populares no campo das artes e da cultura da UFRN e do RN, de modo a incluir, respeitar e fortalecer a diversidade cultural local, regional e brasileira, contribuindo, assim, com o amplo exercício dos direitos culturais pelo conjunto da população acadêmica e potiguar, a partir das potencialidades da cultura como eixo transversal do desenvolvimento social e econômico sustentável do Rio Grande do Norte (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, [2016]⁴).

Integram o Plano de Cultura da UFRN nove Programas Estruturantes, a saber: Cultura e Memória, Cine UFRN, Programa de Fomento aos Grupos Artísticos da UFRN, Acessibilidade Cultural, Chão de Saberes, SigaArte na UFRN, Incubadora Cultural, Programa de Eventos Permanentes da UFRN e o Circuito Cultural, este último coordenado por mim numa parceria com o Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior.

O Circuito Cultural tem a finalidade de desenvolver e fortalecer o campo das artes e da cultura no país, com ênfase na inclusão social e no respeito e no reconhecimento da diversidade cultural. Trata-se de um Programa Estruturante do Plano de Cultura da UFRN que visa fortalecer e ampliar a circulação da produção artística e cultural da UFRN, em diálogo com a arte produzida no RN e no Nordeste, incluindo oficinas artísticas, apresentações artísticas e ciclos de debates em escolas básicas de ensino, em espaços culturais de municípios do RN e em cidades do Nordeste.

Nos cursos de graduação em Teatro, Dança, Música e Artes Visuais, há uma produção artística muito intensa. Os processos de ensino e de aprendizagem geram resultados estéticos que podem e devem ser compartilhados com o público. Quando essa produção acontece aliada à pesquisa ou à extensão, esses trabalhos rompem os muros da Universidade e chegam à comunidade desencadeando uma experiência sensível.

⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Plano de Cultura da UFRN. [2016]. Disponível em: <https://planodeculturaufrn.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 6 mar. 2019.

A Fruição através do Circuito Cultural

A fruição é imprescindível para que a apreciação estética aconteça. A fruição está relacionada com o ato de aproveitar ou usufruir de alguma coisa, situação, oportunidade etc.. O verbo fruir diz respeito ao ato de desfrutar ou ter prazer com algo. Etimologicamente, o verbo fruir se originou a partir do latim *fruere, de fruor, frui*, que significa literalmente “ter gozo”, “conviver” ou “aproveitar”. Quando levamos um espetáculo de dança ou de teatro para a comunidade externa à Universidade, ou quando realizamos um concerto musical ou uma exposição de quadros, estamos proporcionando ao público um momento de prazer, e este momento traz em si também um aprendizado sensível, algo extremamente importante para essa sociedade tecnicista em que vivemos.

Ao se colocar diante da obra de arte, o público tem uma oportunidade de sentir e de se perceber como sujeito que sente e que se coloca em relação ao mundo, como reforça João Francisco Duarte Júnior (2001, p. 13):

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar educação estética. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” – *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado.

Nesse processo, sentir a si mesmo e ao mundo nos proporciona uma nova apreensão da realidade e nos permite um aprendizado que está para além das teorias, que se constrói no ato de fruir, na experiência sensível que é compartilhada e/ou provocada quando nos colocamos diante de uma obra de arte: uma peça de teatro, um concerto musical, uma escultura, um quadro ou um espetáculo de dança.

Antes da aprovação do Plano de Cultura no Edital Mais Cultura nas Universidades, a UFRN já promovia a fruição dos espetáculos e dos demais produtos culturais decorrentes das pesquisas artísticas, dos processos de ensino e dos projetos de extensão. Desde 2012, a UFRN vem desenvolvendo Circuitos Culturais Universitários em escolas e grupos culturais de Natal, do estado do RN e do Nordeste. Com a implantação do Plano de Cultura da UFRN, os Programas Estruturantes puderam se solidificar e, no caso do Circuito Cultural, foram realizadas algumas ações específicas a fim de estimular a circulação e ainda mais a fruição dos produtos artísticos decorrentes dos Projetos de Extensão Universitária. Uma dessas ações foi a abertura de um Edital⁵ interno voltado para os Grupos Artísticos da UFRN (Grupos Permanentes e Grupos Não Permanentes).

⁵ Edital UFRN/PROEX/NAC nº 004/2016.

Para concorrer ao Edital, os Grupos Artísticos deveriam encaminhar um Projeto de Circulação do referido produto artístico (espetáculo teatral, espetáculo de dança, performance artística, recital, show musical, concerto, exposição de quadros etc.) com a coordenação de um docente da UFRN. O citado projeto deveria contemplar ao menos duas cidades para circulação do respectivo trabalho e promover também oficinas artísticas ou oficinas de economia criativa, palestras e/ou debates acerca do referido trabalho.

A ideia de se promover uma oficina ou uma palestra juntamente com a circulação da obra artística era a de viabilizar uma experiência sensível no campo da recepção e outra no campo da feitura. As pessoas poderiam assistir a um espetáculo de dança e participar de uma oficina. Por sua vez, o grupo proporia uma vivência artística com a comunidade, permitindo que esta se aproximasse da linguagem artística da dança, por exemplo, também na instância do fazer.

No Edital, cada Grupo Artístico poderia encaminhar apenas uma proposta que seria analisada por uma Comissão Avaliadora da área de Artes levando em consideração o mérito artístico do projeto, a viabilidade de execução e a repercussão do trabalho nas cidades escolhidas. Após a análise dos projetos de circulação, foram selecionadas oito propostas no valor orçamentário de R\$ 4.000,00, valor este destinado ao Grupo para que este pudesse custear despesas com deslocamento, hospedagem, alimentação e a produção local dos referidos trabalhos artísticos.

As propostas contempladas foram: 1- Caravana Acordes – O homem da feiticeira (EMUFRN), 2- Seleção Pública para o Programa Circuito Cultural da UFRN (EMUFRN), 3- (Encontro de Petequeiros: Circuito Cultural Indígena Macaíba/Sítio Novo/ Natal (CCS/DEDFIS), 4- Grupo de Dança da UFRN: formação, circulação e fruição da arte de dançar (CCHLA/ARTES), 5- Galeria itinerante das artes visuais (CT/ARQ), 6- Grupo Potibones no Seridó do RN (EMUFRN), 7- Circuito Música Eletroacústica, Eletrônica e Popular/NE: trocas e mediações (CCHLA/ARTES), 8- Proposta Artística da Gaya Dança Contemporânea (CCHLA/ARTES).

O Circuito Cultural vem proporcionado um diálogo entre os saberes artístico-culturais produzidos na UFRN e os produzidos nos espaços externos da universidade. Buscou-se com os recursos provenientes do Edital promover a circulação dessas produções pelo interior do estado do Rio Grande do Norte e por algumas cidades do Nordeste, propondo uma troca de experiências com grupos locais e instituições de cultura: Pontos de Cultura, Comunidades Quilombolas, Comunidades Indígenas, Polos de Resistência da Cultura Popular e demais Grupos Culturais.

Além do Edital para circulação dos trabalhos artísticos, o Programa Circuito Cultura foi responsável também pela realização do 1º Festival Nacional de Teatro Universitário da UFRN. O evento aconteceu no período de 12 a 16 de dezembro de 2017, no município de Caicó, interior do Rio Grande do Norte e contou com a participação de 12 espetáculos, advindos de Escolas de Teatro de todo o país: Escolas Técnicas, Cursos de Nível Superior e Cursos Livres de Teatro.

A fim de democratizar o processo de inscrição e viabilizar a participação de grupos de todo o território nacional, foi lançado um Edital para que os grupos se inscrevessem e foi formada uma curadoria com profissionais experientes da área de Artes Cênicas. A UFRN recebeu cerca de 50 inscrições e foram selecionados 8 grupos que receberiam a ajuda de custo do Festival. Além disso, dois grupos da UFRN foram convidados para integrar a Mostra Local e outros dois grupos foram convidados para participar da Mostra de Experimentos. Ao todo, participaram do Festival 14 grupos das mais variadas instituições de ensino do teatro do país, entre elas: UFMG, UFRGS, UNESPAR (FAP), UFRJ, UFRN, UNICAMP, UFPB e UESB. Segue o cartaz do Festival, cujo link com a programação geral é: <https://festivalnacionaldeteatrodaufrn.wordpress.com/programacao-2/>.



(Fig. 1 – Cartaz do 1º Festival de Teatro Universitário da UFRN)

Fonte: Imagem de uma atriz em cena, expressando-se e com figurino que remete a um misto de humano e boi.

Vale ressaltar que o Festival convidou três professores externos à UFRN e três professores do curso de Teatro da UFRN para analisarem e debaterem os espetáculos. Participaram como analistas dos espetáculos o Prof. Dr. Fernando Villar da UnB, a Profa. Dra. Verônica Fabrini da UNICAMP, o Prof. Dr. Duílio Cunha da UFCG, o Prof. Dr. André Carrico da UFRN, a Profa. Dra. Naira Ciotti da UFRN e o Prof. Dr. Sávio Araújo também da UFRN. O Festival foi realizado numa parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que nos cedeu o Centro Cultural Adjunto Dias para a apresentação dos espetáculos; e com a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Caicó/RN, que forneceu hospedagem e alimentação para todos os participantes do Festival.

Além da fruição estética, o Festival promoveu também debates e oficinas abertos aos grupos do festival e à comunidade, e contou com a participação do público local, que lotou todas as sessões dos espetáculos. O evento em si foi muito exitoso e estimulou o processo de interiorização promovido pela UFRN, levando para o interior do Estado do Rio Grande do Norte um evento cultural de porte nacional.

O 1º Festival Nacional de Teatro Universitário da UFRN foi coordenado pelo Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior do Campus do CERES⁶ (Caicó/RN). Ele também foi um dos responsáveis pela curadoria do Festival que contou com a colaboração do Prof. Fábio Luis Hostert, coordenador do FITUB⁷ e a minha colaboração. O Festival em si buscou promover um intercâmbio cultural e estético com produções artísticas de grupos vinculados a Instituições de Ensino de Teatro, cursos de graduação, cursos técnicos e escolas livres de teatro a fim de fortalecer o debate entre os modos de fazer e de fruir das artes cênicas.

O evento reuniu grupos de todas as partes do país a fim de colocar em evidência as produções decorrentes de investigações e pesquisas no campo da atuação, da encenação, da dramaturgia, da cenografia e demais componentes da criação cênica. Ao longo do Festival, os grupos selecionados puderam interagir e participar de debates e oficinas com professores e artistas convidados, dando vazão às discussões sobre a *práxis* e as diversas abordagens pedagógicas do fazer teatral contemporâneo. Com a realização desse evento, o Circuito Cultural colocou em evidência outra experiência sensível que perpassou o campo da criação em artes cênicas e a fruição, propondo uma interação entre os artistas e o público, permitindo que ambos, cada qual em sua posição, vivenciassem a *educação estética*, a educação dos sentidos.

⁶ Centro de Ensino Superior do Seridó (UFRN).

⁷ Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau/SC.

Os atores e as atrizes, ao se colocarem na relação com o espectador, recriam a obra junto com ele; e o público, por seu turno, ao se colocar junto com os atores, vivencia uma experiência estética e estimula o ator a jogar com a audiência. Nesse processo, o jogo é a base do trabalho do ator, do bailarino e das demais artes do corpo, também conhecidas como artes cênicas. O lúdico e o prazer do jogo estão interligados permitindo assim a fruição e a experiência sensível. Johan Huizinga, autor do livro *Homo Ludens* (2007, p. 10) reforça essa ideia quando afirma: “As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside a sua liberdade”. Ou seja, o jogo existe porque ele nos faz sentir livres, porque jogar é gostoso, e na sociedade atual nós temos nos esquecido disso.

A cena, o jogo e a arte não precisam de uma utilidade, eles precisam apenas despertar no ser humano a sua capacidade de sentir, de ter prazer, de olhar para si e para o outro e de se reconhecer nas ações do outro. O fato de podermos viver essa experiência sensível sem necessariamente termos de explicar a sua natureza e sem termos de comprovar qualquer hipótese nos tira do universo científico e nos coloca no rio da fruição, no campo da arte.

A sociedade precisa de arte, tal como precisa de ciência e de filosofia. Cada uma dessas áreas de conhecimento trabalha um aspecto do ser, portanto, todas elas são fundamentais para a experiência de estar vivo. Cada área vai contribuir de um modo para a formação do sujeito, e a universidade é um espaço em que esses saberes dialogam e são colocados em pé de igualdade.

A questão é quando valorizamos demais um tipo de conhecimento e nos esquecemos do outro. Isso gera um desequilíbrio no ser. Nesse sentido, uma sociedade que não valoriza a sua arte e a sua cultura cresce sem identidade e está fadada ao fracasso.

Essa experiência sensível gerada pelas ações de extensão universitária nos recoloca no lugar do sentir e nos faz repensar a importância de nós termos espaço em nossas vidas para esse tipo de conhecimento. As pessoas crescem e não conseguem se abraçar, elas não sabem se perceber e por isso mesmo têm uma dificuldade imensa de perceber o outro. Quando entram numa relação, as pessoas têm certa dificuldade de dizer o que sentem ou como gostariam de ser tocadas. Na correria do dia a dia, as pessoas tornam-se cada vez menos sensíveis e isso cria um abismo entre todos nós.

Acredito que arte seja uma forma de reconexão com esse saber sensível e um projeto de extensão universitária como o realizado na UFRN, e mais especificamente no Programa do Circuito Cultural, pode provocar grandes mudanças sociais. É fato que sempre podemos aprender e aprimorar as ações que desenvolvemos, mas nos dias atuais, elas são imprescindíveis. Digo isso não só por integrar a Comissão do Plano de Cultura da UFRN mas também porque coordeno um Grupo que dialoga frequentemente com a comunidade, e eu percebo o quanto nossos espetáculos têm estimulado essa educação do sensível.

Grupo Arkhétypos: Criação e Fruição

A fim de elucidar mais a questão da criação e da fruição, compartilho com o(a) leitor(a) um pouco dessa experiência sensível que tenho vivenciado nos processos de criação que desenvolvo junto ao *Arkhétypos Grupo de Teatro*:

O Arkhétypos Grupo de Teatro foi fundado em março de 2010 por mim e por um grupo de alunos da UFRN, provenientes dos Cursos de Teatro, Artes Visuais, Pedagogia e Dança. Desde sua fundação o grupo abarca pesquisas híbridas dentro do universo das Artes, misturando canto, música, dança, teatro, vida e fazer artístico. Foram muitos encontros, afecções e atravessamentos que desembocaram em pesquisas coletivas e individuais gerando um material reflexivo de cunho artístico que pode e deve ser compartilhado (HADERCHPEK, 2017, p. 9).

Tal concepção está disponível no livro *Arkhétypos Grupo de Teatro: Encontros e Atravessamentos* (HADERCHPEK, 2017) que reúne artigos de artistas e pesquisadores que passaram pelo grupo e trocaram conosco em momentos específicos. O livro foi organizado por mim e foi publicado pela Editora Fortunella Casa Editrice.

A fim de exemplificar nossas produções artísticas e demonstrar a importância dos projetos de extensão desenvolvidos pela universidade, farei uma breve descrição dos espetáculos contextualizando as temáticas das pesquisas e os resultados obtidos. O primeiro trabalho desenvolvido pelo Grupo *Arkhétypos* decorreu de uma pesquisa intitulada “História de Pescador” que buscou, por meio de um estudo de campo, coletar material (histórias, causos e testemunhos) de pescadores que moravam na região de Natal/RN, para posteriormente construir um espetáculo teatral. A pesquisa partiu do elemento “água” e deu origem ao espetáculo teatral “Santa Cruz do Não Sei”, que estreou em junho de 2011 e se apresentou diversas vezes em Natal, em João Pessoa e chegou a participar do FITE - I Festival Internacional de Teatro Estudantil, que aconteceu em 2012, em Porto Alegre/RS. A Figura 2 ilustra uma cena da peça.





(Fig. 2 – Espetáculo “Santa Cruz do Não Sei” – Foto: Marcella Rosseline)

Esse primeiro processo nos trouxe uma forte relação com os arquétipos presentes no imaginário da população local. Por sua vez, o encontro com as histórias de pescadores ativou as nossas “águas internas”, ajudando a construir um espetáculo repleto de símbolos. Com isso, o grupo começou a investigar algo que posteriormente, em 2013, passou a chamar de *poética dos elementos*:

Trabalhar com a poética dos elementos é resgatar um conhecimento ancestral, pois os quatro elementos já habitavam em nós antes de qualquer processo de educação e/ou colonização estética. Nosso imaginário é repleto de formas e estas formas podem se configurar e se redesenhar de acordo com o inconsciente de cada povo e de cada nação. Por isso, nós acreditamos que a conexão com a nossa imaginação material pode nos conduzir a novos paradigmas, pode nos libertar de um modelo apriorístico dado no processo de colonização e pode nos devolver nossa herança cultural (HADERCHPEK; VARGAS, 2017, p. 81-82).

Em 2012, o Grupo Arkhétypos começou a trabalhar num novo projeto de criação cênica, dessa vez, utilizando como referência o elemento “terra”. O objetivo do processo era construir um espetáculo que valorizasse as vozes que vinham do interior do Rio Grande do Norte, um trabalho que falasse sobre a terra e o universo simbólico das pessoas que vivem nas cidades do sertão. Dessa pesquisa, nasceu o espetáculo “Aboiá”, contemplado com o Prêmio Myriam Muniz de Teatro 2012 – Categoria Montagem. Esse segundo processo nos aproximou das animalidades, pois a pesquisa sobre o universo sertanejo acordou “os bois” adormecidos dentro nós. O espetáculo também teve uma circulação regional e chegou a realizar uma temporada na Europa, num projeto de intercâmbio com a Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena (Áustria).

Em setembro de 2013, o Arkhétypos Grupo de Teatro iniciou uma pesquisa sobre o elemento “ar” e teve como ponto de referência o conto “A Conferência dos Pássaros”, texto originário da mitologia persa que fala sobre uma busca por si, pela liberdade, pela integração do ser com o cosmos. Em agosto de 2014, o grupo estreou “Revoada”, um espetáculo ritual proposto para trinta espectadores, que juntos participam de um grande processo de renovação, de reencontro consigo mesmos e com o desafio do novo. Esse trabalho ficou em cartaz por dois anos em Natal, sendo apresentado também na Universidade Federal de Goiás e na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena (Áustria).

No ano de 2015, o Arkhétypos estreou o espetáculo “Fogo de Monturo”, com direção e dramaturgia de Luciana Lyra⁸, utilizando como mote para criação o elemento “fogo”. “Fogo de Monturo” conta a jornada de Fátima, a filha de um engenho no vilarejo de Monturo, que está prestes a ser coroada como rainha do Maracatu, quando resolve partir para a capital e estudar Direito na universidade. O espetáculo fala das paixões humanas, da guerra e da revolução. O trabalho estreou na cidade de Recife/PE, em um evento chamado Usina Teatral e também fez algumas temporadas em Natal.

Em 2016, o Grupo trabalhou na construção do último espetáculo da *poética dos elementos*, pautado no elemento “éter”. O espetáculo “Éter” propôs uma imersão do público no recôndito das imagens míticas e poéticas que deram origem ao mundo. Ao longo do espetáculo, o público era convidado a participar de um ritual de purificação e a caminhar de mãos dadas com os atores na busca pela quinta essência. O espetáculo estreou em maio de 2017 e seguiu com uma temporada no TECESOL em Natal.

Após o ciclo dos elementos, o Grupo *Arkhétypos* iniciou uma fase temática que foi inaugurada pelo espetáculo “Amareelos”, com solo da atriz mexicana Rocio del Carmen Tisnado Vargas e com direção de Nadja Rossana. O espetáculo tinha como tema a interculturalidade e usou como base a figura mítica de *Quetzalcoatl*, a serpente emplumada da cultura Maia. O espetáculo foi resultado da pesquisa de mestrado, da discente Rocio Del Carmen Tisnado Vargas, intitulada *O Sul Corpóreo: Práticas Teatrais Interculturais para a Descolonização do Imaginário* (2017), realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN.

Ainda em 2017, o Grupo estreou o espetáculo “Gosto de Flor”, fruto de um trabalho de pesquisa desenvolvido pela diretora Lara Rodrigues Machado⁹ (UFSB) com os intérpretes-criadores, Allan Phyllipe, Luã Fernandes, Thazio Menezes e Robson Haderchpek, todos da UFRN. O projeto nasceu de uma vontade dos intérpretes de pesquisar o “amor” na perspectiva do masculino e decorreu da pesquisa de Pós-Doutorado da diretora Lara Machado, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Esse trabalho foi apresentado em Natal, no Rio de Janeiro, na Bahia e participou do 1º Festival Nacional de Teatro Universitário da UFRN, realizado em Caicó/RN, promovido pelo Circuito Cultural da UFRN, citado no tópico anterior. Em 2018, o “Gosto de Flor” foi convidado para se apresentar na V Muestra de Teatro Mazatlán, que aconteceu no México. A Figura 7, a seguir, apresenta uma das cenas da peça.

⁸ Atriz, performer, dramaturga, encenadora e professora na área das Artes da Cena. Docente adjunta efetiva do Departamento de Arte e Cultura Popular e do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. Participa como colaboradora do Arkhétypos Grupo de Teatro desde 2014 e dirige seu próprio estúdio de investigação Una(L)Una – Pesquisa e Criação em Arte.

⁹ Graduada em Dança (1994), com Mestrado (2001) e Doutorado (2008) pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia, onde lidera o Grupo Interinstitucional de Pesquisa Corpo e Ancestralidade. É colaboradora do Arkhétypos Grupo de Teatro desde 2010.



(Fig. 3 – Espetáculo “Gosto de Flor” – Foto: Paulo Fuga)

Por fim, durante todo o ano de 2018, o Grupo Arkhétypos se dedicou à criação do espetáculo “Mi Casa su Casa”. A trama é inspirada em Chorona, uma lenda trágica que percorre toda a América Latina. O espetáculo, encenado em três dias distintos, traz em si uma pesquisa sobre ancestralidade e o dia de mortos celebrado no México. O trabalho estreou levando a público seus capítulos: *La Familia*, *El día que me quiera*, e *La Revelación*.

Todos os espetáculos e projetos de pesquisa desenvolvidos pelo Arkhétypos estão disponíveis no site¹⁰ do grupo e podem ser consultados para mais detalhes. Todavia, o objetivo principal desta explanação foi demonstrar a importância da atividade de extensão na consolidação de uma pesquisa de linguagem e de fruição artística. Todos os espetáculos do grupo foram levados a público e ressignificados na troca com o espectador e este, a partir da fruição estética, também pode ressignificar os seus sentimentos e ter uma experiência sensível.

Na atual conjectura política do país, as universidades brasileiras têm exercido um papel fundamental para a difusão de um conhecimento sensível e a extensão universitária. Em especial, a UFRN tem contribuído sobremaneira para que a arte possa continuar exercendo a sua função no mundo: a fruição.

¹⁰ Site do Grupo: <https://arkhetyposgrupodet.wixsite.com/arkhetypos>

REFERÊNCIAS:

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O Sentido dos Sentidos**: a Educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

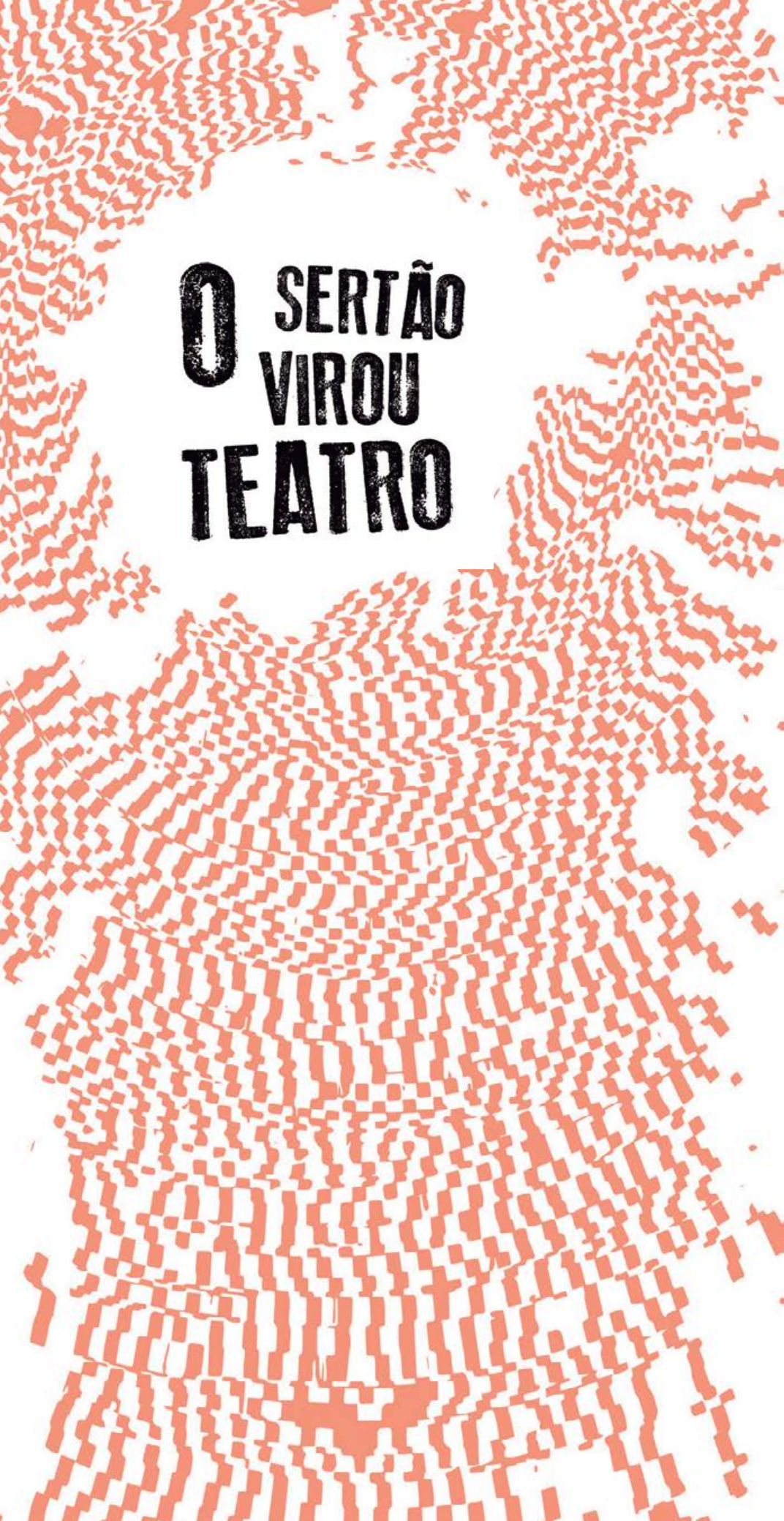
HADERCHPEK, R. C. (org). **Arkhétypos Grupo de Teatro**: Encontros e Atravessamentos. Natal: Fortunella Casa Editrice, 2017.

HADERCHPEK, R. C.; VARGAS, R. C. T. O Sul Corpóreo e a Poética dos Elementos: Práticas para a Descolonização do Imaginário. **Revista ILINX: Revista do Lume**, Unicamp, Campinas, p. 77-87, 2017.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JUNG, C. G. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Vozes, 1991.

VARGAS, R. C. T. **O Sul Corpóreo**: práticas teatrais interculturais para a descolonização do imaginário. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.



O SERTÃO VIROU TEATRO

Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior
(UFRN-CERES-DHC)

Caicó, sertão do Rio Grande do Norte, recebeu, de 12 a 16 de dezembro de 2017, a primeira edição do Festival Nacional de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foram cinco dias de profundas discussões sobre o fazer teatral nas universidades, sem perder de vista o papel da produção universitária em diálogo com a sociedade que a cerca. O festival fez parte do Programa Circuito Cultural Universitário, que era um dos programas constitutivos do Plano de Cultura da UFRN, como desdobramento do Edital Minc/MEC Mais Cultura nas Universidades, implementado no Governo da Presidenta Dilma Rousseff.

O passo a passo dessa ação merece ser descrito para que suas memórias não se percam e possamos nos lembrar de que, em um determinado ano do século XXI, o sertão virou teatro. Foram meses de preparação e discussões para encontrarmos o melhor formato e para que pudéssemos abranger a produção universitária de todo o país. Trabalho difícil, sobretudo, por conta dos recursos reduzidos para a realização de um evento que se propunha ser tão incluyente.

Todo o processo de ajustes se deu por meio de inúmeras reuniões no Núcleo de Arte e Cultura, responsável por executar o Plano de Cultura da UFRN. Uma das primeiras decisões foi realizar o festival em Caicó, no sertão potiguar, cidade que possui um Campus da universidade (Centro de Ensino Superior do Seridó) e por ser uma localidade com espaços adequados para a realização de um evento dessa magnitude, considerando, ainda, que todos os espaços teatrais de Natal, sede do campus central, estavam interditados. Essa decisão de realizar o festival no interior foi uma das mais exitosas em todo o processo, sobretudo pelo apoio dado pela Trapiá Cia Teatral e pela Prefeitura de Caicó, esta que disponibilizou toda a alimentação e a hospedagem aos grupos participantes. Por seu turno, a Trapiá Cia Teatral ajudou na pré-produção e na produção do festival, colaborando localmente na organização dos espaços do Centro Cultural Adjuto Dias e em espaços alternativos (maquinaria, camarins, bilheterias e logística das oficinas e discussões). Também foi de responsabilidade da Trapiá Cia Teatral a única oficina oferecida no festival, intitulada “O som na cena”, ministrada por Aglailson França e Emanuel Bonequeiro.

Foram recebidas quarenta e cinco inscrições das cinco regiões do Brasil e definidos os curadores que fariam a escolha dos até treze espetáculos que fariam parte da programação. Essa curadoria foi formada por Lourival Andrade Júnior (UFRN), coordenador geral do Festival; Robson Carlos Haderchpek (UFRN); e Fábio Luis Hostert (FURB), coordenador do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau. Esses curadores teriam a responsabilidade de montar uma programação que fosse diversa e que pudesse ampliar as discussões sobre pesquisas e investigações de docentes e discentes no campo da dramaturgia, cenografia, atuação, direção e de todos os elementos que compõem as teatralidades. A premissa seria tratar de produções em processo, já que os agentes estavam em estágio de formação.

Como bem apontou Michele Rolim,

A função de curador na área das artes cênicas parece, parece para muitos, incluindo os próprios curadores, imprecisa. Apesar da multiplicação de festivais e mostras de artes cênicas, o termo curadoria ainda está em construção. Em sua etimologia, a palavra curare significa cuidar. No início servia para designar a pessoa responsável por organizar uma exposição. Com o tempo, o ofício evoluiu, tornando-se mais exigente, e o curador passou a ser o responsável por formular um conceito, escolher as propostas artísticas e pensar na disposição espacial dos trabalhos em determinadas ocasiões (ROLIM, 2017, p. 17).

Sem dúvida, o trabalho curatorial é o que dá a característica do festival, ou seja, o sucesso do festival e, para além disso, as discussões que serão geradas estão umbilicalmente ligadas a essas escolhas curatoriais. Nesse caso, todo o processo de curadoria se fez presencialmente em Caicó, para que a seleção também levasse em consideração os espaços disponíveis para as apresentações. Para tanto, foram estabelecidos três espaços prioritários, quais sejam: Centro Cultural Adjuto Dias (teatro de 420 lugares, salas para discussões e oficina), Salão Nobre da Antiga Prefeitura de Caicó (amplo salão sem estrutura de som e luz) e o pátio em frente ao Centro Cultural, conhecido na cidade por Terreiro das Artes (espetáculos de Rua).

No processo de curadoria, mostrou-se evidente a diversidade de propostas das encenações. Houve poucos espetáculos para a rua; uma variedade de experimentações em espaços alternativos, utilizando a dança como recurso cênico; e alguns espetáculos definidos para espaços duplos, que poderiam ser em palco italiano ou adaptados para outros formatos. Como eram trabalhos de alunos com supervisão de professores e se dão nos espaços das instituições que abrigam cursos/grupos, a adaptabilidade é uma constante, já que em poucas universidades temos à disposição todos os recursos técnicos para uma montagem em caixa cênica tradicional. Isso acaba sendo extremamente desafiador para os encenadores e atores, implementando processos criativos contemporâneos e múltiplos, associados às informações advindas de outras experiências transnacionais e multiculturais, como bem indicou Juan Villegas,

O teatro contemporâneo, mais que em períodos anteriores, utiliza uma pluralidade de teatralidades, de uma ampla gama de sistemas culturais, legitimadas através de práticas culturais e de representação difundidas pelos sistemas de comunicação massivos e transnacionais. Prática que tem implicado na renovação da representação das teatralidades nacionais, étnicas e sociais. A multiculturalidade se manifesta na construção dos imaginários dos produtores teatrais dos diversos sistemas culturais e, dentro de cada sistema, tais teatralidades vinculam-se aos destinatários potenciais dos discursos teatrais (VILLEGAS, 2010, p. 102-103).

Um festival de teatro, sobretudo universitário, deve buscar a alteridade e converter a apresentação de um espetáculo em material que desperte discussões sobre aspectos não somente do ofício dos produtores teatrais mas também que vá além, e possa discutir os aspectos mais gerais de nosso mundo contemporâneo. Como se tratavam de espetáculos produzidos no âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação em artes cênicas, ou outras vezes, em projetos de extensão, uma das discussões que se fez necessária diz respeito a: o que os alunos farão depois de egressos desses espaços acadêmicos? Como continuar produzindo sem cair no discurso fácil do mercado? Nessa direção, Daniel Herz (1999) apresenta um caminho possível, ao afirmar que

A ambição artística, inseparável de uma certa dose de vaidade pessoal, o desejo de conquistar um “lugar” no mundo, -e, pois, no mercado, e de ganhar dinheiro são aspirações legítimas mas não podem ser o motor propulsor que leva alguém a abrir o pano sob pena de acabar fazendo um teatro oportunista. A necessidade de trocar com o mundo algo que seja fundamental no plano das ideias, da sensibilidade, da emoção, é que deve fazer com que alguém pegue uma caneta ou ligue o computador para escrever uma cena dramática ou que dê início ao esforço de uma produção teatral. O resto é consequência. E, por paradoxal que possa parecer, só assim as outras demandas pessoais serão saciadas, porque pode-se muito bem ganhar dinheiro, reconhecimento, fama e até um “lugar” no mundo e no mercado de forma não-oportunista, sem sacrificar a satisfação plena de “necessidades genuínas. Não se pode abortar a arte com a voracidade com que se entre em um shopping center (HERZ, 1999, p. 18).

Esse foi um debate bastante pertinente num ambiente de formação de futuros profissionais e que estarão diante de impasses existenciais e de sobrevivência muito em breve.

Voltando para a curadoria, dos quarenta e cinco espetáculos inscritos, foram selecionados oito. Vale salientar que a curadoria decidiu criar uma categoria intitulada de Mostra Experimentos, para espetáculos que demonstravam em sua teatralidade um híbrido de linguagens – teatro e dança. Nessa categoria, foram selecionados mais três espetáculos.

A curadoria selecionou os seguintes espetáculos: A menina de lá (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB); B I R D (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ); Clown Bar (Universidade Federal da Paraíba – UFPB); Colóquio Sentimental (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG); No mundo da rua (Universidade Federal da Paraíba – UFPB); O bebê de Tarlatana Rosa (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), Soraia Queimada, filha da violência (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN), What the fuck is diz? (Universidade Estadual do Paraná – Campus II – FAP). Também foram definidos os suplentes na seguinte ordem: 1º Suplente – Desadormecida (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC); 2º Suplente – Sobre um lugar qualquer (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP); 3º Suplente – Mormaço – peça em quatro cortes (Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes).

Para a Mostra Experimentos, foram escolhidos os espetáculos: Sebastian (Universidade Federal do Rio Grande do SUL – UFRGS), Rememorando (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN) e A roupa que veste o homem (Universidade Federal do Amapá – UNIFAP). Este último foi o único espetáculo selecionado que não compareceu ao festival, sendo alegado pelos envolvidos falta de recursos da universidade para custear a participação do espetáculo no evento. Os participantes da Mostra Experimentos não receberiam cachê do festival, apenas hospedagem, alimentação e transporte interno.

Também fizeram parte da programação dois espetáculos que tiveram apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFRN, por meio de Edital coordenado pelo Núcleo de Arte e Cultura, com recursos financeiros para custear parte da montagem. São eles: Gosto de flor (Direção de Lara Rodrigues Machado – Arkhétypos Grupo de Teatro) e P'S (Direção de Lourival Andrade – Trapiá Cia Teatral).

Após a curadoria encerrar seu trabalho, um novo campo se abriu para a organização do festival: a logística. A programação foi definida e os grupos contatados. Todo o trabalho relacionado à elaboração e à confecção do material gráfico, troféu de participação, pagamentos de cachês, contratação de equipamentos de iluminação e sonorização ficou sendo conduzido por Teodora de Araújo Alves (Diretora do Núcleo de Arte e Cultura e Coordenadora do Plano de Cultura da UFRN) tendo ainda a participação decisiva de um corpo de servidores técnico-administrativos e bolsistas capitaneados por Carlos Humberto Rios Mendes Junior, Leandro Viana Pereira de Castro e Péricles dos Santos Filgueira. Estes dois últimos também atuaram de forma intensa na logística no próprio festival, sobretudo no Salão Nobre da Antiga Prefeitura de Caicó, local alternativo que necessitou de um olhar atento desses produtores.

Um festival dessa envergadura não se faz com poucas mãos e cabeças. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelo Departamento de Artes da UFRN, mais especificamente pelos docentes e discentes do curso de graduação em Teatro e Mestrado em Artes Cênicas, foi decisivo. Mais de trinta alunos e alunas foram valorosos monitores atuando em diversas funções no festival, fazendo com que a dinâmica e a organicidade do evento se mantivessem em sua plenitude em todos os dias de realização do evento.

Como se tratava de um festival não competitivo e no qual as discussões são a expressão de sua própria existência, refletir sobre os trabalhos passou a ser o momento mais intenso e dinâmico do festival. Discutir com professores e professoras de outras universidades, outros departamentos e programas de pós-graduação promoveu a troca eficiente de saberes. Esse trabalho coletivo de assistir e de pensar o fazer teatral do outro também contribuiu para a nossa formação docente e para os nossos trabalhos artísticos. Nessa empreitada, é que o Departamento de Artes da UFRN se fez intensamente presente e atuante. Estiveram nessa função os professores André Carrico, Naira Ciotti e Sávio Araújo. Para ampliar o debate, também foram convidados professores de outras instituições que completaram um sexteto generoso, atento, provocador e competente na análise dos treze espetáculos do festival. Foram convidados: Duílio Cunha (Universidade Federal de Campina Grande), Fernando Villar (Universidade de Brasília) e Verônica Fabrini (Universidade Estadual de Campinas).

Trazer todos estes convidados e os grupos de outros estados para o sertão foi uma das mais importantes experiências para todos os que participaram do festival. Vale uma pequena reflexão sobre esse espaço e o momento em que o festival se realizou. O sertão nordestino, em particular, o sertão do Seridó, estava passando por uma das mais intensas secas de todos os tempos, para alguns, a maior de todas. Já se passavam cinco anos de seca e a falta de água era absolutamente sentida por todos na região. Uma situação de caos se instalou em todos os lugares. A chuva era desejada, mas nada se dava. O revezamento no abastecimento de água era constante. Várias cidades entraram em colapso hídrico e recebiam água em carros pipa. O gado foi morrendo e as plantações secando. As resistentes cabras sofreram como nunca, mas permaneciam sobrevivendo para manter a lógica da vida e se firmar como solução para a alimentação de muitos sertanejos. Essa imagem de sertão apenas reforçava os estereótipos que foram construídos durante mais de um século sobre esse nordeste brasileiro, transformando-o num enorme sertão, não percebendo esses discursos de que o Nordeste é muito mais que sertões. Sim, sertões, já que o próprio conceito no singular não dá conta da diversidade desse espaço.



O que isso se refletiu no festival? Tudo. Os artistas migrantes temporários perceberam na pele o que é uma vida sem água como elemento constante no dia a dia. Abrir a torneira e não ter o líquido necessário para a sobrevivência de nossa espécie pareceu a todos uma situação de extremo desconforto. O mais importante: nas discussões acadêmicas e nos corredores do festival era presente a máxima de que o uso racional e consciente água em qualquer lugar do mundo era um dos maiores desafios do século XXI. O festival fomentou uma discussão muito profunda de nosso lugar no mundo e de nossa responsabilidade para com os bens que são de todos, dos sertões aos litorais.

Outro aspecto que foi relevante e merece destaque é a penetração desses grupos num espaço que, para a maioria, era completamente desconhecido. O sertão de Caicó, que dialoga com outros sertões e não está distante dos litorais, também proporcionou debates acalorados. Mesmo com a democratização das informações no mundo contemporâneo, ainda teimam imagens de um sertão de ontem, sem que as tecnologias tenham tocado seu solo e suas gentes, como bem apontou Durval Muniz de Albuquerque Junior,

Enunciar que os sertões são contemporâneos é, de saída, dar curso a uma antinomia. O sertão vem sendo definido na língua portuguesa falada no Brasil, na produção acadêmica, intelectual, literária e artística do país, nos discursos provenientes das mais variadas instituições brasileiras como pertencendo a um outro tempo, como sendo um espaço anacrônico, como sendo um espaço em dissonância com o tempo da cidade, do litoral, do progresso, da contemporaneidade. Um dos traços que definiria o ser mesmo do sertão seria sua temporalidade outra, sua temporalidade em descompasso com o tempo veloz e destrutivo vivido em outros espaços. O sertão seria um espaço marcado por nele sobreviver restos de tempos outros, espaço definido por conceitos como os de arcaico, tradicional, costumeiro, rotineiro, intemporal (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2014, p. 43).

Entender esses sertões conectados com espaços ditos não sertanejos se tornou um desafio para intelectuais preocupados em quebrar essas dicotomias e, de forma mais direta, preconceitos. A arte tem também esse papel de criar ruídos que poderão gerar cantos. Entrar em contato com esse espaço que sofria com uma seca prolongada era perceber, ao mesmo tempo, que a vida seguia e que as pessoas viviam suas angústias, mas acima de tudo suas alegrias de conseguir permanecer em suas casas e continuar experienciando vivências com os seus e com aqueles que se aproximavam para uma conversa nas calçadas das casas. A vida intensa do sertanejo foi experimentada.

O Festival Nacional de Teatro Universitário da UFRN promoveu encontros e discussões que foram para além do debate acadêmico sobre as teatralidades, expandiram-se para a compreensão desses sertões, quebrando falares de fossilização desse espaço no tempo. Os sertões se ampliaram e foram vividos em sua contemporaneidade.

Vale destacar que o público de Caicó e de cidades da região se fez presente em todas as treze apresentações, que foram gratuitas. Inclusive, a busca por ingressos já iniciou logo que a programação foi divulgada. Dar acesso a todos e a todas aos bens culturais é uma das tarefas da universidade pública. O relevante nisso foi colocar à disposição do grande público espetáculos que dialogavam com dilemas do mundo contemporâneo e que vão além das fronteiras da cidade de Caicó e da região do Seridó. Dilemas humanos elaborados a partir de ações dramáticas e estéticas diversas estavam à disposição daqueles que se dispunham a sair de seu lugar comum e penetrar nesse universo das teatralidades. Os receptores das obras teatrais – o público, elemento indispensável para a realização cênica – mostraram-se embebidos por esses novos olhares propostos pelos encenadores e atores. O teatro se fez em sua essência e exuberância.

Da mesma forma que os conceitos acerca de sertão/sertões foram postos à prova, também o corpo na cena não deixou de ocupar um lugar de destaque nas discussões do festival. A palavra diversidade foi uma das mais utilizadas durante os cinco dias do festival. Entre as discussões mais profundas, a participação de atores e atrizes transgêneros nas encenações promoveram um debate sobre a atualidade do teatro brasileiro e os espaços que que esses artistas ocupam na cena nacional. Mais do que apenas um discurso de inclusão, o determinante foi a compreensão de que esses corpos possuem lugar de fala e sua presença é necessária para o estabelecimento de alguns conceitos que permeiam as teoria teatrais e que requerem uma melhor atenção, como bem anunciou Manoel Silvestre Friques (2018), ao analisar diversos espetáculos em que as temáticas LGBTQIAP+ se fazem presentes.

A constelação de espetáculos aqui apresentada em uma frouxa genealogia atesta a fertilidade da aproximação entre as práticas teatrais e os pensamentos feminista e queer para o questionamento dos mitos que engendram os regimes heterossexuais de visibilidade e inteligibilidade. De um lado, nota-se a contribuição da manifestação teatral brasileira para a construção de um olhar queer preocupado não tanto com a aceitação e a prescrição social de identidades, mas com a desnaturalização de normas e convenções de gênero e sexualidades que ainda teimam em estabelecer tipologias e divisões, definindo normalidades e abjeções. De outro lado, as teorias feministas e queer permitem uma abordagem das práticas teatrais totalmente emancipada das prescrições dramáticas e mais adequada às dinâmicas de performatização de identidades e alteridades que estão no cerne do acontecimento cênico (FRIQUES, 2018, p. 93).

Independentemente de discussões no campo da teatralidade e suas diversas possibilidades, fica evidente que os/as atores e atoras no teatro contemporâneo estão cada vez mais amarrados a um discurso que perpassa suas vivências para além do palco e das coxias. Estar na cena é também estar na vida, usando de sua fala e de seu corpo com objetos para gritar, protestar e abrir espaços. Há claramente um novo ativismo da cena. O festival foi a prova disso.

Os espetáculos foram marcados pela contestação de formas de ver o mundo que não mais dão conta do momento em que vivemos. O não aceitar bocas e corpos silenciados foi levado à cena com extrema sensibilidade e força dramática. Dramas desde relacionamentos de casais heterossexuais até o mundo de uma Drag Queen negra e de periferia faziam transbordar os questionamentos ao socialmente aceito e permitido. Eram corpos postos a serviço de um novo falar.

Nesse sentido, é importante destacar o papel das universidades públicas no Brasil na construção desses espaços de interlocução com as demandas do mundo contemporâneo. Os cursos de graduação em artes cênicas têm alavancado debates relevantes no tocante ao crescente conservadorismo capitaneado por discursos de ódio e fundamentalismo. Num momento político vivenciado no Brasil e no mundo do crescente aparato contra as minorias, ocupando-se em enaltecer práticas violentas de supremacistas brancos, racistas, homofóbicos e transfóbicos, misóginos, xenofóbicos e mais uma enormidade de teorias fascistas e excludentes, o teatro se levanta como antagonista e as universidades, por seu turno, propõem-o debate. Esse é o papel da universidade pública. Nesse quesito, os espetáculos apresentados no Festival cumprem o papel de dar voz aos que os fascistas querem calar. A universidade é o lugar da experimentação, sobretudo para graduandos e pós-graduandos. Não podemos perder de vista esse aspecto tão determinante na formação dos alunos. Experimentar, dando, inclusive, a possibilidade humana do erro, é fator que faz da universidade uma propagadora de novas ideias e de novos modos de se viver. Não garantir a liberdade de expressão e a experimentação no mundo acadêmico é falsear sua existência. Não podemos admitir.

Por isso, mais festivais são necessários no Brasil e no mundo. Esse espaço de encontro e reflexões são marcadores importantes no fazer artístico de todos os que estão inseridos na comunidade acadêmica teatral. Raros são os momentos em que, na vida universitária, temos a capacidade de parar e olhar o processo do outro e nos dispor a contribuir com a sua execução. Na constituição de teatralidades, o relevante é a percepção do processo e não do resultado final. Dialogar com pares faz com que consigamos entender o que fazemos e redefinir trajetórias muitas vezes necessárias. Nossos alunos ainda não são profissionais e cabe a cada um e cada uma de nós contribuir com as ferramentas que municiarão suas carreiras quando egressos.

Um dos desafios que o Festival Nacional de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Caicó nos lançou foi que conceitos e fórmulas são datadas e precisam ser rediscutidas e reatualizadas sempre. Novamente, reforço o papel da universidade na vanguarda desses novos e instigantes caminhos.

No que se refere a dramaturgias construídas a partir das vivências de seus fazedores, a direções coletivas, a corpos que falam para além das ações, a ativismos criativos, há elementos novos no teatro? Não. O que mudou foi a forma, o conteúdo, as atuações e, acima de tudo, a sua contemporaneidade também forjada na dureza das experiências cotidianas. O teatro quer mais que mera estética. Muito mais. Em tempos de berros fascistas, temos de gritar com as armas da arte e os envergonhar em suas ignorâncias e contradições. Acredito que nossos alunos perseguem esse caminho, pelo menos, o festival foi uma demonstração inequívoca desse desejo e dessa determinação.

Por conseguinte, temos de iniciar a luta pelo 2º Festival Nacional de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e nos juntarmos a outros festivais universitários que se mantêm permanentes no calendário teatral brasileiro por décadas. Nós podemos. Esperamos que continue no sertão, para que novas experiências sejam vividas por nós, que produzimos nesse espaço; e por aqueles que têm a rara oportunidade de viver

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

FRIQUES, Manoel Silvestre. Transgêneros Teatrais: Práticas de Liberdade na Cena Brasileira. In: **Revista Aspas** – PPGAC-USP. V. 8, nº 1. São Paulo: PPGAC-USP, 2018.

HERZ, Daniel. Um festival que vai direto ao centro da questão. In: **Revista do 3º Festival nacional de Teatro Infantil de Blumenau**. Blumenau: Cultura em Movimento, 1999.

ROLIM, Michele. **O que pensam os curadores de artes cênicas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

VILLEGAS, Juan. Multiculturalismo e multiteatralidades na América latina. In: MOSTAÇO, Edécio (Org.). **Para uma história cultural do teatro**. Florianópolis/Jaraguá do Sul: Design Editora, 2010.

SigaArte na UFRN: Itinerâncias e permanências artísticas

Teodora de Araújo Alves

NAC/UFRN

DEART/UFRN

O Programa SigaArte na UFRN vem ocorrendo desde 2013 a partir da solicitação da administração central desta instituição, que publicou portaria instalando uma comissão para trabalhar na criação de um programa que viesse a desenvolver ações na área de cultura e artes nos diversos Campi da UFRN (Portaria 926-13-R, de 06 de maio de 2013. Ver Anexo E). Nesse aspecto, pensar a arte na universidade, torná-la mais visível e presente nos vários ambientes, foi o propósito do Programa criado e intitulado SigaArte na UFRN.

Para tanto, o programa considerou o Plano de Desenvolvimento Institucional (2010-2019) e o Plano de Gestão da Administração Central, com enfoque no desenvolvimento de Programas estruturantes como o “Universidade Cidadã”, o Programa “Expansão acadêmica com qualidade” e o “Programa Meio ambiente e Qualidade de vida”. Aliada a essa base de desenvolvimento institucional, a UFRN apresenta como sendo sua missão “educar, produzir e disseminar o saber universal, preservar e difundir as Artes e a Cultura” (UFRN, 2010-2019). Portanto, foi nesse contexto de desenvolvimento acadêmico, humano e social que o Programa SigaArte na UFRN: arte, cultura, qualidade de vida e meio ambiente se projetou, de modo a contribuir com a difusão da cultura artística universitária, promovendo a formação de público para as artes e proporcionando um ambiente favorável e saudável aos que integram a UFRN. Nesse sentido, os momentos de convivência diária nos vários ambientes desta Universidade puderam se traduzir em modos de coexistência e de significativas experiências estéticas.

Foi assim que surgiu e se desenvolveu o SigaArte na UFRN, coordenado pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, em parceria com outras unidades acadêmicas e administrativas e a comunidade acadêmica. Suas ações se configuraram por oficinas artísticas; círculos temáticos sobre arte e cultura, eventos alusivos ao calendário artístico; intervenções artísticas em diversos setores da Universidade; cinema ao ar livre; semana artística para estudantes calouros e veteranos; semana artística para os servidores (alusiva ao dia do servidor público), entre outras ações.

Notas sobre a criação do Programa SigaArte na UFRN, no ano de 2013 e sua inclusão no Plano de Cultura da UFRN

Do relatório apresentado pela comissão de criação do SigaArte à administração central da UFRN, destacamos que as ações deveriam ser implementadas em curto, médio e longo prazos. Deveriam ser incorporadas ao cotidiano da UFRN como metas de gestão a partir da ideia de que arte e cultura não são meros adereços estéticos da condição humana. A criação artística e o fazer são unidualidades da existência, que qualificam a vida. É essa condição que faz com que artistas e obras se eternizem como feitos para a memória da cultura. Portanto, seria necessário que a UFRN ousasse em praticar essas premissas como política efetiva de gestão.

A comissão considerou como pressuposto que a arte é um advento, um vir-a-ser do que nunca existiu antes, conforme nos diz o filósofo Merleau-Ponty, de modo que, a comunidade universitária, por meio do SigaArte na UFRN, seria mobilizada a criar outras percepções e relações artísticas e estéticas a partir do seu mundo vivido na universidade. “por que a expressão do mundo seria sujeita à prosa dos sentidos ou do conceito? É preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 53). Nesse processo, a presença da arte de modo mais cotidiano, poderia ser um caminho favorável a essa concepção. Afinal, como nos diz o dramaturgo Augusto Boal (1975), temos a obrigação de inventar outro mundo, pois sabemos que um outro mundo é possível.

O SigaArte foi pensado como “Itinerâncias e permanências artísticas”, ou seja, algumas ações poderiam circular pelos setores e Campi da UFRN e outras seriam realizadas somente em um local e um momento específico. O Programa deveria ser constituído, em sua maior parte, por ações culturais já existentes na UFRN e que integrariam uma agenda comum realizada em diversos espaços da UFRN. Poderiam ocorrer ações de menor porte, do ponto de vista de sua estrutura e do tempo que fossem realizadas, bem como ações culturais de maior dimensão estrutural e que também poderiam circular pelos Campi da UFRN. Tais ações seriam sistematizadas em formato de festivais, oficinas artísticas, concursos culturais, saraus poéticos, entre outras, e incluiriam música, teatro, dança, cinema, poesia, exposição itinerante de acervos da UFRN, e demais linguagens, bem como seriam executadas em espaços diversificados e mapeados na UFRN.

De modo específico, a comissão de criação do Programa, apresentou as seguintes proposições:

- concertos e recitais de música;
- esquetes (do inglês sketch), isto é, pequenas peças ou encenações teatrais;
- apresentações de dança;
- intervenções com poesias e literatura, a exemplo de uma mostra de cordéis e cordelistas; saraus poéticos; instalações poéticas; publicação de coletânea de poesias.
- exposições de acervos da UFRN;
- instalações de artes visuais;
- performances cênicas;
- mostras de cinema e vídeo;
- ateliês de pinturas;
- práticas de Danças circulares; Tai chi Chuan, entre outras.
- outras possibilidades artísticas e culturais.

Para a viabilização do programa, a comissão apontou algumas necessidades metodológicas e de logística, conforme discurremos a seguir:

- identificação das ações artísticas já existentes na UFRN, e que pudessem ser compartilhadas nos setores;
- mobilização dos coordenadores das ações e criação de uma agenda compartilhada;
- inclusão de ações como resultados de disciplinas de composição artística dos alunos; ou de grupos artísticos de extensão; entre outras possibilidades.

Ressaltamos que as proposições da comissão, já relatadas, foram em sua maioria executadas entre 2013 e 2019.1. Contudo, o SigaArte na UFRN sofreu certa flexibilidade no que tange à realização de algumas ações propostas pela comissão inicial. Posteriormente, esse Programa começou a integrar o Plano de Cultura da UFRN.

A comissão de criação propôs ainda usar espaços virtuais acadêmicos para promover a arte e a cultura na universidade, tornando-as muito mais cotidiana. Nessa perspectiva do virtual como potência das expressões culturais e artísticas, teríamos inclusive o SigaArte virtual à maneira de um Sigaa. Para isso, seria preciso reunir profissionais de Design, da Superintendência de Informática e do Nac para definirem visual, aspectos técnicos etc. Essa iniciativa ocorreu de outros modos, com a criação de ambientes virtuais, redes sociais, ampliação da divulgação do programa.

Outras sugestões presentes no relatório da comissão de criação dizem respeito as seguintes ações:

Luau e/ou Pôr-do-sol na UFRN: inspirado nos Projetos Pôr do Sol no Potengi, realizado no Iate Clube em Natal/RN e no Projeto Bolero de Ravel realizado na Praia do Jacaré em João Pessoa/PB, o Luau na UFRN seria realizado uma vez a cada semestre durante a lua cheia e no espelho d'água da Reitoria ou em outro local, incluindo sempre a presença de grupos artísticos da UFRN.

Maratona fotográfica Click UFRN: gerada a partir de cursos de fotografias desenvolvidos ao longo do ano na UFRN, a maratona anual seria temática e com premiação para os três primeiros colocados, conforme critérios estabelecidos em edital público. A comissão de seleção seria composta por representantes das áreas diretamente vinculadas à fotografia e ao tema abordado. Os acervos ficariam na UFRN e poderiam, conforme citado em edital e com registro de créditos dos autores, servir para compor livros, exposições etc.

A FM universitária no cotidiano da UFRN: nos corredores e se, possível, nos auditórios. Tradicionalmente, fomos acostumados a estudar e ou a pensar sem som. Assim, a comissão sugeriu que deveríamos romper com tal tradição e colocar a música no cotidiano universitário. Não podemos esquecer a geração Y, destacadamente, que tem feito dos seus celulares e do uso de MP3-4 e IPOD suportes de audição. Para tanto, devem ser pensados e criados conteúdos informativos de caráter artístico e acadêmico. Posteriormente, houve parceria entre o NAC/Plano de Cultura e a FMU no apoio ao Festival de Música Potiguar Brasileira.

Projeto cultural mensal no Anfiteatro da UFRN: abrigaria feiras de livros, oficinas artísticas, apresentações artísticas, circuitos culturais (ex.: estudantes do ensino básico poderiam conhecer as instalações físicas da UFRN em um transporte que circularia pelo Campus Central, com um guia cultural que mostraria alguns prédios centrais, a exemplo da EMUFRN, do Prédio da Reitoria, da TVU, do Centro de Convivência, da Biblioteca Zila Mamede, dos Centros Acadêmicos etc.). Posteriormente, essa ação foi configurada e realizada como sendo o SigaArte na Praça.

Pensar programas culturais a partir do uso efetivo da TV da UFRN: criação do canal SigaArte virtual como meio de comunicação com a comunidade acadêmica. Com a presença da TV digital, inaugurar-se-ia a interatividade, que poderia significar uma prática de comunicação viva e horizontal. Desnecessário dizer que os conteúdos ficariam livremente disponibilizados on-line. Posteriormente, essa ação se efetivou com os apoios e as parcerias estabelecidas entre o NAC/Plano de Cultura e a Televisão universitária, a partir de programas televisivos que focaram na divulgação dos artistas da UFRN e do RN.

Constituir um polo de cinema na UFRN: construção de uma sala de cinema e, futuramente, a criação de uma graduação em Cinema. Atualmente, foi criado o curso de graduação em Audiovisual no Centro de Ciências, Humanas, Letras e Artes. Enquanto não se criava um espaço definitivo, a comissão propôs o uso de espaços de projeções já existentes. Tal iniciativa deveria ser combinada com a reforma do Centro de Convivência com o objetivo da criação de um complexo cultural, artístico e acadêmico, no qual a UFRN reuniria em um só lugar: cinema, livreria, ateliê e teatro. Posteriormente, diversas ações de audiovisual e cinema ocorreram no contexto do Plano de Cultura, incluindo a aquisição de equipamentos para instalar o auditório NEPSA 1 do Centro de Ciências, Humanas, Letras e Artes.

FESTIVAIS ARTÍSTICO-CULTURAIS

Na proposta inicial do SigaArte, ainda em 2013, foram previstos o fomento ou a realização de diversos festivais, a saber:

- Festival Universitário da Canção: já havia sido realizado pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis. Com a criação do Festival de Música da FMU, inclusive com apoio do Plano de Cultura, várias edições desse evento foram bastante exitosas, enquanto que o Festival universitário da canção não teve continuidade na agenda dos gestores que assumiram posteriormente a Pró-reitoria que o coordenava.
- Festival de Cinema, poesia e literatura;
- Festival de charges e comédia;
- Feira de Livros e literatura: organizado pela Editora Universitária, em parceria com a Cooperativa de livros, a Biblioteca Zila Mamede e o Departamento de Letras da UFRN, a ação objetivaria realizar rodas de conversas com os autores da UFRN e difundir a produção literária desta universidade. Nesse contexto, o SigaArte provocaria tais unidades para, juntos, viabilizarem a ação.

Ressaltamos que, nesse contexto de festivais artísticos, o Plano de Cultura realizou uma ação extremamente exitosa que foi o Festival de Teatro Universitário, o qual também foi objeto de um dos capítulos do presente livro.

PROCESSO METODOLÓGICO DO PROGRAMA SIGAARTE NA UFRN

A comissão entendeu que, do ponto de vista metodológico, para a viabilização do SigaArte, seriam necessárias reuniões internas da comissão executiva; reuniões com a Pro-reitoria de Planejamento e de Extensão; abertura para recebimento de sugestões da comunidade acadêmica; experiência piloto durante o evento Semana do meio ambiente da UFRN; abertura de inscrições para adesão de responsáveis por ações culturais na UFRN; execução semanal ou mensal do programa, a depender da natureza de cada ação proposta.

Por fim, ressaltamos que o SigaArte na UFRN, desde sua criação, bem como com a sua inserção no contexto do Plano de Cultura da UFRN, traduziu-se em um Programa de impacto no cotidiano universitário, de modo que, em muitos momentos, a comunidade acadêmica e administrativa receberam em seus setores de aulas, salas de trabalho, restaurante universitário, auditórios e demais espaços da UFRN, diversas ações artísticas que repercutiram na relação estabelecida entre o humano e a arte, proporcionando momentos de bem-estar, de maior sensibilidade e de atenção para si e para o outro, que tão rotineiramente está ao seu lado realizando as atribuições concernentes ao dia a dia da universidade. Sem dúvida, tais momentos se traduziram em poesia, em silêncios e sonoridades, em movimentos e novos fluxos e, sobretudo, em outros tempos e espaços abertos ao olhar, ao perceber, ao estar, ao sentir e ao significar a sua presença e do outro na universidade. Momentos que podemos constatar nos registros visuais das ações desenvolvidas pelo SigaArte na UFRN. Vida longa e sigamos a arte sempre!!

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL (PDI/UFRN): 2010-2019. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. – Natal, RN, 2010.

PLANO DE CULTURA DA UFRN (PC/UFRN): 2015- 2018. **Universidade Federal do Rio Grande do Norte** – Natal, RN, 2015. Disponível em <http://www.nac.ufrn.br>. Acesso em março de 2018.

Problematização, princípios, ações e desafios da Incubadora Cultural da UFRN

Fernando Manuel Rocha da Cruz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

As políticas culturais brasileiras conheceram, nos últimos anos, um novo impulso com a inclusão de políticas, estudos e ações sobre Economia Criativa. Nesse sentido, a inclusão do Programa Incubadora Cultural da UFRN, na proposta elaborada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ao Edital Mais Cultura nas Universidades/Plano da Cultura da UFRN e aprovada pelos Ministérios da Cultura e da Educação, deve-se à necessidade de aprofundar, debater e divulgar a economia criativa no âmbito das políticas culturais, mas também de atuar, experimentar e criar pontes para esses campos.

Nesse sentido, procuramos, neste artigo, fazer a contextualização histórica e internacional da economia criativa, apresentando ainda os seus principais conceitos, princípios e setores criativos. Em seguida, procuramos debater a questão das incubadoras na sociedade contemporânea, a partir da identificação dos tipos e das suas principais características. Finalmente, apresentamos os objetivos e as principais ações desenvolvidas no Programa Incubadora Cultural da UFRN.

A ECONOMIA CRIATIVA

Desde meados do século XX que se vem debatendo a relação cultura e economia. Para isso, terão contribuído a emergência da sociedade do conhecimento, a transição da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial, o uso intensivo do capital e a produção em massa. O advento combinado da sociedade do conhecimento e dos valores pós-materialistas estão então na origem da virada cultural (LASH; URRY, 1994; BECK, 2002; BENDASSOLLI et al., 2008).

Adorno (2001), por sua vez, aponta para 1947 o ano em que, pela primeira vez, juntamente com Horkheimer, no livro *Dialectic of Enlightenment*, foi usado o conceito de indústria cultural para se referir à cultura de massa. Nas palavras desse autor, “trata-se de algo como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea de arte popular” (ADORNO, 2001, p. 98) E acrescenta:

A indústria da cultura faz um mau uso de sua preocupação com as massas, a fim de duplicar, reforçar e fortalecer sua mentalidade, que presume ser dada e imutável. Como essa mentalidade pode ser mudada é excluída por toda parte. As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, embora a própria indústria cultural dificilmente existisse sem se adaptar às massas (ADORNO, 2001, p. 99)

Em 1994, a Austrália aprovou a sua política cultural que denominou de “Nação Criativa”. Esta foi apresentada pelo Primeiro-ministro, Paul Keating, colocando a cultura como instrumento do desenvolvimento econômico. A sua justificativa salientava o seguinte:

Esta política cultural é também uma política econômica. A cultura cria riqueza. Em sentido lato, nossas indústrias culturais geram 13 bilhões de dólares por ano. A cultura cria emprego. Cerca de 336.000 australianos trabalham em indústrias relacionadas com a cultura. A cultura agrega valor, trazendo uma contribuição fundamental para a inovação, o marketing e o design. É um símbolo de nossa indústria. O nível de nossa criatividade determina substancialmente a nossa capacidade de adaptação a novos imperativos econômicos. É uma exportação valiosa em si mesma e um acompanhamento essencial para a exportação de outras mercadorias. Ela atrai turistas e estudantes. É essencial para o nosso sucesso econômico (AUSTRALIA, 1994).

Na década de 1990, a subida ao poder do Partido Trabalhista, no Reino Unido, levou o Primeiro-ministro, Tony Blair, a nomear uma força-tarefa para estudar a relação entre cultura e economia, uma vez que, em plena crise econômica, determinadas indústrias culturais não estavam sofrendo os efeitos dessa crise, mas que, pelo contrário, estavam aproveitando para aumentar sua renda. Na sequência, o Grupo de Trabalho para as Indústrias Criativas, criado pelo Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS), publicou, em 1998, o *Mapeamento das Indústrias Criativas* e, em 2001, um relatório de acompanhamento. No primeiro documento, o DCMS definia as indústrias criativas como “aquelas atividades que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais, assim como possuem o potencial de criar emprego e riqueza através da geração e exploração da propriedade intelectual” (BOP CONSULTING, 2010, p. 13-14).

No Brasil, como reporta Miguez (2007), são dados os primeiros passos com a organização da XI Conferência Ministerial da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), realizada em São Paulo, em 2004, com o debate sobre a criação de uma instituição internacional dedicada à economia criativa. A proposta de saída dessa Conferência criou uma movimentação intensa em torno da temática, chegando mesmo o Brasil a se oferecer para acolher a instituição proposta por esse organismo internacional.

Outro passo importante dá-se em 2008 e em 2010, com a publicação do primeiro e do segundo Relatórios da Economia Criativa pela UNCTAD. O segundo Relatório amplia as recomendações apresentadas no primeiro e aprofunda a análise sobre o impacto da economia criativa, sugerindo ainda políticas e ações de estímulo ao desenvolvimento, que devem estar ligadas, de modo equilibrado, a intervenções políticas e para o mercado. Por fim, o Relatório de 2010 procura identificar tendências, pontos fortes e fracos, bem como desafios e oportunidades, para além de chamar a atenção para a necessidade de reconciliar estratégias nacionais com processos internacionais globais (UNCTAD, 2010).

Em 2012, a criação da Secretaria da Economia Criativa (SEC) e a aprovação do Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014, vieram institucionalizar a economia criativa, no Brasil, sob a dependência do Ministério da Cultura. Nesse documento, a SEC assume a necessidade de se adaptar à economia criativa as potencialidades e características brasileiras. Daí a obrigação de o Ministério da Cultura formular políticas públicas para o desenvolvimento do Brasil, a partir de quatro princípios, a saber: inclusão social, sustentabilidade, inovação e diversidade cultural.

O Plano da Secretaria da Economia Criativa adotou a designação de setores criativos, para abranger: “Todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica” (BRASIL, 2011, p. 22). Ao contrário, a UNCTAD havia optado por denominar os mesmos empreendimentos por indústrias criativas definindo-as como:

- os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários;
- um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente geram receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual;
- produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado;
- cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais;
- um novo setor dinâmico no comércio mundial (UNCTAD, 2010, p. 8).

Apesar da falta de unanimidade entre os autores sobre a noção de indústrias ou de setores criativos, podemos propor como sua definição os empreendimentos que têm por objeto o elemento simbólico, tangível ou intangível – ou, por outras palavras, a arte, a cultura ou o patrimônio – ou que incorporam algum desses elementos, seja em todo o ciclo econômico, seja em alguma etapa (criação, produção, distribuição e mercado), tendo em vista a obtenção de lucro ou renda. Esses empreendimentos aliam a cultura à gestão e à economia para além do uso crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação.

A economia criativa, conceito usado pela primeira vez por Howkins, em 2001, na sua obra *Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas* (HOWKINS, 2012), pode ser definida como a área em que atua o conjunto das indústrias (ou setores) criativos, que estão classificados por categorias culturais, quer na classificação da SEC, quer da UNCTAD. Este último distingue quatro categorias – Patrimônio, Artes, Mídia e Criações funcionais – enquanto a SEC caracteriza cinco categorias culturais – Patrimônio, Expressões Culturais, Artes de espetáculo, Audiovisual/do livro, da leitura e da literatura e Criações culturais e funcionais (CRUZ, 2014).

Quanto aos princípios adotados pela SEC – e referidos acima –, a economia criativa deve ter por base uma dinâmica de valorização, proteção e promoção da diversidade cultural brasileira de forma a garantir originalidade, força e potencial de crescimento. No entanto, a opção pelo desenvolvimento tem de levar em conta que não é mais possível incentivar o domínio do mercado sem um sentido crítico. Desse modo, há de se garantir a diversidade cultural e a sustentabilidade social, cultural, ambiental e econômica sem hipotecar as opções de escolha das gerações futuras. Acresce a esses dois princípios a inovação, que exige conhecimento, identificação e reconhecimento de oportunidades, capacidade de empreender e assumir riscos. Daí que assumir a economia criativa como processo cultural gerador de inovação, “é assumi-la em sua dimensão dialógica, ou seja, de um lado, como resposta a demandas de mercado, de outro, como rompimento às mesmas” (BRASIL, 2012, p.35). Finalmente, a inclusão social passa pela implementação de políticas públicas culturais na área da economia criativa que promovam a inclusão produtiva da população, sobretudo de quem está em vulnerabilidade social, bem como, do seu acesso a bens e serviços criativos (BRASIL, 2012).



As incubadoras na sociedade contemporânea

As primeiras incubadoras de empresas começaram a surgir em meados do século XX, sobretudo em países desenvolvidos, apresentando diversos modelos, os quais variavam quanto à estrutura, aos objetivos e ao público-alvo. Data de 1959 o modelo precursor de incubadora mais próximo do que conhecemos atualmente, que surgiu no estado de Nova Iorque (EUA), por decisão de Joseph Mancuso, comprador de uma das fábricas da Massey Ferguson (Fábrica de equipamentos agrícolas) (RIBEIRO, 2006).

Na década de 1970, na região do Vale do Silício, surgiram incubadoras de empresas vinculadas a universidades e a centros de pesquisa da região. As incubadoras eram meios para incentivar universitários recém-graduados a difundir inovações tecnológicas e a desenvolver o espírito empreendedor. Desse modo, deu-se a oportunidade para esses jovens criarem suas empresas, por meio de parcerias, aliadas a uma estrutura física que oferecia assessoramento gerencial, jurídico, administrativo de comunicação e tecnológico (RIBEIRO, 2006).

A incubadora é uma estrutura que ajuda a desenvolver e a pensar negócios em uma fase inicial, tendo como objetivo aumentar a possibilidade de sucesso. Mas a incubadora é mais do que uma estrutura que apenas disponibiliza espaço físico e serviços administrativos, uma vez que ela é, sobretudo, um processo. A incubadora, para além do espaço a preço acessível e dos serviços de escritório compartilhados, presta aconselhamento profissional para o desenvolvimento do negócio e disponibiliza networking interno (equipa gestora da incubadora, staff e outras empresas incubadas) e externo (universidade local, contactos na indústria, contactos de serviços profissionais e *business angels*) (AERNOUDT, 2004; BERGEK; NORRMAN, 2008; OECD, 1997; SISTELO, 2015). Como acrescenta Sistelo:

A incubadora assume então um papel de intermediária e facilitadora, ao providenciar às empresas incubadas acesso a recursos, contactos formais e informais e conhecimento, alavancando o talento empresarial (Phan et al., 2005; Mian, 1997), nomeadamente o bom arranque (condição de probabilidade de sustentação) de novas empresas (start-ups) (SISTELO, 2015, p. 29).

No Brasil, a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC) define incubadora como:

Uma incubadora é uma entidade que tem por objetivo oferecer suporte a empreendedores para que eles possam desenvolver ideias inovadoras e transformá-las em empreendimentos de sucesso. Para isso, oferece infraestrutura, capacitação e suporte gerencial, orientando os empreendedores sobre aspectos administrativos, comerciais, financeiros e jurídicos, entre outras questões essenciais ao desenvolvimento de uma empresa (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES, 2016).

De acordo com o Ministério da Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2000), as incubadoras podem ser de três tipos:

- 1 Incubadora de empresas de base tecnológica: É a incubadora que abriga empresas cujos produtos, processos ou serviços são gerados a partir de resultados de pesquisas aplicadas, nos quais a tecnologia representa alto valor agregado.
- 2 Incubadora de empresas dos setores tradicionais: É a incubadora que abriga empresas ligadas aos setores tradicionais da economia, as quais detêm tecnologia largamente difundida e que agregam valor aos seus produtos, processos ou serviços por meio de um incremento em seu nível tecnológico. Devem estar comprometidas com a absorção ou o desenvolvimento de novas tecnologias.
- 3 Incubadoras de Empresas Mistas: É a incubadora que abriga empresas dos dois tipos acima descritos.

Por seu lado, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2016) identifica mais cinco tipos de incubadoras:

- 1 Incubadoras de empresas de agronegócios: Apoiam empresas atuantes em cadeias produtivas de agronegócios, que possuem unidades de produção externas à incubadora e utilizam os módulos da incubadora para atividades voltadas ao desenvolvimento tecnológico e ao aprimoramento da gestão empresarial.
- 2 Incubadoras de cooperativas: Abrigam, por período médio de dois anos, empreendimentos associativos em processo de formação e/ou consolidação instalados dentro ou fora do município. Representam uma das modalidades de incubadoras de setores tradicionais.
- 3 Incubadoras de empresas culturais: Incubadora de empresas que têm a arte e a cultura como valor agregado aos seus produtos. Essas incubadoras desenvolvem negócios relacionados à arte e à cultura regional, gerando trabalho e renda alternativos.
- 4 Incubadoras de Design: Organização que abriga empreendedores e/ou empreendimentos ligados diretamente ao segmento de design. Esses empreendimentos devem estar comprometidos com a absorção e o desenvolvimento de novas tecnologias.
- 5 Incubadora social: Apoiam empreendimentos com origem em projetos sociais, ligados aos setores tradicionais, cujo conhecimento é de domínio público e que atendam à demanda de emprego e

Em 2013, o Ministério da Cultura, animado pelo espírito da economia criativa, lançou a Rede Incubadoras Brasil Criativo no sentido de ofertar aos agentes culturais: formação e consultoria em modelos de negócio, planejamento estratégico, assessoria contábil, jurídica e de comunicação, direito autoral, marketing, elaboração de projetos, captação de recursos e acompanhamento contínuo. O programa contou com orçamento de R\$ 40 milhões e, em 2014, estavam constituídas oito incubadoras – Rio de Janeiro, Acre, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Norte (NECCULT, 2016).

No estado do Rio Grande do Norte, as duas experiências de incubação na área cultural foram a Incubadora Tecnológica de Cultura e Arte – ITCART e o RN Criativo. A primeira, situada no Campus – Natal Cidade Alta, foi concebida em março de 2011 por meio de parceria entre o Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/RN e a Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do RN – FUNCERN. A ITCART tinha como propósito contribuir para a promoção do empreendedorismo no ramo da economia criativa e para a gestão sustentável, permitindo a acessibilidade e favorecendo a difusão e o desenvolvimento da arte e da cultura (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, 2018).

A segunda incubadora foi um projeto da Secretaria de Economia Criativa do Ministério da Cultura em parceria com Governo do Estado do Rio Grande do Norte, por meio da Secretaria Extraordinária de Cultura do RN e Fundação José Augusto. O RN Criativo prestou atendimento e assessoria aos agentes e empreendedores criativos, ofertando serviços que englobavam formações, capacitações, consultorias e assessorias técnicas, voltadas para a qualificação da gestão de projetos, produtos e negócios de micro e pequenos empreendimentos criativos (ARAÚJO, 2016). A partir de 2016/2017, ambas as incubadoras sentiram dificuldades na prossecução dos seus objetivos em virtude do financiamento temporário concedido e da falta de renovação desses apoios econômicos, por isso, acabaram por suspender ou extinguir suas atividades.

Programa Incubadora Cultural da UFRN

O Programa Incubadora Cultural da UFRN, incluído no Plano de Cultura da UFRN, foi aprovado no Edital Mais Cultura nas Universidades, lançado pelos Ministérios da Cultura (MINC) e da Educação (MEC) em 2015, com vista à sua execução em 2016 e 2017. Trata-se de um Programa Estruturante do Plano de Cultura da UFRN que tinha por objetivos:

- aprofundar o conhecimento sobre economia criativa no RN;
- fomentar o interesse da comunidade acadêmica e científica pela triangulação das questões culturais, sociais e econômicas;
- mapear projetos acadêmicos (de ensino, pesquisa e extensão) sobre economia criativa no RN;
- prestar consultoria e/ou apoio técnico, na área de produção e economia criativa, a proponentes de projetos culturais internos e externos à UFRN, com vista ao empreendedorismo e à inovação cultural;
- fomentar o contato entre os setores econômicos e artístico-culturais;
- fomentar o interesse dos discentes da graduação e da pós-graduação nas políticas de fomento da economia criativa;
- promover, participar e/ou apoiar ações de articulação em rede das incubadoras criativas do RN e demais instituições ligadas à arte, à cultura e ao empreendedorismo cultural;
- assessorar as etapas de pré-produção, produção e pós-produção dos grandes eventos culturais da UFRN;
- apoiar a publicação de artigos sobre economia criativa.



Durante os anos de 2016 e 2017, foram desenvolvidas as seguintes ações:

1. VI Seminário Projeto de Pesquisa em Economia Criativa (24/04/2017); V Seminário Projeto de Pesquisa em Economia Criativa (14/12/2016); IV Seminário Projeto de Pesquisa em Economia Criativa (02/05/2016).

- Justificativa: as preocupações com as questões relacionadas com a economia da cultura estão presentes na Lei Rouanet (Programa Nacional de Apoio à Cultura) ou na Lei Djalma Maranhão (Programa de Incentivo à cultura da Prefeitura de Natal). As políticas públicas procuram apoiar o desenvolvimento da economia criativa e da cultura brasileira e dos seus profissionais. Desse modo, propomos a apresentação de projetos de trabalhos de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas sobre as políticas culturais, em geral, e a economia criativa, em particular.

- Objetivos: apresentar projetos de Trabalhos de Conclusão de Curso da Graduação de Gestão de Políticas Públicas sobre economia criativa; refletir criticamente sobre a economia criativa brasileira e natalense; incentivar a pesquisa sobre a temática de temas culturais do ponto de vista do planejamento.

- Público real atingido: 48 pessoas (VI Seminário); 14 pessoas (V Seminário); 30 pessoas (IV Seminário).

2. Seminário sobre Ócio, redes de pesquisa e cidades contemporâneas (29/03/2016)

- Justificativa: ócio, lazer e tempos livres surgem associados à cultura e à qualidade de vida nas cidades contemporâneas. O ócio é um dos temas de pesquisa do Grupo de Pesquisa sobre as Cidades Contemporâneas que recentemente criou o eixo Economia Criativa, Políticas Culturais, Ócio, Lazer e Tempos Livres.

- Objetivos: aprofundar conhecimento sobre a temática do ócio e das cidades contemporâneas; debater a temática do ócio e das cidades contemporâneas; participar em redes de pesquisa sobre ócio e cidades contemporâneas

- Público real atingido: 25 pessoas

3. I Seminário Interdisciplinar sobre Ócio (07/12/2016 a 08/12/2016)

- Justificativa: os estudos sobre o ócio desenvolvidos na UFRN e, em particular, pelo Grupo de Pesquisa sobre as Cidades Contemporâneas, estão na origem do pedido de adesão da UFRN como associada à Rede Iberoamerica OTIUM, no mês de junho de 2016, em Bilbao (Espanha), onde se realizou a X Reunião da referida Rede e onde a UFRN participou com o estatuto de observador. Desse modo, urge dinamizar ações que permitam dar visibilidade à pesquisa, ao ensino e à extensão realizados na UFRN sobre ócio como fator que visa melhorar a qualidade de vida da população, em geral. Trata-se igualmente de um importante fator de desenvolvimento que merece a sua reflexão em confronto com questões urbanas, culturais, ambientais e de políticas públicas.
- Objetivos: debater o ócio como fator promotor de qualidade de vida e de desenvolvimento regional; promover políticas públicas sobre ócio; conscientizar a comunidade acadêmica e a população em geral para a importância do ócio no ensino, na pesquisa e na extensão, em termos interdisciplinares.
- Público real atingido: 155 pessoas

4. Mesa-redonda: A incubação de empresas e projetos em arte e cultura, no RN (20/10/2016)

- Justificativa: as incubadoras culturais se assumem como ferramentas de fomento dos empreendedores do setor cultural e artístico. A mesa se propôs refletir sobre o papel das incubadoras culturais e o papel da economia criativa no modelo de gestão que subsidia essas estruturas, no estado do Rio Grande do Norte; bem como sobre a importância da valorização da cultura de incubação no país e no estado do RN.
- Objetivos: compreender a importância das incubadoras e do empreendedorismo na sociedade contemporânea; problematizar o surgimento de start-ups de índole cultural; apresentar a incubadora cultural da UFRN.
- Público real atingido: 36 pessoas

5. Workshop de produção e edição de vídeo (25/08/2016 a 15/09/2016)

- Justificativa: o workshop procurou ministrar os conhecimentos básicos e necessários sobre produção e edição de vídeo aos discentes do curso de Gestão de Políticas Públicas, nomeadamente aos bolsistas do projeto de extensão Centro de documentação e memória da economia criativa na UFRN. A iniciativa foi, no entanto, aberta, a outros alunos que quisessem participar.

- Objetivos: apresentar os princípios básicos do roteiro de vídeo; apresentar e praticar técnicas de filmagem; apresentar e praticar a edição de vídeo com dois programas de edição de vídeo.
- Público real atingido: 10 pessoas

6. Oficina: Direitos Autorais em Arte e Cultura (21/10/2016)

- Justificativa: os direitos autorais são uma fonte de recurso econômico para os seus autores. Ademais, são uma importante garantia do investimento na criatividade e na inovação de processos, ações e soluções no campo cultural e artístico. A oficina procurou apresentar e contextualizar os direitos autorais no Brasil, mecanismos de garantia e proteção dos direitos individuais e coletivos, bem como formas preventivas e repressivas de defesa desses direitos, relativamente ao campo cultural e artístico.
- Objetivos: conscientizar para a importância dos direitos autorais no âmbito cultural e artístico; apresentar uma breve contextualização histórica sobre os direitos autorais culturais e artísticos; dar exemplos de direitos autorais culturais e artísticos.
- Público real atingido: 20 pessoas

7. Oficina: Introdução à economia criativa (21/10/2016)

- Justificativa: a presente oficina teve por objetivo contextualizar historicamente a economia criativa, conceituando-a, bem como identificar os setores criativos no Brasil. Para além disso, propôs-se analisar criticamente todo o ciclo econômico dos setores culturais e criativos propondo soluções estratégicas para impulsioná-lo. Por fim, abordou a questão das incubadoras de arte e cultura.
- Objetivos: introduzir o conceito de economia criativa; contextualizar histórica e geograficamente o desenvolvimento da economia criativa no Brasil e no mundo; mostrar a relevância da economia criativa para a economia e a cultura contemporâneas; apresentar casos práticos.
- Público real atingido: 17 pessoas

8. Centro de documentação e memória sobre economia criativa da UFRN (01/08/2016 a 31/12/2017)

- Justificativa: a atualização e ampliação do acervo digital sobre economia criativa na UFRN criado em 2015, permitindo a disponibilização de um acervo de documentação e memória relativo aos estudos, pesquisas e eventos de economia criativa e seus setores criativos efetuados na UFRN, com particular destaque para a realidade da cidade de Natal e sua região metropolitana e o incremento do debate sobre as políticas de fomento da economia criativa nessa área geográfica.
- Objetivos: atualizar e ampliar o acervo de documentação e memória sobre economia criativa desenvolvida no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; selecionar, catalogar, classificar os materiais criados na tripla vertente ensino, pesquisa e extensão, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre Natal e a sua área metropolitana; atualizar e ampliar o acervo audiovisual com vídeos de síntese de material escrito (dissertações, TCC e artigos) e de eventos (seminários, palestras); criar uma página on-line disponibilizando o material incluído no acervo.
- Público real atingido: 6.010 visualizações.

9. Boletim da Incubadora Cultural da UFRN (11/07/2016 a 31/12/2017)

- Justificativa: o Programa Incubadora Cultural promoveu material com interesse e relevância para a economia criativa na UFRN, na cidade de Natal e no estado do Rio Grande do Norte. Tratou-se de um meio de comunicação privilegiado e aberto das ações promovidas pelo Plano de Cultura da UFRN e sobretudo do Programa Incubadora Cultural da UFRN com o público interno e externo à UFRN.
- Objetivos: divulgar as ações e eventos do Programa Incubadora Cultural da UFRN; selecionar e promover material didático sobre economia criativa; selecionar e promover editais que promovam o empreendedorismo cultural e artístico dentro e fora da UFRN.
- Público real atingido: 157 seguidores.

10. III Mostra de Cultura, Espaços Públicos e Economia Criativa (12/12/2016 a 14/12/2016)

- Justificativa: os setores criativos abrangidos pela economia criativa são os setores culturais e funcionais (moda, design, arquitetura e publicidade). Cultura e espaços públicos são, no entanto, duas temáticas consideradas na presente Mostra e essenciais em uma sociedade mais democrata e plural que devem ser cada vez mais colocadas em pauta.
- Objetivos: debater a importância da cultura e dos espaços públicos para a sociedade contemporânea; debater o papel da economia criativa face a outras políticas culturais; aproximar a comunidade docente e discente das problemáticas relativas à cultura, aos espaços públicos e à economia criativa.
- Público real atingido: 250 pessoas

11. Preparação e criação do Grupo de Pesquisa sobre economia criativa e desenvolvimento humano (aprovado em 06/06/2017)

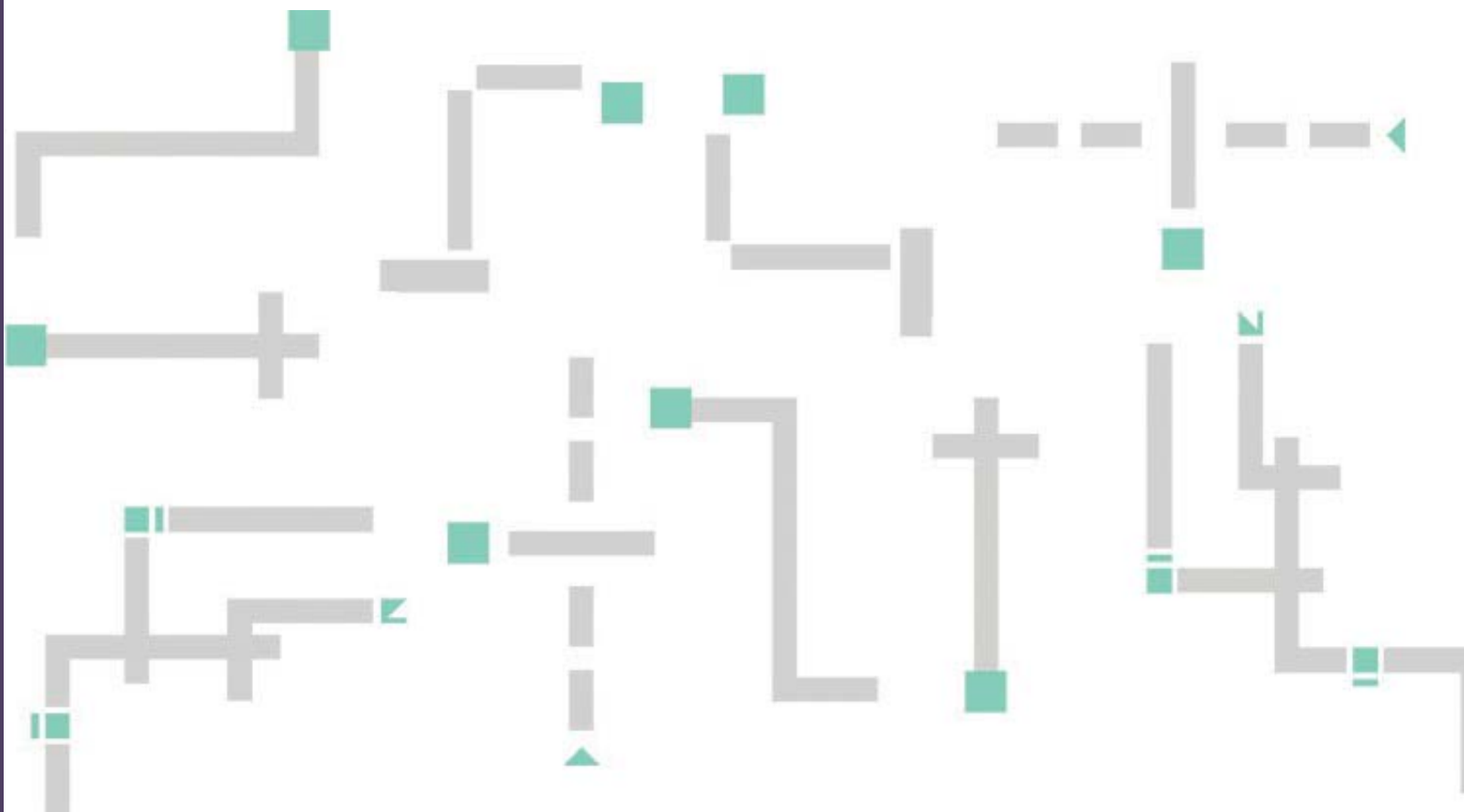
- Grupo de Pesquisa, localizado no Departamento de Políticas Públicas, com duas linhas de pesquisa: 1: Economia Criativa e Políticas Públicas; 2: Ócio, Lazer, Tempo Livre e Desenvolvimento Humano.
- Objetivos: 1. Apresentar e liderar pesquisas sobre economia criativa, desenvolvimento humano, ócio, lazer e tempo livre e políticas públicas em termos locais, regionais, nacionais e, mesmo, internacionais. 2. Fomentar, desenvolver e participar em pesquisas locais, regionais, nacionais e internacionais sobre economia criativa, desenvolvimento humano, ócio, lazer e tempo livre e políticas públicas; 3. Atualizar e ampliar o acervo de documentação e memória das temáticas referidas. 4. Propor e participar em eventos sobre as temáticas referidas; 5. Contribuir positivamente para publicações em revistas de referências e outros formatos sobre as temáticas referidas, bem como para conteúdos, em curso de graduação e pós-graduação.

12. Artigos, capítulos de livro, trabalhos de conclusão de curso e dissertações elaborados e publicados (2016 e 2017)

- Todas as publicações encontram-se disponíveis em <https://ufrn.academia.edu/>

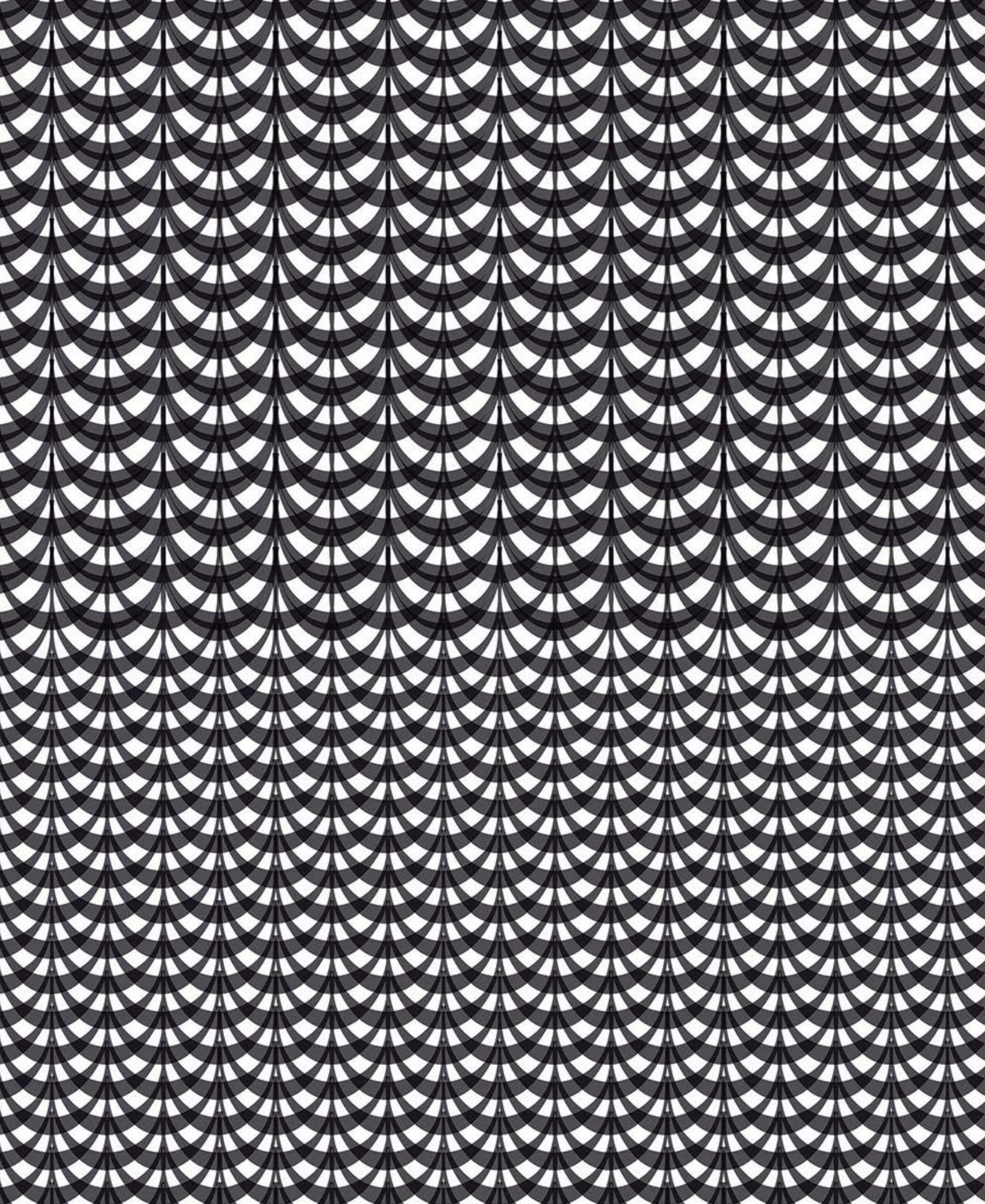
CONCLUSÕES

O programa Incubadora Cultural da UFRN atingiu seus principais objetivos, sobretudo, ao nível do aprofundamento sobre conhecimento, participação, divulgação e debate no que diz respeito à economia criativa no RN, ao mapeamento de projetos acadêmicos, ao contato entre setores econômicos e artístico-culturais e ao apoio à criação de um Grupo de Pesquisa na UFRN sobre a temática. Os seus aspectos críticos – comuns às incubadoras constituídas no RN –, destaca-se a limitação temporal e econômica do financiamento do Programa que exigiria mais meios estruturais e humanos para a prestação de consultoria e/ou apoio técnico de projetos culturais internos e externos à UFRN, com vista ao empreendedorismo e à inovação cultural.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **The culture industry**: selected essays on mass culture. 2. ed. London and New York: Routledge, 2001.
- AERNOUDT, R. Incubators: tool for entrepreneurship? **Small Business Economics**, v. 23, n. 2, p. 127-135, 2004.
- ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadoras. **O que é uma incubadora?** 2016. Disponível em: <http://anprotec.org.br/site/menu/incubadoras-e-parques/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 17 ago. 2016.
- ARAÚJO, F. F. C. **Incubadora RN Criativo**: a relação entre Estado, Artista e Mercado no estado do Rio Grande do Norte. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- AUSTRALIA. **Creative nation**: Commonwealth cultural policy, Office for the Arts. 1994. Disponível em: <http://apo.org.au/node/29704>. Acesso em: 4 jun. 2015.
- BECK, U. **Individualization**. London: Sage, 2002.
- BENDASSOLLI, P. F. et al. Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 49. ed., n. 1, p. 10-18, jan./mar. 2009.
- BERGEK, A.; NORRMAN, C. Incubator Best Practice: a framework. **Technovation**, v. 28, p. 20-28, 2008.
- BOP CONSULTING. **Guia prático para o mapeamento das indústrias criativas**. London: British Council, 2010.
- BRASIL. **Manual para a implantação de incubadoras de empresas**. Ministério da Ciência e Tecnologia. 2000. Disponível em: http://www.incubaero.com.br/download/manual_incubadoras.pdf. Acesso em: 6 jul. 2018.
- BRASIL. **Plano da Secretaria da Economia Criativa**: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.
- CRUZ, F. M. R. Políticas Públicas e Economia Criativa: subsídios da Música, Teatro e Museus na cidade de Natal/RN. In: LINHARES, B. F. et al. (org.). **IV Encontro Internacional de Ciências Sociais**: espaços públicos, identidades e diferenças. Pelotas, RS: UFPel, 18 a 21 de novembro de 2014.
- HOWKINS, J. **Economia Criativa** – Como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M. Books, 2012.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **ITCART** - Incubadora Tecnológica de Cultura e Arte. 2016. Disponível em: <http://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/incubadoras-tecnologicas/mit/itcart>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- LASH, S; URRY, J. **Economies of Sign and Space**. London: Sage, 1994.
- MIGUEZ, P. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, G. M. (Org.). **Teorias & políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 95-113.
- NÚCLEO DE ESTUDOS EM ECONOMIA CRIATIVA E DA CULTURA. **Conheça a Rede Incubadoras Brasil Criativo**. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/obec/neccult/noticia.php?id=22&titulo=CONHE%C3%87A%20A%20REDE%20INCUBADORAS%20BRASIL%20CRIATIVO>. Acesso em: 3 jul. 2018.
- OECD. **Technology Incubators**: Nurturing Small Firms. Paris: [s. n.], 1997. Disponível em: <http://www.oecd.org/sti/inno/2101121.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- RIBEIRO, A. C. S. **Modelo de gestão para incubadora de empresas sob a perspectiva de metodologias de gestão apoiadas em rede: o caso da incubadora de empresas de base tecnológica da Universidade Federal Fluminense**. Dissertação de Mestrado Profissional em Sistemas de Gestão. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2006.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Quais os tipos de incubadoras existentes?** 2016. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4827&%5E%5E>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- SISTELO, M. M. G. S. **Incubadoras criativas**: o caso do Polo das Indústrias Criativas do Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto, 2015.
- UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010**. Economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável. Genebra: Nações Unidas, 2010.



Cine UFRN

Profa Dra. Lisabete Coradini
DAN/CCHLA/UFRN

PLANO DE CULTURA, MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES E O CINE UFRN

Na UFRN, existe um significativo número de projetos na área de audiovisual e cinema, fato que mobilizou e mobiliza docentes e discentes a pleitearem a criação de uma ou mais salas de cinema que possam abrigar adequadamente esses projetos de modo a ampliá-los inclusive em relação a obter mais diálogo com a comunidade externa. Com o Plano de Cultura, essa demanda foi priorizada tanto do ponto de vista da aquisição dos equipamentos adequados à criação dos ambientes cinematográficos quanto no que diz respeito à articulação em rede entre as ações internas da UFRN e entre elas e outros espaços, instituições e ações da área do audiovisual e cinema no RN, a exemplo dos cineclubes, no Nordeste; bem como do CANNE/FJN com o qual o NAC/UFRN já desenvolveu parceria em 2014; além de futuras parcerias com a Secretaria de Audiovisual do MinC e a Rede Cine Mais Cultura/MinC¹.

POR UMA SALA DE CINEMA PARA A UFRN E PARA NATAL

Ingressei na UFRN em 1994, desde aquele período, venho discutindo sobre a importância da criação de uma sala de cinema, e ouço diversos estudantes reclamarem da falta de um bom cinema na UFRN e na cidade. De lá pra cá muita coisa mudou. Hoje, encontramos, na cidade do Natal, salas de cinemas nos complexos dos Shoppings, entretanto, os ingressos não são acessíveis a todos. Ademais, as salas de cinema que existiam em diferentes bairros da cidade foram perdendo sua função de entretenimento e lazer coletivo e se transformando em templos evangélicos, bancos, bingos. Não é demais insistir que o CINE UFRN irá cumprir com o papel importante de resistência cultural e luta contra a hegemonia do cinema norte-americano, voltado para o mercado.

O CINE UFRN pretende incrementar debates com base no cinema, proporcionar aos alunos o contato com a diversidade de produções nacionais e estrangeiras. Com base nos filmes, viajamos, visualizamos outros modos de vida, costumes, atitudes, concepções, práticas e identidades. Em outras palavras, assistir a filmes, discuti-los, é uma maneira de extrapolar posturas etnocêntricas e naturalizantes do senso comum. Ler e falar sobre filmes apresenta-se como um recurso para interpretar as diferenças sociais e culturais. Nesse sentido, o cinema é um instrumento valioso para o professor, constituindo-se em mais uma forma alternativa de construir conhecimentos.

¹ Durante a vigência do plano, contamos com a participação do bolsista Lenart Verissimo; e depois com a bolsista Danielle Nascimento, a quem agradeço pelo trabalho cuidadoso e competente.

Outro ponto a ser destacado é a importância de se veicular as produções realizadas pela comunidade acadêmica da UFRN. Há uma vasta produção audiovisual, inclusive premiada em festivais nacionais e internacionais, e, na sua maioria, essas obras ainda são desconhecidas do público universitário. O CINE UFRN pretende oferecer uma programação de qualidade, que favoreça a relação intrínseca entre produção local de estudantes, professores, técnicos, curso de comunicação, artes visuais, designer, Ciências Sociais, Antropologia, Psicologia e demais produções audiovisuais. O projeto CINE UFRN concentra-se em fortalecer e consolidar não só a formação da comunidade acadêmica, proporcionando uma experiência prática aos estudantes, professores e pesquisadores, como também uma interação com a comunidade externa, ampliando a função de extensão da universidade e garantindo o acesso a esta que é uma instituição pública.

Inúmeras investidas têm sido levadas a efeito no sentido de exibição de filmes e documentários na UFRN, como Cine Tirésias, Cine CSSA, América Latina no cinema, Festival de filmes africanos, Curva do Rio-festival nacional de cinema universitário, entre outros. Apesar de todo esse esforço, essas iniciativas não contam com uma sala adequada e com equipamentos necessários para uma boa projeção.

É preciso lembrar que o ambiente universitário é historicamente um lugar privilegiado para exibições e debates sobre cinema. Os cineclubes mais antigos do Brasil surgiram nas universidades. O Clube de Cinema de São Paulo (Cinusp), foi fundado em 1940 por Paulo Emílio Salles Gomes na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). O Cinusp foi pioneiro na promoção de mostras de cinema europeu, com exibição de filmes socialmente engajados, além de promover a revista *Clima*, publicação cultural do setor.

Em 1980, foi criado o Cine Metrópolis, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que se encontra há mais de 20 anos em atividade, possui 240 lugares e está aberto diariamente, com três sessões. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi uma das pioneiras a realizar sessões no campus universitário com projetores em película de 35 e 16mm e sessões de filmes para 2 mil pessoas. Atualmente, o cinema da UFRGS participa de projetos como o Festival Escolar de Cinema, que proporciona a experiência de estar em uma sala de cinema a alunos do ensino básico ao médio. Segundo os dados da RNP Rede Ensino e Pesquisa, atualmente, 12 salas de cinemas estão interligadas à infraestrutura de rede acadêmica pelo projeto *Cinemas em Rede*, parceria com os ministérios da Cultura (MinC) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). O CINE UFRN já demonstrou seu interesse em participar desse projeto, que tem como objetivo principal constituir um circuito exibidor por meio das redes avançadas de ensino e pesquisa e atuar como um projeto de difusão de conteúdos audiovisuais.

A partir dessas considerações, elaboramos um plano de trabalho a ser desenvolvido nos anos 2015, 2016 e 2017. Nesse sentido, pensamos em uma sala que, além de ser de altíssima qualidade, acolhedora, deveria ser inclusiva, e atender um pedido recorrente de pessoas com deficiência. O Cine UFRN se propõe a discutir a acessibilidade no cinema nas três modalidades de acessibilidade comunicacional: audiodescrição, Língua Brasileira de Sinais (Libras) e legendas para surdos e ensurdecidos.

Ao longo desse período, o CINE UFRN firmou algumas parcerias intrainstitucionais, como, por exemplo, com o curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual. Também acolhemos a demanda de diferentes cursos de graduação e pós-graduação no sentido de tornar visível suas produções, o que nos levou a organizar eventos, mostras de filmes em diferentes momentos, como durante a Cientec. Cabe frisar que esses cursos de graduação (Ciências Sociais, Artes, História, Letras) passaram a incluir disciplinas sobre imagem, fotografia e cinema na grade curricular, o que acaba incentivando alunos a produzirem seus próprios documentários e filmes. Todas essas iniciativas acadêmicas colocaram a importância de se discutir a ação educativa através da imagem.

Importante registrar as atividades conjuntas com outros Programas estruturantes do Plano de cultura: Programa de Economia criativa, coordenado pelo prof. Fernando Cruz (UFRN); Acessibilidade, coordenado pelo prof. Jefferson Fernandes (UFRN); e Chão de Saberes, coordenado pelo profa. Teodora Araujo Alves. Essas experiências proporcionaram ampliar a discussão sobre o papel do cinema como transformador social. Durante esse período, contamos com participação dos cineastas Marcelo Gomes, Lilian Santiago Sola, Theresa Jessouroun, Thiago B. Mendonça, que, em diferentes momentos, contribuíram com oficinas, palestras e workshops para fazer circular as ideias seminais da implantação da sala de cinema na UFRN.

É preciso salientar a importância da visita técnica do Osvaldo Emery, arquiteto do Centro de Tecnologia Audiovisual da Funarte, que buscou selecionar o auditório mais adequado para receber as instalações necessárias para a sala de cinema. Em função dos poucos recursos orçamentários aprovados, não foi possível a criação de uma sala de cinema, e sim, a adaptação de um auditório para esse fim. A visita técnica aconteceu no campus central e na Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi – FACISA, nos auditórios pré-selecionados. O arquiteto Osvaldo Emery realizou um levantamento técnico, observando o isolamento acústico, a iluminação, a localização, o ar condicionado, a acessibilidade, o mobiliário, entre outros requisitos fundamentais para a implantação da sala de cinema.

Durante a nossa gestão, nós nos empenhamos em procurar um espaço adequado e os equipamentos necessários à criação dos ambientes cinematográficos. Conseguimos, por fim, articular redes entre as ações internas da UFRN e entre elas e outros espaços institucionais, como IFRN e fortalecer parcerias com cineclube e coletivos de produção audiovisual. Nessa direção, passo a listar de forma cronológica as atividades realizadas ao longo desses dois anos.

Em 2015, com a aprovação desse eixo estruturante do Plano de Cultura, o CINE UFRN promoveu e fortaleceu a importância da discussão sobre a criação de uma sala de cinema na universidade, contribuindo assim para um debate amplo sobre esta que é uma demanda tanto da população acadêmica quanto da população externa. Um exemplo disso foi uma mesa-redonda organizada por um dos nossos parceiros, o projeto de extensão América Latina no Cinema e pelo Departamento de Ciências Sociais. Essa Mesa foi realizada em outubro de 2015, no auditório da Biblioteca Zila Mamede, e teve a presença de Paulo Cunha (UFPE), Nelson Marques (Cineclube Natal), Lisabete Coradini (UFRN), Gabriel Vitullo (UFRN) e Teodora Araújo Alves (Núcleo de Arte e Cultura da UFRN).

Com a possibilidade do acesso gratuito ou, no máximo, a preços módicos, mais populares, somos coerentes com o que acreditamos: o cinema como transformador social que pode contribuir para o exercício da democracia. Nessa perspectiva, como falar em cinema e em democracia sem pensar em inclusão e acessibilidade? Pensando nessa demanda, objetivamos criar uma janela para audiodescrição e garantir que nosso cinema tenha lugar para cadeirante, obeso, projeção para surdos e tudo o que um equipamento cultural acessível necessite para seu pleno usufruto.

Ações Realizadas e Parcerias

Entre 2016 e 2017, organizamos uma série de atividades e ações internas e externas. Inicialmente, criamos um cronograma das ações que visava mapear os auditórios da UFRN que poderiam ser adaptados como sala de exibição, além do mapeamento de Mostras e Cineclubes que acontecem na UFRN, contatos com cineclubes e com a Cinemateca do IFRN. Nossa primeira ação foi compor uma mesa redonda sobre cinema na UFRN, que contou com a participação do bolsista Lenart Verissimo como debatedor na 1ª Mostra de Curtas do Núcleo Audiovisual Boi de Prata (DECOM), representando o Cine UFRN. Em 2016, tivemos participação na organização e no registro de várias atividades relacionadas ao cinema e ao audiovisual no projeto Cine UFRN, entre elas podemos citar:

- mostra de filmes durante a XIV Semana de Antropologia da UFRN-CCHLA/UFRN; de 16 a 18 de maio de 2016, no auditório B do CCHLA;
- lançamento dos documentários *As mulheres das Rocas são as vozes do samba* e *Mestre Zorro*, no auditório B do CCHLA;
- Festival do Minuto – Auditório Labcom; Mostras, de 07 a 08 de junho, no Labcom/Decom/UFRN;
- exibição do filme *Yes, Nós Temos Cinema*, um documentário sobre o audiovisual potiguar;
- mesa redonda sobre coletivos audiovisuais – com exibição de Filmes Coletivo Caboré com participação de Marcia Lohss, Keila Senna, Alexandre Santos, Eloisa Klein – BCZM;
- mostra de filmes etnográficos – filmes premiados no edital Pierre Verger – ABA (Associação Brasileira de Antropologia);
- Projeto de Extensão – Workshop de documentários com Smartphone – com o bolsista Pedro Gabriel. O Curso Intensivo de Documentário teve como objetivo principal definir o documentário e o diferenciar das outras formas de criação audiovisual a fim de preparar os alunos para o desenvolvimento e a realização de um curta-metragem documental em grupo. De forma teórica e prática, todo processo de criação foi abordado, desde a escolha do tema, pesquisa de campo, roteiro de filmagem, captação e montagem a fim de que o aluno pudesse vivenciar cada etapa. Essa foi uma parceria com a especialização em cinema da UFRN;

- Mostra do Filme Livre – Sessão Mundo Livre (filmes feitos por brasileiros no exterior) – CCHLA – Auditório B do CCHLA, 19 de agosto de 2016;
- Mostra Cineclubes Livres – Auditório B CCHLA, 2016;
- Mostra de filmes Africanos – Parceria com Cinemateca da Embaixada da França;
- Curso gratuito contemplado pelo XI Edital de Cinema e Vídeo da SECULTCE, ministrado pelo diretor, roteirista e dramaturgo Thiago B. Mendonça, e produzido pela Alumbramento Filmes em parceria com a Vila das Artes, com capacidade para 40 alunos;
- Mostra Lilian Santiago Sola – Cineasta negra, produtora cultural e professora universitária, com formação em História e mestrado em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP);
- Workshop de Documentário com a cineasta Lilian Santiago Sol.

O ano de 2017 foi marcante para o Cine UFRN ao integrar também o Festival Glomus, evento de música e dança que reuniu alunos e professores do mundo todo numa extensa programação realizada em parceria com a UFRN. Na ocasião, o CINE UFRN ofereceu uma Oficina de Percussão com membros da Escola de Samba Balanço do Morro, do bairro das Rocas, Natal/RN, nossos convidados, direcionada aos estudantes e professores de diferentes países que se encontravam em Natal por ocasião do Festival. Ao final dessa oficina, fizemos o pré-lançamento do CD *Mestre Zorro e o Samba Canguleiro*, realizada pelo projeto Narrativas, Memória e Itinerários, parceiro do CINE UFRN.

Em março de 2017, tivemos a presença do Prof. Alziro Barbosa ministrando um Curso de Direção de Fotografia, realizado em parceria com a Canne e a Fundação Joaquim Nabuco e um dos eventos com o público mais significativo do ano, a palestra com o cineasta Marcelo Gomes, que fez um relato sobre sua carreira e trajetória no cinema pernambucano até os dias de hoje. Após a exibição e o lançamento do filme Joaquim, houve um bate-papo com o público. A palestra foi muito bem recebida e lotou o auditório, o público foi maior do que o esperado. Recebemos além do público interno e interessados em geral, duas turmas de Cinema da UNP.

Em abril de 2017, na Semana de Luta Pela Terra, Prática de Saberes Indígenas, foi realizada a Oficina de vídeo para os indígenas & Concurso de Fotografia em Sagi. A Oficina de vídeo foi pensada como um momento de aproximação entre os indígenas e a produção audiovisual. Visou-se ainda fazer uma breve exposição da história do cinema, das técnicas básicas de produção, dos equipamentos mais utilizados e dos termos técnicos, além de desvendar a possibilidade de produzir audiovisual com smartphones. O concurso de fotografia, por sua vez, foi a parte final do evento integrado, quando os alunos que participaram da visita à Aldeia Potiguara Trabanda, em Sagi, puderam coletar imagens com tema livre, a partir da proposta da comemoração ao Dia do Índio, que posteriormente entraram em exibição no Centro de Convivência Djalma Marinho.

A oficina de vídeos alcançou uma boa participação. Os indígenas tiveram uma aproximação mais específica com o universo da produção audiovisual e com as possibilidades de fazê-lo com equipamentos simples, com baixo custo e em diversas condições, o que esperamos, tenha servido de impulso para que iniciem suas próprias produções e registros documentais. Talvez num formato mais extenso, tivéssemos mais sucesso na execução.

O concurso de fotografia, última parte do evento dedicado aos indígenas, visou sensibilizar os visitantes quanto à luta desses povos no RN, criando um contato visual afetivo e aproximando a vivência durante a visita. Os registros coletados carregam essa atmosfera e serão enviados à Aldeia ao final de sua exibição no Centro de Convivência Djalma Marinho, marcada para o final de junho de 2017.

Em julho, foi a vez de apoiarmos um coletivo muito importante para o audiovisual potiguar, foi a primeira parte do Festival Goiamum, o #Drops 1, com a participação da diretora Theresa Jessouroun, que na ocasião lançava seu mais novo documentário *À Queima Roupa*. Após sua exibição, houve debate com pesquisadores da área de violência urbana e autoridades locais.

Em mais uma parceria com o Coletivo Caboré Audiovisual, o Cine UFRN promoveu a “Pré-estreia do filme No Fim de Tudo, que consiste em uma coprodução do Coletivo Caboré e da Manguê Filmes. O filme foi contemplado pelo edital Cine Natal 2014 e contou com recursos oriundos da Prefeitura do Natal, BRDE, da Ancine e do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). A pré-estreia contou também com a exibição de *making of*, seguido de um bate-papo com a equipe. A parceria entre o CINE UFRN e o Coletivo Caboré tem rendido bons frutos. Nessa pré-estreia, o debate sobre a questão da representatividade Trans* foi acalorado. Teve uma ótima participação do público, que lotou o auditório, bem como de estudantes e professores que pesquisam na área de gênero e sexualidade.

Atuamos novamente em conjunto com outro de nossos parceiros, o coletivo Goiamum, no Festival Goiamum Audiovisual 2017 - Drops #2: Diversidade. Por meio de workshops e laboratórios, visamos fomentar e difundir o segmento audiovisual por meio do tripé exibição, formação, diálogos sobre políticas públicas e outros assuntos. Nas suas edições especiais nomeadas de Drops, o Goiamum Audiovisual coloca o cinema como ferramenta social importantíssima que dá o ponto de partida para todas as reflexões.

Resultante do Concurso de Fotografia de Sagi, tivemos também a Exposição Fotográfica Aldeia Trabanda – Sagi, realizada de 28 a 30 de junho de 2017, no Centro de Convivência Djalma Marinho. Os registros foram coletados em visita realizada no mês de abril desse ano, por ocasião de atividade conjunta integrante do evento Saberes Ancestrais: Diálogos Corporais, coordenado pelo programa Chão de Saberes, que abrange o Ciclo de Estudos e Vivências com Comunidades Quilombolas e o II Encontro de Capoeira e Dança. Em parceria com o Programa Chão de Saberes, tivemos a Mostra dos filmes Rosário Negro e Irmandade, parte integrante do evento Ciclo de Estudos e Vivências com Comunidades Quilombolas.

Em 2018, Lisabete Coradini debateu o filme O Labirinto do Fauno, de Guillermo Del Toro, no evento Marcas do que se foi? Cinema e Resistência ao Fascismo. Trata-se de um projeto de extensão vinculado ao Cine CCSA e realizado em outubro de 2018 no auditório do Nepsa.

Por fim, o CINE UFRN cumpriu com uma missão complexa, promoveu o diálogo, consolidou projetos coletivos. Espera-se que a sala de cinema se transforme num espaço de uso coletivos e que possa ser compartilhado pela comunidade acadêmica e pela sociedade em geral. A implantação do CINE UFRN está inserida no contexto de promoção e agregação de valor simbólico ao cinema, de veicular produções audiovisuais produzidas no âmbito acadêmico e produções audiovisuais realizadas no estado do RN, contribuindo, assim, para o debate sobre a memória e a preservação da história audiovisual do estado do RN.

Atualmente, estamos modelando uma parceria com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) para a exibição de filmes da Rede de Cinemas Digitais (Cinemas em Rede) que tem por objetivo explorar as possibilidades abertas pelas redes de computadores (Internet) para a circulação de conteúdos e ampliação do acesso a bens culturais e simbólicos. A tarefa da implantação da sala de cinema continua sendo desafiadora porque deve atender tanto a comunidade universitária quanto os bairros que compõem o entorno do Campus, escolas públicas, projetos sociais e festivais de cinema internos e externos, por exemplo. Afinal, esse é um do objetivo de uma universidade pública.

Cultura da memória e memória da cultura: Desafios e conquistas no âmbito do Plano de Cultura da UFRN

Everardo Ramos (Dep. de Artes/Museu Câmara Cascudo)

Isaías Ribeiro (Dep. de Engenharia Civil/Museu Câmara Cascudo)

O presente capítulo relata as linhas de ação e os resultados relacionados ao **Programa Cultura e Memória**, um dos programas estruturantes do Plano de Cultura da UFRN, que foi inserido no “Eixo 8 – Memória, Museus e Patrimônio Artístico-Cultural” do Edital “Mais Cultura nas Universidades”, o qual previa

realizar atividades acadêmicas voltadas ao desenvolvimento social, cultural e tecnológico do patrimônio artístico cultural brasileiro, com ênfase nas práticas museais. Nesse contexto, podem ser abrangidas ações como: a) implantar e manter instituições museológicas no âmbito das Universidades, voltadas para preservação da memória universitária ou da comunidade do seu entorno, bem como a execução de pesquisas para o desenvolvimento do patrimônio artístico cultural; b) criar e estruturar laboratórios de conservação e gestão de riscos ao patrimônio cultural musealizado ou passível de musealização; c) instituir componentes curriculares específicos, cursos e centros de referência em patrimônio, museologia e áreas afins; d) criar e/ou aperfeiçoar sistemas informatizados de gestão do patrimônio cultural e museal; e e) propor ações inovadoras de educação patrimonial e museal (EDITAL MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES, 2015, p. 8).

A partir dessas premissas do edital e dos princípios que regem a UFRN, registrados em instrumentos de gestão como o Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2019 e o Plano de Gestão 2015-2019, o Programa Cultura e Memória definiu três grandes objetivos para nortear suas ações: 1) Contribuir com o desenvolvimento das unidades museológicas vinculadas à UFRN; 2) Possibilitar a institucionalização de conhecimentos e práticas relacionadas à cultura e à memória, criando meios para inseri-las no cotidiano das atividades da UFRN; e 3) Promover o conhecimento e a valorização do patrimônio artístico e cultural brasileiro, tanto através da construção e preservação de sua memória, quanto de seu fortalecimento enquanto categoria viva na contemporaneidade.

Tais objetivos definiram as ações do Programa Cultura e Memória, que foram realizados ao longo da execução do Plano de Cultura da UFRN por membros da própria comunidade universitária ou externos a ela. O relato a seguir apresenta uma visão panorâmica dessas ações, sintetizando seu desenvolvimento e os resultados obtidos.

Rede de museus universitários e museus universitários na rede

Em 2015, quando da implantação do Plano de Cultura, a UFRN vivia um momento muito significativo na sua relação com museus, espaços por excelência de articulação entre cultura e memória. Um ano antes, em 2014, tinha sido instituída a Rede Universitária de Museus da UFRN – RUMUS, instância destinada a congregar as unidades museológicas da Instituição, dando apoio e suporte ao seu desenvolvimento. Com isso, a UFRN adotou uma prática que vem crescendo na contemporaneidade, a de criação de redes de museus, passando a figurar entre as IES Federais que possuem instância dessa natureza, como a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (CUTY, 2011).

A UFRN possui atualmente quatro museus universitários. O mais antigo é o Museu Câmara Cascudo, remanescente do Instituto de Antropologia (1960-1973), que corresponde hoje ao maior museu potiguar, com importantes coleções nas áreas de Etnologia, Arqueologia e Paleontologia (SANTOS, 2010; SILVA, 2014). O Museu do Seridó foi criado na década de 1960 pela Diocese de Caicó, antes de ser transferido para a UFRN no início da década de 1980, com seu acervo referente à cultura seridoense (SILVA, 2008). O Museu de Ciências Morfológicas foi criado em 2005, a partir de um projeto de reunião de acervos de anatomia humana e animal conservados no Centro de Biociências da UFRN, ao qual está vinculado. Enfim, o Museu de Arte Abraham Palatnik, ainda em processo de oficialização, tem a particularidade de se apresentar como um museu virtual, com acervo disponível e acessível pela internet.

Dois dos museus acima citados foram diretamente beneficiados pelo Programa Cultura e Memória da UFRN. O Museu Câmara Cascudo recebeu apoio para realizar dois importantes projetos de construção, conservação e promoção da memória de duas importantes categorias do patrimônio cultural brasileiro: o teatro de mamulengos e a gravura popular. Essas experiências serão analisadas mais adiante nesse trabalho.

¹ Fizeram parte da equipe executora das atividades do Programa Cultura e Memória, em diferentes momentos: Isaías Ribeiro (professor do Departamento de Engenharia Civil e Vice-Diretor do Museu Câmara Cascudo da UFRN), Everardo Ramos (professor do Departamento de Artes e Diretor do Museu Câmara Cascudo da UFRN), Elidete Alencar (Curadora do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN), J. Medeiros (artista visual e técnico do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN), Péricles Filgueira (Produtor Cultural do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN), Leandro Viana (Produtor Cultural independente) e Sânzia Pinheiro (Curadora independente), com o apoio dos discentes bolsistas Sâmara Peixoto e Gustavo Martins.



O Museu de Arte Abraham Palatnik (MAAP), por sua vez, recebeu um grande impulso para sua estruturação. Fruto de um projeto de extensão e vinculado ao Núcleo de Arte e Cultura (NAC) da UFRN, o MAAP fundamenta-se no trabalho de pesquisa, catalogação, digitalização e disponibilização de dois importantes acervos: a Coleção de Artes Visuais da UFRN, que inclui obras conservadas no NAC e em diferentes unidades da instituição e o Acervo Multimídia Jota Medeiros, composto por importantes coleções de arte contemporânea, especialmente por um impressionante arquivo de arte postal, atualmente em comodato no NAC (NÚCLEO DE ARTE E CULTURA, 2013; POLETTTO, 2017). Trata-se de um projeto arrojado e inovador, que se afina a uma tendência crescente no universo da museologia contemporânea, como mostram os inúmeros museus virtuais que vêm se multiplicando nas últimas décadas (HENRIQUES, 2004).

A fim de colaborar com o processo de desenvolvimento do MAAP, o Programa Cultura e Memória convidou a curadora independente Sânzia Pinheiro, que aceitou assessorar o processo de pesquisa e catalogação do Acervo Multimídia Jota Medeiros, levado a cabo com o apoio de discentes bolsistas. No desenrolar do processo, no entanto, o projeto precisou ser articulado a uma ação bem mais abrangente: a criação de uma grande plataforma web que irá disponibilizar não só o acervo do MAAP, mas também dos outros museus que compõem a RUMUS, além de outras unidades da UFRN. Trata-se do Sistema ACERVUS, que vem sendo desenvolvido desde 2016 pela Superintendência de Informática da UFRN, com a assessoria dos responsáveis pelos acervos envolvidos (MEDEIROS, 20018); no caso do MAAP, essa assessoria vem sendo realizada por Elidete Alencar, colaboradora do Programa Cultura e Memória. O Sistema ACERVUS encontra-se atualmente em fase de implantação no endereço acervus.ufrn.br.

Por outro lado, o Programa Cultura e Memória apontou para a necessidade de se reestruturar a proposta inicial do MAAP, ampliando sua existência para além da virtualidade. De fato, em razão da relevância e importância da Coleção de Artes Visuais da UFRN e do Acervo Multimídia Jota Medeiros, ficou claro que é preciso assegurar também, como ressaltou o Programa, um espaço físico apropriado para se conservar as obras que compõem esses acervos. Surgiu, assim, a ideia de incluir, no projeto de construção do novo prédio do NAC, uma sala e uma reserva técnica dedicadas exclusivamente ao Museu de Arte Abraham Palatnik. A ideia foi aceita, o projeto começou a ser executado e está atualmente em fase de finalização, devendo o novo prédio do NAC – com os espaços do MAAP – ser inaugurado ainda no primeiro semestre de 2019.

Políticas e práticas para a cultura e a memória na UFRN

O debate sobre questões relacionadas à cultura e à memória vem sendo realizado na UFRN desde 2011, principalmente com a realização de dois eventos periódicos reunindo a comunidade acadêmica, convidados externos e a sociedade em geral.

O Seminário de Arte e Cultura da UFRN, promovido pelo Núcleo de Arte e Cultura (NAC) com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), vem tratando dos temas anunciados em seu título, explorando-os na perspectiva do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Os esforços empreendidos nesses encontros possibilitaram o encaminhamento de diretrizes e ações que contribuíram de maneira a “ampliar o acesso à formação, à fruição e à produção cultural universitária, bem como a inserir questões pertinentes à arte e à cultura em instâncias administrativas da UFRN” (ALVES, 2018, p. 82). Os seminários elegem temáticas discutidas através de palestras, rodas de conversas, oficinas artísticas, assim como exposições de arte e apresentações de espetáculos de teatro, dança e música.

No período de execução do Plano de Cultura da UFRN foram realizadas duas edições do Seminário de Arte e Cultura da UFRN, ambas apoiadas pelo Programa Cultura e Memória, que participou da elaboração das programações, bem como disponibilizou recursos para custeio da participação de convidados externos e bolsistas para apoio às atividades realizadas.

Em 2015, a quinta edição teve o objetivo de divulgar a aprovação do Plano de Cultura no “Edital Mais Cultura nas Universidades”, apresentando seu Comitê Gestor e seus programas estruturantes. Promover o encontro entre os coordenadores dos programas, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral foi de grande importância para definir as ações específicas de cada programa, levando em consideração os depoimentos, sugestões e relatos de experiências dos profissionais presentes. Essa definição de ações, por sua vez, possibilitou desenhar a distribuição dos recursos orçamentários necessários à execução das diversas atividades previstas.

A sexta edição do Seminário de Arte e Cultura, em 2017, teve como tema “Pluriversos Culturais: A potencialidade da arte e da cultura como política de desenvolvimento acadêmico-social”. Em plena execução do Plano de Cultura, os relatos abordaram os desafios, avanços e os passos dados no desenvolvimento das ações dos diferentes programas. Somando-se a esta pauta específica, também foram explorados pontos relativos aos planos de cultura municipal, estadual e federal, trazendo para o contexto da UFRN as propostas de políticas voltadas à promoção da arte e da cultura.

O conjunto de ações e discussões acumuladas ao longo das diferentes edições dos Seminários de Arte e Cultura foram essenciais para a elaboração de uma Política Cultural para a UFRN, oficializada através da Resolução Nº 125/2016-CONSEPE, de 02 de agosto de 2016. Através desse documento, que define atores, competências e objetivos institucionais, a UFRN reafirma seu compromisso de estimular a participação da comunidade universitária e do público em geral em ações que contribuam para a valorização, o conhecimento, a promoção e o fomento das criações artísticas e dos bens culturais, sempre numa perspectiva crítica e considerando as diversas expressões e manifestações da sociedade contemporânea.

O segundo evento periódico de interesse ao presente trabalho, realizado na UFRN desde 2009, tem por tema principal a memória. Seu objetivo é colocar em discussão o papel da universidade na conservação, organização e utilização de acervos (materiais ou documentais, pertencentes ou não à universidade), contribuindo, assim, para a construção e a preservação de uma memória coletiva, tanto a nível institucional, quanto no seio da sociedade. A Coordenadoria de Cultura, Memória, Documentação e Museu da PROEX tem atuação efetiva na realização desses seminários, que procuram estabelecer diálogos entre instâncias e atores diversos, internos e externos à UFRN, caracterizando um trabalho em rede.

No período de execução do Plano de Cultura da UFRN, tais eventos se apresentaram com os seguintes títulos: “III Seminário Universidade, Memória e Sociedade: diálogos e encaminhamentos sobre a política de memória da UFRN” (05 a 07/10/2016) e “IV Seminário Memória e Sociedade: Consolidando Novas Perspectivas” (07 a 9/11/2018). Como para os Seminários de Arte e Cultura, também os Seminários de Memória receberam todo o apoio do Programa Cultura e Memória, tanto para a definição da programação, quanto para a disponibilização de recursos e bolsistas necessários à execução das atividades.

Os resultados desse empenho podem ser verificados na implementação da Política de Memória da UFRN, oficializada através da Resolução Nº 017/2017-CONSEPE, de 21 de fevereiro de 2017, que define as diversas questões relacionadas ao tema, muitas delas apontadas nas cartas elaboradas ao final de cada Seminário de Memória, sintetizando as discussões, propostas e sugestões apresentadas ao longo dos eventos. Assim, juntamente com a Política Cultural, a Política de Memória comprova a firme determinação da UFRN de criar instrumentos institucionais para tratar de assuntos de fundamental importância para o desenvolvimento humano e cidadão.

Memória da cultura: passado e presente do patrimônio brasileiro

O conhecimento e a valorização do patrimônio artístico e cultural brasileiro, como dito na introdução do presente trabalho, constituiu um dos objetivos norteadores das ações do Programa Cultura e Memória da UFRN. A fim de traduzir tal objetivo em ações, no entanto, algumas perguntas fundamentais se impuseram: que patrimônio deveria ser conhecido e valorizado? Que manifestações, materiais ou imateriais, deveriam receber o apoio de um Programa que concebe a cultura e a memória como forças vivas e potentes, fundamentais para a construção de identidades e o fortalecimento da cidadania? Tais questões, como muitos sabem, não são novas, já tendo sido levantadas por grandes pensadores da cultura brasileira, como Aloísio Magalhães:

Quais os componentes fundamentais da cultura brasileira? Quais os indicadores básicos de uma personalidade, de um perfil, de uma fisionomia que pudesse significar a cultura brasileira, na medida em que o processo de desenvolvimento, a dinâmica da trajetória natural de qualquer nação, sobretudo no mundo contemporâneo, rápida e aceleradamente perde, esquece esses componentes fundamentais, e em que os componentes novos agregados à cultura, numa absorção na maior parte das vezes indiscriminada e sem avaliação do peso das suas repercussões futuras, atingem, pelos meios de comunicação tecnológica de hoje, o âmago, o cerne de uma cultura, e sobre ela atuam de uma maneira muitas vezes devastadora? (MAGALHÃES, 1997, p. 45).

Sensível a essas questões, o Programa Cultura e Memória da UFRN buscou privilegiar manifestações intrinsecamente ligadas à cultura e à arte vernaculares, ou seja, à cultura e à arte historicamente e socialmente associadas aos espaços conhecidos como Rio Grande do Norte e Nordeste, tanto por suas potencialidades identitárias, como por suas qualidades poéticas e estéticas, reconhecidas e admiradas por grande parte da comunidade. É importante salientar, no entanto, que essa postura não significou aversão ou desprezo às outras tantas e diversificadas manifestações que compõem o cenário cultural brasileiro contemporâneo. Apenas representou um recorte, englobando categorias que, como bem destaca Aloísio Magalhães, encontram menos espaços de legitimação e valorização nos meios de comunicação tecnológica de hoje.

Por outro lado, o Programa Cultura e Memória procurou apoiar projetos que estivessem relacionados a museus da UFRN, entendendo esses espaços como lugares privilegiados para diversos tipos de articulação: entre preservação da memória e construção da história, entre diferentes campos de conhecimento, entre as complementares atividades-eixo da universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão) e entre essas atividades e a sociedade em geral, com seus desejos, anseios e necessidades.

A junção dessas premissas explicam o apoio do Programa Cultura e Memória da UFRN a dois projetos desenvolvidos pelo Museu Câmara Cascudo, a maior e mais importante unidade museológica do Rio Grande do Norte, envolvendo duas grandes manifestações da cultura e da arte vernacular brasileira: o teatro de mamulengos e a gravura popular.

O teatro de bonecos corresponde a uma das mais antigas e disseminadas formas de espetáculo popular, como informa Câmara Cascudo: “Egípcios tiveram seus mamulengos. Os gregos denominavam-nos neuro-spata; simulacra, imagungulae em Roma, barattini italianos. Difícil apurar o povo que não o possui ou o possuiu” (CASCUDO, 1999, p. 543). No Brasil, existe desde a época colonial, com diferentes nomes segundo as regiões: Mamulengo ou Babau em Pernambuco, João Redondo no Rio Grande do Norte, João Minhoca no Rio de Janeiro. Representa temas tradicionais ou da atualidade, de maneira humorística e dramática, com a força expressiva e afetiva dos autos populares, que sempre seduz crianças e adultos. No mundo contemporâneo, no entanto, esse tipo de teatro parece perder cada vez mais espaço para inúmeras e variadas formas de entretenimento, que se apoiam muitas vezes em novas tecnologias.

A fim de contribuir para o fortalecimento e a renovação do teatro de bonecos, o Museu Câmara Cascudo, juntamente com o Departamento de Artes, criou em 2017 o “Mamulengando – Teatro de Bonecos da UFRN”. Composto por professores, técnicos e estudantes, o grupo vem explorando os diversos componentes desse tipo de espetáculo popular (elaboração de roteiros, confecção de bonecos e cenários, criação de personagens, performance dos atores, entre outros), tendo montado o espetáculo inédito “As bravatas de Baltazar nas terras de João Redondo”. As apresentações acontecem principalmente nos espaços do museu, atraindo novos públicos.

O Programa Cultura e Memória vem apoiando o Mamulengando desde sua criação, tendo disponibilizado recursos para a realização de uma oficina de criação de bonecos e pagamento de bolsas a estudantes-atores². Atualmente o grupo continua suas atividades, contando com a preciosa colaboração de Raul do Mamulengo, um dos mais importantes mestres do teatro de bonecos do RN, que vem transmitindo seu vasto saber e experiência às novas gerações.



Foto: Acervo do MCC

² A oficina foi ministrada pelo Mestre Emanuel Amaral nos dias 29 e 30 de agosto e 05 e 06 de setembro de 2017, no Museu Câmara Cascudo, com a participação de 15 pessoas. As bolsas foram cedidas aos estudantes do Curso de Teatro Ana Caroline Evangelista Beserra e Antônio Allyerly Sousa Dantas, em 2018. O Mamulengando – Teatro de Bonecos da UFRN também vem recebendo o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN.

Da mesma forma que o teatro de mamulengos, a gravura popular representa outra importante categoria da arte e do patrimônio cultural vernacular brasileiro. Tendo surgido na imprensa do século XIX, desenvolveu-se principalmente nas capas dos folhetos de cordel do século XX, sob a forma de imagens extremamente expressivas. Com o passar dos anos e o declínio da edição de folhetos, no entanto, muitas matrizes gravadas foram ficando obsoletas e passaram a ser compradas por colecionadores e instituições culturais. Dentre os colecionadores, vale destacar Roberto Benjamin (1943-2013), renomado pesquisador e folclorista pernambucano que reuniu, ao longo de décadas, uma preciosa coleção de 204 obras representativas de diferentes períodos, artistas e técnicas (RAMOS, 2005).

Com a morte do folclorista, sua coleção foi doada a um amigo, que passou a oferecê-la a instituições interessadas em comprá-la. O Programa Cultura e Memória apoiou ativamente a vinda das obras para o Museu Câmara Cascudo, disponibilizando recursos para a impressão das 204 matrizes (as estampas resultantes entraram no acervo do museu em 2017) e elaborando uma estratégia para a compra da coleção por um mecenas. Finalmente, em março de 2019, a coleção foi comprada pela Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura – FUNPEC para ser doada ao MCC. Assim, além de se tornar um bem público acessível a toda sociedade, as obras podem se tornar objeto de atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para professores, técnicos e estudantes da UFRN, contribuindo para a preservação da memória e a construção da história da gravura popular brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Teodora Araújo. Tempos e espaços das artes e da cultura na UFRN: aspectos históricos, formativos e políticos. In: **Revista Extensão & Sociedade** (Edição Especial Comemorativa dos 60 anos da UFRN). Natal: PROEX/UFRN, 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CUTY, Jeniffer. Museus universitários em rede: do ethos de saberes ao habitus de compartilhar conhecimento com a sociedade. In: DECAROLIS, Nelly (coord.), **Seminário de Investigación en Museología de los países de lengua portuguesa y española**. Buenos Aires: Comité Internacional del ICOM para la Museología – ICOFOM, 2011.
- HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa: ULHT, 2004.
- MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MEDEIROS, Jailma da Silva. **Implantação de campos e propostas de gerenciamento da coleção de Etnologia do Museu Câmara Cascudo/UFRN no sistema ACERVUS/UFRN**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento da UFRN. Natal: PPGIC/UFRN, 2018.
- NÚCLEO DE ARTE E CULTURA (Org.). **Artes Visuais: Acervo sob a guarda do Núcleo de Arte e Cultura | 2003 – 2013**. Natal: EDUFRN, 2013.
- POLETO, Renata Aparecida. **Poéticas itinerantes: arte postal no arquivo multimídia Jota Medeiros**. Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN. Natal: DEART/CCHLA/UFRN, 2017.
- RAMOS, Everardo. **La gravure populaire au Brésil (XIXe – XXe siècle) : du marché au marchand**. Tese de Doutorado em Letras e Ciências Humanas pela Université Paris X – Nanterre. Nanterre: UPX, 2005.
- SANTOS, Jailma da Silva Medeiros. **A construção do Museu Câmara Cascudo**. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em História do Rio Grande do Norte da Universidade Potiguar. Natal: UNP, 2010.
- SILVA, Abrahão Sanderson Nunes F. da. **Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo: PPGA/MAE/USP, 2008.
- SILVA, Jacqueline Souza. **Instituto de Antropologia: um espaço para ciência no Rio Grande do Norte (1960-1973)**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Natal: PPGH/CCHLA/UFRN, 2014.

LAMPIÃO E MARIA BONITA



82

SERRA TALHADA



N
O
S
S
A
S
A
Ç
Õ
E
S

MARÇO 2015

13/03

DIA DA POESIA

O Núcleo de Arte e Cultura (NAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) realizou, o “SigaArte na UFRN: arte, cultura, qualidade de vida e meio ambiente” em comemoração ao dia da poesia, com exposições, lançamentos de livros e rodas de conversas em vários setores da universidade.

A programação iniciou às 9h com a exposição “O Cordel no RN – Mostra Zé Saldanha”, coordenada pela Casa do Cordel, no Centro de Convivência, e com um varal poético no Setor de Aulas II, organizado pelo Centro Acadêmico do curso de Letras. O último evento iniciou às 20h: uma intervenção poética de cordelistas com apresentações artísticas.

No evento foram lançados os livros “Ars Poética”, de Jota Medeiros, e “Histórias que se cruzam”, uma compilação de vários poemas produzidos pelos servidores da universidade. Das 15h às 17h, na Reitoria, houve a apresentação do projeto “Leio você, você me lê”.

NAC: <http://nac.ufrn.br/nac/?p=4837>.

ABRIL 2015

27/04

SEMANA DA DANÇA

A semana de Dança da UFRN promovida pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN – NAC e sua equipe, iniciou suas ações com um Flash Mob itinerante pelo Restaurante Universitário e no Centro de Tecnologia – C&T da UFRN.

Música: Bang Bang (Feat. Nicki Minaj, Ariana Grande)

Coreografia e Direção: Bruno Fernandes

Participação: Vi-vemos Companhia de Dança

Programação da tarde:

Apresentação do Espetáculo ALMAR, do grupo

Participação: Gaya Dança Contemporânea

Direção: Professora Larissa Kelly

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=4938>



JULHO 2015

28/07 a 06/09

II CIRCUITO DE TEATRO ESCOLAR

Neste ano o evento apresentou a sua segunda edição, promovendo mais uma vez a circulação das produções teatrais entre as escolas, que puderam inscrever-se em duas categorias: o A categoria PONTO DE CIRCULAÇÃO – PInscreveram-se nesta categoria, as escolas municipais, estaduais e particulares de ensino fundamental e médio que disponibilizaram de espaços apropriados para a recepção dos grupos selecionados, fosse um auditório, uma quadra, área de lazer, etc; o A categoria GRUPO DE TEATRO Poderam se inscrever nesta categoria, as escolas municipais, estaduais e particulares de ensino fundamental e médio, com o ensino das artes e/ou teatro e possuam uma produção artística na área teatral (peça teatral, esquete, leitura dramática, ensaio aberto ou outros trabalhos teatrais).

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=5137>



AGOSTO 2015

30/06

APRESENTAÇÕES DO GRUPO MARIACHI JUVENIL TECALITLÁN NO RIO GRANDE DO NORTE

Promovido pela Embaixada do México e com apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Escola da Música da UFRN (EMUFRN), e o NAC, receberam para apresentação musical o grupo mexicano Mariachi Juvenil Tecalitlán.

Em todo o mundo, Mariachi é símbolo da música e da cultura mexicana, de tal modo, que no ano de 2011 foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO.

Herdeiros de grande tradição musical e com a firme ideia de tornar-se um dos grupos de mariachis de maior prestígio do México e do mundo, em 1985 nasce o Mariachi Juvenil Tecalitlán, considerado atualmente um dos melhores grupos musicais, intérprete da música mexicana.

O grupo tem por fundadores os músicos, Marco Antônio e Fernando de Santiago. Entre os prêmios mais importantes que têm recebido, destacam-se o “Disco de Prata” e a “Lira de Ouro”. O Mariachi Juvenil Tecalitlán tem acompanhado artistas de nível internacional e, ao longo de 21 anos de carreira gravou quatro discos, além de ter realizado concertos por diversos países como, Argentina, Paraguai, Espanha e França, dentre outros.

Apoiaram essa importante parceria internacional a Secretaria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFRN (SRI), o Núcleo de Arte e Cultura da UFRN (NAC), o Instituto Ágora (UFRN), O Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e a Escola de Música da UFRN.

PROGRAMAÇÃO

Apresentações do grupo Mariachi Juvenil Tecalitlán no Rio Grande do Norte

Data: Terça-feira (01/09/2015)

Local: Auditório do CERES (Currais Novos/RN)

Hora: 17h

Data: Quarta-feira (02/09/2015)

Local: Auditório Onofre Lopes (Escola de Música)

Hora: 20h

Data: Quarta-feira (03/09/2015)

Local: Centro de Convivência (UFRN)

Hora: 11h30min

21 e 22/09/2015

V SEMINÁRIO DE ARTE E CULTURA DA UFRN

21/09

Local: Auditório da Escola de Música da UFRN / EMUFRN

8h15 – Credenciamento

8h30 - Apresentação cultural

9h00 – Mesa de abertura

Prof.^a Ângela Maria Paiva Cruz – Reitora da UFRNProf.^a Maria de Fátima Freire Ximenes – Pró-reitora de Extensão da UFRNProf.^a Teodora de Araújo Alves – Diretora do NAC e coordenadora de Cultura, Memória e Museu da PROEX.

9h30 – Conferência: Mais Cultura nas Universidades.

Representante do MINC: Karina Miranda da Gama (Coordenadora de Cultura e Comunicação do MINC).

Local: Auditório da Escola de Música da UFRN / EMUFRN

14h00 – Painéis Temáticos sobre os Programas Estruturantes do Plano de Cultura da UFRN

Painel 1: Programa Incubadora Cultural

Prof. Fernando Cruz - UFRN

Painel 2: Programa de Cinema e Audiovisual

Prof.^a Lisabete Coradini - UFRN

Painel 3: Programa de Circuitos Culturais da UFRN

Prof. Lourival Andrade - UFRN

Prof. Robson Haderchpek - UFRN

Painel 4: Programa de Acessibilidade Cultural

Prof. Jefferson Fernandes - UFRN

Prof.^a Catarina Shin - UFRN

22/09

Local: Auditório da Escola de Música da UFRN / EMUFRN

9h00 – Painéis Temáticos sobre os Programas Estruturantes do Plano de Cultura da UFRN

Painel 1: Programa de Fomento aos Grupos Artísticos da UFRN

Prof.^a Teodora Alves - UFRN

Painel 2: Programa de Cultura e Memória

Prof. Isaías Ribeiro - UFRN

Painel 3: Programa SigaArte na UFRN

Prof. Lourival Andrade - UFRN

Prof.^a Maria Nazaré Rocha - UFRN

Painel 4: Programa Chão de Saberes

Prof.^a Teodora Alves - UFRN

Tarde

Local: Centro de Educação da UFRN

14h00 – Apresentação e Diálogos sobre a Minuta de Resolução da Política de Cultura da UFRN.

Coordenação: NAC, PROEX.

SETEMBRO 2015

03/09

INAUGURAÇÃO DO MOSAICO ARTÍSTICO FRACTAIS

O mosaico Fractais foi instalado no espaço terreo da área interna do prédio do CCHLA. O projeto foi idealizado pelo artista Wendell Santos Batista em parceria com outros participantes durante a realização da oficina de mosaico no Atelier do NAC.



Prof.^a Teodora Alves (Dir. do NAC/UFRN), Mestre Severino e Karina Miranda da Gama (Coord. de Cultura e Comunicação do MinC).





OUTUBRO 2015

15/10 15/11

MOSTRA RN DE ARTES VISUAIS – Exposição de artistas atuantes no RN realizam exposição coletiva na Torre Malakoff – Recife – PE

A Mostra RN de Artes Visuais foi uma ação com o intuito de mapear a arte no Rio Grande do Norte, traçando um paralelo entre a tradição e a contemporaneidade. O projeto realizou intercâmbios entre instituições culturais e artistas, bem como dialogou com o universo das artes visuais do Estado. Nomes conhecidos tanto nacionalmente quanto internacionalmente assinaram as obras da exposição. São eles: Dorian Gray, Jota Medeiros, Flávio Freitas, Socorro Evangelista, Selma Bezerra, Célia Albuquerque, Anchieta Rolim, Falves Silva, Alberto Giuliani, Vicente Vitoriano, Vandeberg Medeiros, Françoise Valery, Êbeson Rolim, entre outros. O projeto foi iniciativa da Funarte e contou com o apoio de outras entidades, entre elas o Núcleo de Arte e cultura da UFRN.

<http://www.funarte.gov.br/artes-visuais/mostra-rn-de-artes-visuais-sera-inaugurada-no-recife/>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=5532>

MOSTRA RN DE ARTES VISUAIS

Recife - PE - Brasil

Artistas expositores

ALBERTO GIULIANI	ÊBESON ROLIM	JOTA MEDEIROS
ANA ANTUNES	ERASMO ANDRADE	JUDITH PONDOFE
ANCHIETA ROLIM	FALVES SILVA	LUIS ELSON
ANDRÉ LUIS	FERNANDO GURGEL	MARCELO GHANDI
ARTUR SOUZA	FERNANDO MORENO	MAUREN
ASSIS MARINHO	FERNANDO PEREIRA	OSWALDO OLIVEIRA
CÉLIA ALBUQUERQUE	FLÁVIO FREITAS	SAYONARA PINHEIRO
CLAUDIO DAMASCENO	GILVIAN FERNANDES	SELMA BEZERRA
DI MOREIRA	ISAÍAS RIBEIRO	SOCORRO EVANGELISTA
DIONE CALDAS	IVANILDA COSTA	VICENTE VITORIANO
DORIAN GRAY		

O Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, FUNARTE - Sala Nordeste e Torre Malakoff convidam para a abertura da Exposição **MOSTRA RN DE ARTES VISUAIS**, às 19 horas do dia 15 de outubro de 2015, na Torre Malakoff - Praça do Arsenal, s/n - Bairro do Recife/PE.

Abertura: 15 de outubro, às 19h

Visitação: 15 de outubro a 15 de novembro de 2015

(Terça a sexta, das 10h às 18h; Sábados, das 10h às 18h; Domingos, das 10h às 18h; acesso às galerias de exposição) e de 10h às 19h30 ao Observatório Astronômico)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

ÂNGELA MARIA PAIVA CRUZ
Reitora

JOSÉ DANIEL DINIZ MELO
Vice-Reitor

TEODORA DE ARAÚJO ALVES
Diretora do Núcleo de Arte e Cultura

MARIA NAZARÉ ROCHA DE ALMEIDA
Vice-diretora do Núcleo de Arte e Cultura

Curadoria:

UFRN - Elidete Alencar e Vicente Vitoriano
Torre Malakoff - Maria Fachini

Realização:



20 a 23/10 CIENTEC CULTURAL 2015

Sobre a CIENTEC

A Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte acontece todos os anos, expondo os principais fundamentos das atividades científicas, tecnológicas e culturais da Universidade, buscando, dessa forma, uma interface com a sociedade.

A Universidade, enquanto espaço da troca de conhecimento e do diálogo de ideias, organiza a Semana de Ciência e Tecnologia da UFRN a partir de pavilhões que abrigarão exposições interativas e transdisciplinares, enfocando as produções dos Centros Acadêmicos e dos Órgãos Especializados e Suplementares e dos Eventos Acadêmicos, como congressos, seminários e exposição de pôsteres. Ademais, a programação cultural da CIENTEC promoverá a apresentação de uma grande quantidade de espetáculos de dança, música, corais e cinema, compondo a moldura artístico-cultural desse evento de grande relevância para uma interação entre a Universidade, seus parceiros e a sociedade em geral.

Com essa organização, propõe-se a articulação das diferentes unidades de produção de ciência, tecnologia e cultura, evidenciando o que a UFRN tem desenvolvido de forma articulada no Ensino, Pesquisa, Extensão e produção cultural.

Multidimensionalidade do Evento:

A SEMANA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E CULTURA DA UFRN abriga três grandes dimensões:

I – MOSTRA DA CIENTEC (FEIRA DA CIENTEC)

A Universidade, enquanto espaço da troca de conhecimento e do diálogo de ideias, organiza a Mostra a partir de pavilhões que abrigarão exposições interativas e transdisciplinares, enfocando as produções dos Centros Acadêmicos e dos órgãos especializados e suplementares, como também estabelece uma interface e interação com a sociedade, envolvendo empreendedores locais, pesquisadores de outras instituições públicas: federais, municipais e privadas.

II – REUNIÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Onde são realizados os eventos acadêmicos, Congressos, Seminários, Oficinas, Cursos e exposição de Pôsteres.

III – EVENTOS DE CULTURA (CIENTEC CULTURAL)

Promove a produção e a integração acadêmico-cultural, abarcando eventos artísticos, como apresentações e exposições, e suas discussões pedagógico-culturais vinculadas.

PROGRAMAÇÃO (PALCO PRINCIPAL)

21 de outubro de 2015 - Quarta-feira

19h – Grupo Parafolclórico da UFRN
Grupo Gaya Dança Contemporânea
Grupo de Dança da UFRN (GDUFRN)
Plutão Já foi Planeta – RN; Banda Eddie – PE

22 de outubro de 2015 - Quinta-feira

19 - Apresentação de dança com Debi Irons (EUA), GDUFRN e CDTAM.
Grupo Vocal Acorde
Big Band Jerimum Jazz
Maíra Salles - RN
Luis Gadelha e os Suculentos - RN

23 de outubro de 2015 - Sexta-feira

19 - Orquestra Sinfônica da UFRN
Yrahn Barreto

Mais informações

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=5549>





29/10/2015

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DO SERVIDOR

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte através da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas com o Programa Qualidade de Vida e do Núcleo de Arte e Cultura com o Programa Sigaarte na UFRN, realizou em 29 de outubro, o encerramento do projeto “Outubro do Servidor” na Reitoria da UFRN. Durante todo o mês de outubro aconteceu no Campus Central em Natal e nos campi do interior uma vasta programação de ações de saúde, informação e cultura.

PROGRAMAÇÃO

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: “Produtos do curso avançado em fotografia do Programa Qualidade de Vida”, com o Prof. Cícero.

Local: Hall da Reitoria. Dia: 27/10/2015

MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

Local: Auditório da Reitoria. Dia: 29/10/2015 Hora: 14h às 16h

MOSTRA DE TALENTOS

Local: Hall da Reitoria. Dia: 29/10/2015 Hora: 14h às 17h

Exposição de quadros: “Arte Francesa”.

A técnica é feita através de sobreposição de gravuras de papel.

Artista: Valdélia Maria Gurgel

Exposição de quadros: “Temas diversos”.

Artista: Patrícia Taveira de Brito

Exposição de quadros: “Natureza em Cor”

Quadros com temas voltados à natureza traduzida em tela.

Artista: Silvana Costa Benevides Cavalcante

Exposição: “Artes Visuais”.

Artista: Maria Goreti dos Santos

Livro: “Mar, a menina e o vento”.

Escritor: “Adriano Charles

SHOW DE ENCERRAMENTO

Local: Auditório da Reitoria. Dia: 29/10/2015 Hora: 16h às 20h

Grupo Acorde

Projeto Suave Potengi

Show de Voz e Violão, com a cantora Antoanet Madureira e o violonista Robert Nicholas.

Coral Qualidade de Vida

Conto de causos com o poeta mestre Paulo Varela

OLIMPIADAS

Entrega das premiações das olimpíadas do Circuito Qualidade de Vida.

Local: Campo de futebol do Nuplan. Dia: 29/10/2015 Hora: 18h

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=5532>

<https://www.facebook.com/nacufrnoficial/photos/a.786992784723382/899647933457866/?type=3&theater>



Fotos: Agência Fotec/ UFRN

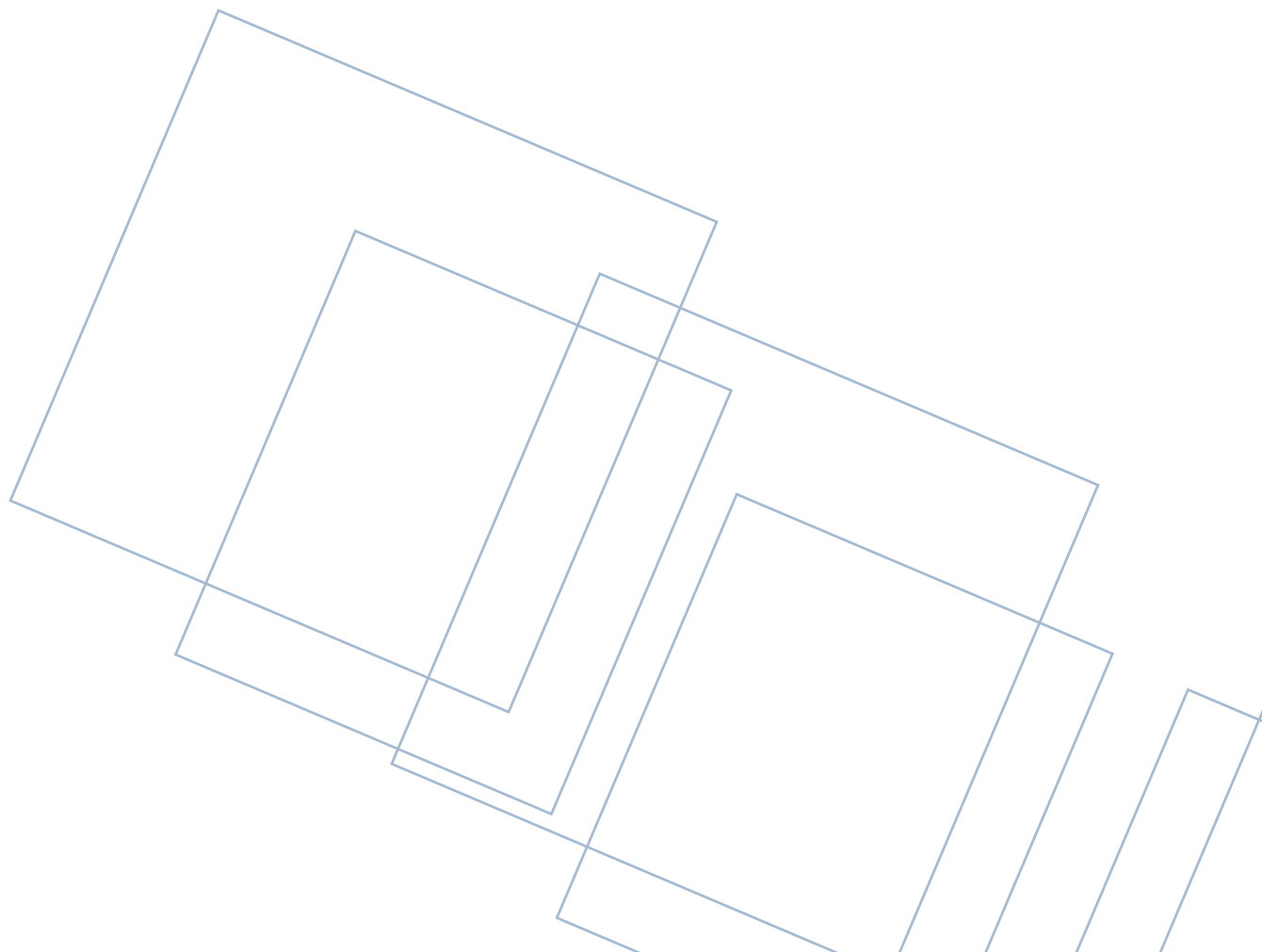
NOVEMBRO 2015

10 a 13/11/2015

CONEXÃO BRASIL 2015 – 9ª Edição: CULTURA E TERRITÓRIO

Conexão Brasil 2015 foi uma ação do projeto Conexão Felipe Camarão, da Associação Terramar. 'Cultura e Território' foi o tema da 9ª edição da Conexão Brasil 2015 que traduziu, com objetividade, a transparência em promover um diálogo capaz de transpor barreiras ao conectar a diversidade, estimular a discussão e o desenvolvimento local por intermédio, também, de círculos de cultura, rodas de prosa e cortejos de tradição. O evento contou com palestras, minicursos, workshop e rodas de conversa que giravam em torno do tema cultura popular e tradição, que contou com a participação do NAC, na figura da prof. Teodora Alves, em uma roda de conversa sobre o tema central.

<http://www.cultura.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=95984&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=Materia>





MARÇO 2016

18/03

DIA DA POESIA

O Programa SigaArte na UFRN promoveu na sexta-feira, 18 de março de 2016 a ação “Faça do seu dia uma Poesia”, comemorando o Dia Nacional da Poesia com diversas ações culturais na UFRN.

9h Oficinas

11h Poesias no almoço - Restaurante Universitário

Concerto de Flauta - Prof. João Paulo de Araújo (EMUFRN)

Local: Centro de Convivência

12h Intervenção de dança - Vi-vemos Cia de Dança - Local: Reitoria
Coordenação: Bruno Fernandes

13h Participação casa do cordel - Abaeté do Cordel, Jadson Lima
Local: Reitoria

Ações Itinerantes 9h às 15h

- Poesia a domicílio com Miró da Muribeca, Recife - PE

- Poesia-cênico-itinerante - Abner Souza, Clau Medeiros, Gê Costa e Francisco Junior

- Instalação Liberdade Poética: “Solte os seus pássaros e pegue uma poesia.”

- Intervenção Voo Poético - Setor V - Ébeson Rolim

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6041>

Programação cultural deste mês de março comemorando o Dia Internacional da Mulher - 8, Dia Nacional da Poesia - 14, Dia Mundial da Floresta - 21 e o Dia Mundial da Água - 22.

Dia 18 de março de 2016 - sexta-feira

9h Oficinas

Oficina de Poesia no Stencil

Ministrante: João Paulo Farias

Local: Departamento de Artes - Deart - Prédio Anexo

Oficina de Poema Processo

Ministrada pelo artista Jota Medeiros

Coordenação: Ênio de Góes

Apoio: Nicolas Conrado

Local: Galeria ConVivArt/NAC-UFRN

11h

Poesias no almoço - Restaurante Universitário

Concerto de Flauta - Prof. João Paulo de Araújo (EMUFRN)

Local: Centro de Convivência

12h

Intervenção de dança - Vi-vemos Cia de Dança - Local: Reitoria

Coordenação: Bruno Fernandes

13h

Participação casa do cordel - Abaeté do Cordel, Jadson Lima

Local: Reitoria

Ações Itinerantes 9h às 15h

- Poesia a domicílio com Miró da Muribeca, Recife - PE

- Poesia-cênico-itinerante - Abner Souza, Clau Medeiros, Gê Costa e Francisco Junior

- Instalação Liberdade Poética: “Solte os seus pássaros e pegue uma poesia.”

- Intervenção Voo Poético - Setor V - Ébeson Rolim

Coordenação:

MAC PROEX UFRN

Programa Integrante do Plano de Cultura da UFRN/Mais Cultura nas Universidades/MinC/MEO



ABRIL 2016

08 e 09/04

ESPETÁCULO DENTROFORA DA CIA TEATRAL
GAUCHA IN.CO.MO.DE.TE

“O espetáculo é uma metáfora sobre o ser humano contemporâneo. Trata-se de uma homenagem a uma das mais famosas obras de Samuel Beckett, *Dias Felizes*”.

Para retirada antecipada de ingressos: Os ingressos puderam ser retirados no Núcleo de Arte e Cultura da UFRN até as 16h do dia 8 de abril, ou duas horas antes do espetáculo no auditório de música da UFRN! A premiada montagem teve audiodescrição e entrada gratuita

08 e 09 de abril, as 19h, no Auditório da Escola de Música da UFRN

Apoio local: UFRN, através do Programa SigaArte na UFRN/PROEX/NAC

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6128>

08/04, 6 e 20/05 03/06

VIOLÃO NA GALERIA – MÚSICA DE COMPOSITORES BRASILEIROS PARA VIOLÃO SOLO.

Recital de violão solo, pelos alunos do Mestrado e bacharelado da EMUFRN, no programa obras de compositores brasileiros para violão solo, Villa-Lobos, Gnattali, Assad, Kiefer, entre outros. Coordenação: Prof. Ezequias Lira

08 de abril

6 e 20 de maio

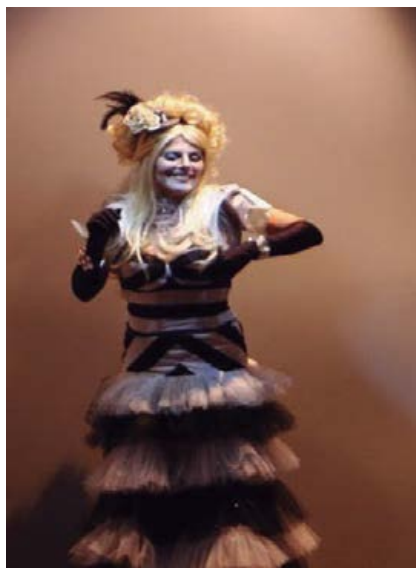
03 de junho

Hora - 11h

Aberto ao público!

Promoção: UFRN - SigaArte na UFRN - NAC - PROEX - EMUFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6102>



Violão na Galeria

Música de compositores brasileiros para violão solo.
Laboratório em performance violão da EMUFRN
Coordenação: Prof. Ezequias Lira

Quando?
8 de abril - 6 e 20 de maio - 3 de junho
11h

Onde?
Galeria Conviv'Art/NAC/UFRN

Aberto ao público!

Patrocinador UFRN SigaArte na UFRN ItC PROEX

05 a 08/04

SESSÃO CULTURA – TEATRE-SE

O Sessão Cultura foi um projeto do Centro Acadêmico de Teatro Augusto Boal – CATAB e NAC, que realizou ações de integração e vivências artísticas entre os discentes do Curso de Licenciatura em Teatro, do Departamento de Artes e da comunidade em geral. Realizado mensalmente toda 2ª Sexta Feira de cada mês têm suas ações baseadas na transversalidade e executadas por meio de rodas de conversa, mesas redondas, seminários, apresentações artísticas e intercâmbio cultural com grupos da UFRN, de extensão e/ou agregados, com grupos externos.

O projeto Teatre-se foi criado com intuito de comemorar em 27 de Março o Dia Mundial do Teatro.

Desta maneira, o Centro Acadêmico de Teatro Augusto Boal e o NAC, em 2016, realizaram uma programação conjunta, com oficinas, intervenções teatrais, palestras, entre outras ações.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6118>



27 a 30/04

INTERCÂMBIO LATINO AMERICANO DE TEATRO RITUAL

O Grupo de extensão Arkhétypos promoveu na UFRN o Intercâmbio Latino Americano de Teatro Ritual com o apoio da PROEX, NAC e outras unidades da UFRN. Durante o encontro ocorreram palestras, workshops e espetáculos acerca do tema teatro ritual. Entre os dias 27 e termina dia 30 de abril a UFRN contou com a presença de dois pesquisadores argentinos, a Prof^a. Patricia Bélières e o Prof. Alejandro Cancela, bem como das Professoras Dra. Lara Rodrigues Machado da UFBA e a Dra. Luciana Lyra da UERJ.

<http://www.proex.ufrn.br/noticias/18404964/convite-intercambio-latino-americano-de-teatro-ritual>

27 a 30/04

OFICINA DO GUAP/UFRN

A ARTE É O ALIMENTO DA ALMA.

O GUAP (Grupo Universitário de Aquarela e Pastel) e o Núcleo de Arte e Cultura realizaram a oficina intitulada “As várias faces da aquarela”, no ateliê do NAC no Centro de Convivência.

O GUAP (Grupo Universitário de Aquarela e Pastel) realizou ainda a exposição “Almas de Artistas” em comemoração do dia e mês do artista plástico, além dos 15 anos do grupo, que é festejado durante todo o ano de 2016. O evento teve o propósito de transmitir o que significa ser artista em sua essência. Mostrar a alma por trás das telas, desenvolvendo o sentir e a emoção manifestadas em lindas obras dos membros do GUAP.

Dia: 2 a 6 de maio

Horário: Das 8h às 18h

Local: Galeria do Deart, UFRN

MAIO 2016

02 a 06/05

IV SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ECONOMIA CRIATIVA

A Economia Criativa foi eleita política pública em 2012 com a aprovação do Plano da Secretaria da Economia da Criativa pelo Ministério da Cultura brasileiro. No entanto, preocupações com as questões relacionadas com a economia da cultura estão presentes na Lei Rouanet (Programa Nacional de Apoio à Cultura) ou na Lei Djalma Maranhão (Programa de Incentivo à cultura da Prefeitura de Natal).

A Economia Criativa pode ser definida como o ciclo econômico dos setores culturais e artísticos e dos setores culturais e funcionais que têm por objetivo o lucro. As políticas Públicas procuram assim apoiar o desenvolvimento da economia criativa e da cultura brasileira e dos seus profissionais. Desse modo, no presente seminário propomos a apresentação de projetos de Trabalhos de Conclusão de Curso da Graduação de Gestão de Políticas Públicas sobre a referida temática.

Este seminário teve o apoio do Grupo de Pesquisa sobre as Cidades Contemporâneas e do Programa de Cultura da UFRN/ Edital Mais Cultura nas Universidades.

02 a 06/05

CURSO DE PRODUÇÃO EXECUTIVA DE OBRAS AUDIOVISUAIS

O Curso foi realizado pelo Núcleo de Arte e Cultura/NAC, em parceria com a Superintendência de Comunicação - COMUNICA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário – no auditório, das 8h às 17h. A avaliação e seleção dos alunos ocorreu em 25 de abril do corrente, na sala de reuniões do Núcleo de Arte e Cultura - NAC/UFRN, sob a presidência de Nelson Marques, Professor, e também com as presenças das professoras Lisabete Coradini e Laurita Salles, que analisaram as propostas dos candidatos de acordo com os critérios preestabelecidos no Edital de Seleção – Fundação Joaquim Nabuco/CANNE, para o Curso de Produção Executiva com os professores João Vieira Junior e Nara Aragão. Com 40 horas aula teve como objetivo apresentar aos alunos o passo a passo da atuação do produtor executivo, desde a concepção da ideia e elaboração do projeto até a exibição e distribuição da obra, com foco no planejamento, na estruturação, na produção e na distribuição de obras audiovisuais.

Nº de participantes inscritos: 106

Nº de selecionados: 25

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6138>




MAIO 2016

05/05

OFICINA NA FACISA – SANTA CRUZ/RN

15h – Oficina “Como Ativar a Imaginação a Partir do Jogo Ritual” (Francismar Silva do Grupo Arkhètypos)

18h – Apresentação do Grupo Madrigal da Escola de Música da UFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6192>

06/05

DIA DO ARTISTA PLÁSTICO

O Dia do Artista Plástico é comemorado anualmente no dia 08 de maio. O NAC realizou no dia 06 de maio de 2016, sexta-feira, diversas atividades em comemoração à esse dia, o qual ocorreu no dia 08, domingo.

Este dia contou com três oficinas: Arte Correio, ministrada pelo Jota Medeiros; As Várias Faces da Aquarela, ministrada pela professora Socorro Evangelista e a oficina de Organização de Exposição de Arte, ministrada pela Andara Freitas.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6296>

https://www.facebook.com/pg/nacufrnoficial/photos/?tab=album&album_id=1012228028866522



08/05

1º AÇÃO DO CHÃO DE SABERES



O encontro realizado na casa do Mestre Severino Roberto do grupo popular tradicional Cabocliquinhos de Ceará-Mirim, ocorreu na manhã de domingo do dia 08 de maio de 2016.

O mestre relatou a atual situação do grupo e suas dificuldades para encontros e ensaios, tendo sua última apresentação realizada em alusão ao Dia da Criança em 2015. Foi relatado o amor pela tradição do grupo, o que construiu quem ele é hoje e sua essência.

A dança foi passada através de seu tio e atualmente ele repassa aos seus filhos, primos e sobrinhos visto a importância de transmitir o conhecimento popular.

Caboclinho é uma dança do folclore popular brasileiro. A marcação rítmica, os movimentos e a fantasia do caboclinhos tem forte traços indígenas.

9 às 12h - Mesa de abertura com pesquisadores da cultura popular do RN

14h às 17h - Roda de conversa sobre cultura de matriz indígena e matriz africana

26 de agosto

9h às 12h - Oficina de cordel, oficina de brincadeiras indígenas e concerto didático.

14h30 às 17h - Sarau

“O evento será composto por oficinas artísticas e culturais, mesa redonda e roda de conversa sobre a diversidade cultural do Estado.”

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6534>



MAIO 2016

13 a 15/05

VI FESTIVAL DE CULTURA E DA VI MOSTRA CULTURAL NA CIDADE PASSA E FICA

O Programa Chão de Saberes e os alunos do curso de Dança da UFRN, participaram do VI Festival de Cultura e da VI Mostra Cultural 2016 na cidade de Passa e Fica – RN.

Evento que contou com 3 dias de viagem de bolsistas do programa Chão de Saberes e estudantes do curso de Dança da UFRN à Passa e Fica para realização de oficinas de dança e participação de eventos, contribuindo para a formação dos alunos de Práticas Educacionais de Dança Popular.

Dia 13 de maio de 2016, participação do cortejo cultural a partir das 14hrs .

Dia 14 de maio, os alunos ministrarão e participarão de oficinas durante o dia no Clube Social “O Pepeuzão” às 9h.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6201>



25/05

OFICINAS DE CAPACITAÇÃO NA CIDADE DE BREJINHO/RN

No dia 25 de maio de 2016 ocorreu, em Brejinho/RN, oficinas de teatro e música tendo como motivação um convite feito pela coordenadora do Teatro Municipal de Brejinho (Bernadete Lima) para a realização de eventos culturais na cidade.

A oficina de música ocorreu no Centro de Convivência para Idosos de Brejinho às 14 horas. Foi ministrada pela licencianda em teatro Pamela Araújo e acompanhada/registrada pela bolsista do programa Chão de Saberes, Emanuela Fontes. Teve duração de duas horas contando com exercícios vocais e aquecimento corporal. Ao final, os integrantes do coral infantil de Brejinho (à quem estava-se ministrando a oficina) foram ao Teatro Municipal para realizar uma apresentação de finalização da oficina.

A oficina de teatro ocorreu no Teatro Municipal de Brejinho às 14 horas a qual foi ministrada pela aluna Kethleen e acompanhada/registrada pela bolsista Emanuela Fontes. Teve uma hora de duração e consistiu em jogos teatrais com cerca de 60 alunos do ensino fundamental de Brejinho.

Ao final, os alunos da UFRN se apresentaram. Pamela Araújo cantou “O bêbado equilibrista” da Elis Regina e “A noite” de Tiê. Kethleen e seu parceiro de cena apresentaram diversas cenas de palhaço.

https://www.facebook.com/pg/nacufrnoficial/photos/?tab=album&album_id=1024881887601136



JUNHO 2016

29/05

AULA DE CAMPO EM TIBAU DO SUL/RN

No dia 29 de maio de 2016, foi realizada pelo Chão de Saberes, programa integrante do Plano de Cultura da UFRN, uma visita ao Mestre Geral do Côco de Zambê. Teve como integrantes os alunos do curso de dança da UFRN os quais tem aula de “práticas educativas em danças populares”, ministrada pela professora Teodora Alves.

Acompanhados de dois bolsistas do programa Chão de Saberes, o grupo foi levado à Tibau do Sul em um micro-ônibus e fizeram um percurso turístico pela cidade até o horário para início da roda de Côco de Zambê.

Para esta dança acontecer, forma-se uma roda onde os tocadores ocupam uma posição central, e nela somente homens podem participar, entoando cantos enquanto os brincantes se revezam na entrada da roda, executando passos que lembram capoeira, afoxé e frevo, numa agilidade de movimentos e performances frenéticas. Um de cada vez, se dirige ao “chefe” fazendo reverência ao tambor, que possui um papel fundamental, e logo em seguida dirigem a outro dançarino com cumprimento de umbigada, convidando-o a entrar a roda.

A roda teve início às 19 horas.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6390>

01/06

RODA DE CONVERSA

Roda de conversa na sede do IPHAN/ RN sobre o Plano de Cultura da UFRN/Minc/Mec e suas relações com a cultura potiguar.

Coordenação: Comitê gestor do Plano de Cultura da UFRN.

Mediação: Profa. Teodora Alves - Diretora do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN - NAC



30/05 a 05/ 06

PERCURTIR – ENCONTRO DE PERCUSSÃO DA UFRN.

Nos períodos de 30 de maio a 03 de junho de 2016 ocorreu na Escola de Música e encerramento no Centro de Convivência com apoio do NAC, o 5º PERCURTIR – Encontro de Percussão da UFRN.

Durante o evento foram realizadas várias atividades educacionais e culturais destinadas tanto ao público específico quanto à comunidade em modo geral. Sob a coordenação de Germanna França da Cunha da EMUFRN, com parceria do Plano de Arte e Cultura da UFRN.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6254>



11/06

ENCONTRO DE BOI DE REIS EM BREJINHO

O evento foi realizado com o apoio da Prefeitura de Brejinho, tendo a frente a coordenadora do teatro municipal Sinézio José Chacon, Bernadete Lima, com o objetivo de integrar os grupos de boi de reis entre si e entre a comunidade de modo geral; tanto a acadêmica da UFRN quanto a externa.

A proposta se originou com o pedido da professora Bernadete Lima para promoção de eventos culturais em Brejinho/RN. Na reunião em que se debateu esse evento, ela informou que haviam mestres de boi de reis e que seu conhecimento não estava sendo transmitido aos mais novos, como é o caso do mestre Luis, confeccionador de boi de reis. Diante de tal situação, além das apresentações dos grupos locais e o grupo convidado da Vila de Ponta Negra, o Boi Pintadinho do Mestre Pedro Lima, incluímos na programação oficina de dança, música e confecção de boi com os mestres.



17/06

ARRAIÁ DA CONVIVÊNCIA

Ação desenvolvida pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN no dia 17 de junho no centro de convivência da instituição. O evento objetivou integrar a cultura popular com a comunidade acadêmica, formando um simulacro de uma festa típica do interior.



Carlos Eufrásio
Natal/RN



07 e 08/06

FESTIVAL PERMANENTE DO MINUTO

Criado no Brasil em 1991, o Festival do Minuto, inspirou a criação de festivais do minuto em mais de 50 países. Nestes anos foram mais de 50 mil vídeos minutos dos 4 cantos do planeta. À partir de 2007, o Festival tornou-se permanente e online, passando a realizar inúmeros concursos no decorrer do ano. Offline, o Festival é exibido em mais de 400 equipamentos culturais de mais de 100 cidades brasileiras, na já tradicional rede de exibição do minuto, são exibidos os melhores minutos do ano anterior.

No ano de 2016, Natal recebeu o Festival, através do CINE UFRN, programa de Cinema Audiovisual do Plano de Cultura da UFRN. As exibições aconteceram nos dias 07 e 08 de junho no Auditório do LABCOM/DECOM | UFRN – Av. Sen. Salgado Filho, 3000, Lagoa Nova, a partir das 18h.

PROGRAMAÇÃO

07 de junho (terça-feira)

18h – Melhores minutos de 2015

19h – Animação

20h – Fotografia

08 de junho (quarta-feira)

18h – Meu primeiro minuto

19h – Música

20h – Amor

21h40 – Nano minuto

http://nac.ufrn.br/nac/?attachment_id=6284

09/06

HARMONIAS SONORAS DO TRABALHO

O Programa Viver em Harmonia/ PROGESP, em parceria com o programa SigaArte Ufrn/Plano de Cultura da UFRN/ NAC/PROEX, têm o objetivo de contribuir, entre outros aspectos, para a promoção da qualidade de vida no trabalho e bem-estar dos servidores da UFRN, visando ser referência na Administração Pública Brasileira. O Viver em Harmonia atua em duas abordagens teórico-conceituais: abordagem Biopsicossocial (dimensões biológica, psicológica, social e organizacional) e a abordagem da Ergonomia Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho. Já o SigaArte na UFRN, propõe experiências artísticas e estéticas e formação de público para as artes, sobretudo no âmbito da própria UFRN, incluindo e difundindo as diversas linguagens da arte e segmentos culturais.

No caso específico da música, a ação “Harmonias Sonoras no Trabalho” foi pensada a partir da parceria entre ambos os Programas institucionais e tem circulado por vários setores da UFRN..

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6304>



AGOSTO 2016

04/08

PROGRAMA SIGAARTE NA UFRN INTERNACIONALIZANDO A CULTURA POTIGUAR COM VISITA DE ALUNOS DA TURQUIA

O Programa SigaArte na UFRN é uma agenda cultural permanente e tem como objetivo principal divulgar e disseminar a cultura artística universitária, promovendo o acesso democrático e a formação de público para as artes e proporcionando um ambiente favorável e saudável a todos que integram a UFRN.

A UFRN recebeu alunos de Istambul (Turquia) e dentre as atividades vivenciadas por eles na UFRN, tivemos vivências culturais, incluindo a experiência com a manifestação tradicional Coco de roda de Mestre Severino, no Centro de Convivência da UFRN, além de uma apreciação de uma exposição na Galeria do NAC e uma apresentação da Big Band Jerimum Jazz,. Ambas ações viabilizadas pelo SigaArte na UFRN/NAC, em parceria com a Secretaria de Relações Internacionais da UFRN.

AGOSTO 2016

03/09/2015

INAUGURAÇÃO DO MOSAICO ARTÍSTICO ” VIAGEM CÓSMICA

O curso de Mosaico Subjetividade em Ação foi ministrado pelo artista Wendell Santos Batista no período de 30 de setembro de 2015 a 22 de Julho de 2016 no Ateliê de Artes do NAC.

“O curso teve como base a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, que envolve conhecimento histórico, técnico e visual das obras de Arte em Mosaico, uma construção crítica de um indivíduo mais consciente sobre a arte do Mosaico e a prática presente em todas as atividades do curso, pensando no ensino de Paulo Freire que une a teoria com a prática, formando a práxis, uma ação criadora e modificadora da realidade.”

A inauguração do Mosaico Artístico “Viagem Cósmica” ocorreu no dia 19, de agosto, às 16 horas no Hall do CCHLA.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=5302>



Painel artístico “Viagem Cósmica”, 2,71x 4,65 m, 2016.

AGOSTO 2016

12 e 19/08 e 06/09

FORMAÇÃO ARTÍSTICA PARA PROFESSORES EM BREJINHO/RN

O programa Chão de Saberes (programa integrante do Plano de Cultura da UFRN) desenvolveu uma programação de oficinas de capacitação para professores do município de Brejinho que terá início amanhã, 12 de Agosto. Tem duração de 3 semanas, ocorrendo toda sexta feira.

O incentivo para a realização do evento se deu a partir da reunião realizada com as educadoras do Centro de Convivência do Idoso e com a coordenadora do Teatro Municipal de Brejinho, Bernadete Lima, em 11 de junho de 2016.

12 de agosto

Manhã – Oficina de Jogos Teatrais com Robson Lima

Tarde – Oficina de desenho com Leandro Garcia – GUAP

19 de agosto

Manhã – Oficina de Jogos Teatrais com Kathleen Louise

Tarde – Oficina de aquarela e guache com a artista Cibele Oliveira - GUAP

6 de setembro

Manhã - Oficina de Técnica Vocal com a professora Elke Beatriz Riedel

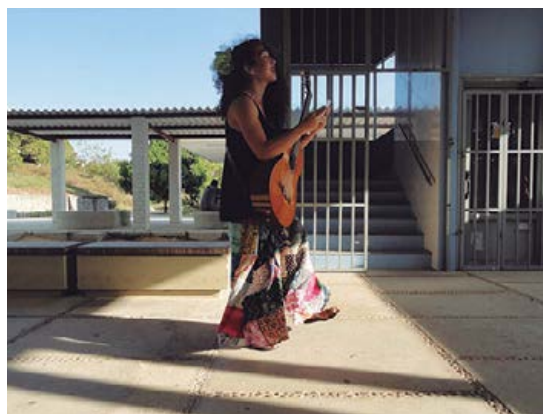
Tarde - Oficina de Teatro e Educação com o prof. André Carrico

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6506>

17 a 19/08

SEMANA DO ESTUDANTE DA UFRN

Ação promovida pelo programa Siga Arte na UFRN e Plano de Cultura da UFRN para a semana do estudante da UFRN.



19/08

15ª MOSTRA DO FILME LIVRE

O CINE UFRN, programa de Cinema e Audiovisual do Plano de Cultura da UFRN trouxe para Natal a edição 2016 da Mostra do Filme Livre – MFL, projeto pioneiro nascido há 15 anos no Centro Cultural Banco do Brasil.

Foram exibidas duas sessões de filmes, a “Sessão Mundo Livre”, que é composta por curtas e medias-metragens, todos feitos por brasileiros no exterior; e a “Sessão Longa Livre” onde será exibido o premiado documentário “Mataram Meu Irmão” de Cristiano Burlan.

As exibições aconteceram no dia 19 de agosto (sexta-feira) à partir das 19h, no Auditório B do CCHLA na UFRN.

19h – SESSÃO MUNDO LIVRE

PARQUE SOVIÉTICO Karen Black – RJ – 10’

INDIAN WELLS Luca Boskovitz e Thomaz Arruda – SP – 17’

ESCAPE FROM MY EYES Felipe Bragança – RJ – 33’

SUGAR FREEZE Louise Botkay – RJ – 10’

20h30 – SESSÃO LONGA LIVRE

MATARAM MEU IRMÃO Cristiano Burlan – SP – 77

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6527>



SETEMBRO 2016

13/09

OFICINA DE TEATRO EM CAICÓ/RN

A oficina foi ministrada no CERES-Caicó, dia 13 de setembro, realizada pelo Arkhétypos Grupo de Teatro e promovida pelo Programa SigaArte na UFRN, dentro da programação da Mostra de Profissões. Teve início às 14 horas e encerrou às 17 horas.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6657>



SETEMBRO 2016

27/09

REUNIÃO - SERESTAS E SERENATAS NA UFRN

O Programa SigaArte na UFRN em parceria com a Escola de Música/UFRN desenvolveu uma ação denominada “Serestas e Serenatas na UFRN”. Neste período reuniões ocorreram para desenhar a proposta das ações para apresentações no Campus Universitário, como por exemplo a Cientec 2016.



28/09

APRESENTAÇÃO TEATRAL EM CAICÓ E CURRAIS NOVOS/RN

No dia 28 de Setembro, o programa SigaArte Ufrn promoveu uma Apresentação Teatral em Caicó e Currais Novos, com a participação do Grupo de Teatro Eureka que é ligado ao Projeto de Extensão Permanente: Grupo Popular de Teatro.

Foi apresentada a peça “Chico Cobra e Lazarino”, uma adaptação do texto de Racine Santos, dramaturgo Potiguar.

Em Caicó ocorreu às 14h30 e em Currais, às 19 horas.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6695>



OUTUBRO 2016

05, 06 e 07/10

III SEMINÁRIO UNIVERSIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE

O III SEMINÁRIO UNIVERSIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE é um evento que visa dar continuidade às discussões sobre a importância questões relacionadas à memória material e imaterial na universidade e na sociedade, sua guarda e conservação, políticas institucionais de redes e interinstitucionais de memória.

O evento discutiu o papel da universidade na preservação, organização e acessibilidade de acervos, na construção de uma memória social e na conscientização dos atores universitários para a importância de valorizar a memória institucional no tocante a ações de pesquisa, ensino e extensão universitária.

(Texto retirado do resumo da Ação de Extensão presente no Sigaa)

As inscrições foram feitas através do e-mail memoriaesociedadeufrn@gmail.com, mandando seu nome, instituição e contato; OU no Sigaa através DESSE LINK, clicando no ícone da seta verde à direita da página após o nome “III SEMINÁRIO UNIVERSIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE DA UFRN: diálogos e encaminhamentos sobre a política de Memória da UFRN.”

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6677>

05, 06 e 07/10

MINICURSOS DE LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS E DE AUDIODESCRIÇÃO PARA EVENTOS

O Centro de Educação da UFRN, em parceria com a SEDIS, CAENE, NAC e PROEX, realizaram, por meio do Plano de Cultura da UFRN e do Programa Mais Cultura nas Universidades (Programa de Acessibilidade Cultural), nos dias 05, 06 e 07 de outubro, os Minicursos de Legendagem para Surdos e Ensurdidos e de Audiodescrição para Eventos.

Os dois minicursos tiveram caráter capacitador, destinados ao aperfeiçoamento das práticas de acessibilidade nas instituições, tendo suas vagas limitadas para profissionais da UFRN, IFRN e Secretária de Educação do RN.

O Minicurso de Legendagem para Surdos e Ensurdidos foi ministrado pelo Prof. Ms. Klístenes Braga (UECE – CE) e o Minicurso de Audiodescrição para Eventos será ministrado pela Profa. Ms. Bruna Leão (UECE- CE). Ambos sediados no Auditório da SEDIS, nos turnos da manhã (8h às 12h) e tarde (14h às 18h).

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6652>



OUTUBRO 2016

19 a 21/10

CIENTEC CULTURAL 2016

Espaço Chão de Saberes, Vila da Cultura e SigaArte na UFRN trouxeram para a CIENTEC uma diversidade de atrações culturais locais e de municípios do interior do Rio Grande do Norte.

Programação completa em nac.ufrn.br

http://nac.ufrn.br/nac/?page_id=6737



27/10

LUAU NO CAMPUS

Evento vinculado ao Programa estruturante do o Plano de Cultura da UFRN, Sigaarte na UFRN, que tem como intuito fomentar a arte dentro da instituição. A terceira edição, ocorreu no dia 27 de outubro de 2016. Local: Estacionamento da Reitoria da UFRN (Próximo a parada do circular)



NOVEMBRO 2016

07 a 11/11

VI COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES

O VI Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, que ocorre anualmente na UFRN, campus de Caicó, tem por objetivo envolver alunos da graduação, pós-graduação e professores que discutam as temáticas da História Cultural e das Sensibilidades na UFRN e em outras universidades brasileiras e na Rede Básica de Educação. O apoio a este evento se justifica porque o Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades pretende dar mais visibilidade às novas possibilidades de estudos históricos e com eles os novos objetos que nos possibilitam olhar o mundo de lugares anteriormente inacessíveis aos profissionais de História e, a partir disto, estas temáticas poderão ser desenvolvidas na educação básica de forma mais eficiente. Para termos cada vez mais a presença de professores da rede básica, o evento não cobra a inscrição destes profissionais e incentiva a participação dos mesmos não somente como ouvintes, mas como apresentadores em simpósios temáticos.

Nos anos anteriores, tivemos a participação de professores/pesquisadores e acadêmicos de vários estados brasileiros (RN, CE, PI, SP, GO, PB, PE, SC, RS, PR, DF, ES, BA e RJ), e de Portugal e México. Já passaram pelo evento, nas 4 edições, mais de 2.000 participantes do Brasil, América Latina e Europa. É o segundo maior evento com esta temática no Brasil e o maior evento de História do Rio Grande do Norte.

NOVEMBRO 2016

22 a 23/11

1º ENCONTRO POTIGUAR DE ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES CULTURAIS

Nem toda concepção de acesso contempla a acessibilidade. Em outros termos: toda acessibilidade implica em acesso, mas nem todo acesso abarca a acessibilidade. Essa nuance põe em evidência o caráter transversal e problematizador da acessibilidade como um campo de intervenção nas políticas públicas de democratização de bens, serviços e práticas sociais e culturais, procurando explicitar a perspectiva de participação das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida nas diversas esferas da sociedade.

Desta maneira, o fato de nos encontrarmos em torno da acessibilidade em ambientes culturais, permite-nos assumir, como pano de fundo o direito de todos de atuação, como leitores e produtores, de processos e artefatos culturais, cuja ênfase à participação das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida traduz a necessidade de problematizarmos as nossas concepções em relação ao outro e às construções simbólicas e espaciais que acolhem e provocam múltiplas interações afetivas, estéticas e epistêmicas, a partir da perspectiva de ocupação e envolvimento por parte de um segmento social que, historicamente, procura sair da invisibilidade para se apropriar de lugares e espaços que, até então, não foram concebidos para acolhê-los como agentes partícipes, procurando desestabilizar o estigma do defeito, em favor da defesa de formas distintas de perceber, de se expressar, de conhecer e de viver.

Assim, a UFRN, por meio do seu Plano de Cultura, procurou aglutinar experiências, estudos e práticas artísticas e acadêmicas em torno da acessibilidade, com intuito de estabelecer um contexto de diálogo entre professores, estudantes, pesquisadores, dirigentes, artistas e produtores culturais em favor da emergência (e consolidação) desta temática no contexto potiguar, considerando, inclusive, a necessidade de lutarmos pela preservação e ampliação das políticas educacionais e culturais para a toda a população brasileira, incluindo as pessoas com deficiência.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=6930>

DEZEMBRO 2016

12/12

CARAVANA MAMULENGOS DO CERRADO RUMO À CAATINGA

Caravana realizada pela Rede Brasileira de Teatro de Rua em dezembro de 2016, foi uma ação em comemoração aos 20 anos de existência do “Mamulengo Sem Fronteiras”. O projeto beneficiou algumas regiões do nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco) dialogando com Mestres e Mestras destas localidades acerca da arte popular do trabalho de manipulação com bonecos, trazendo apresentações, discussões e debates sobre o tema. O NAC UFRN entrou como parceria para realização do evento na Cidade do Natal.

<http://pareiacomunicacao.com.br/mamulengos-no-cerrado-rumo-a-caatinga/>



2017

JANEIRO 2017

06/01

ENCONTRO: MEMÓRIAS DE BRINCANTES DE BOI DE REIS – VERA CRUZ/RN

O evento que ocorreu no dia 06 de janeiro de 2017 foi iniciativa do mestrando Sebastião Silva em sua defesa de Mestrado em Artes Cênicas na UFRN, com a proposta de um encontro de Boi de Reis no Sítio Santa Cruz na cidade de Vera Cruz no RN.

O Programa Chão de Saberes se uniu na disponibilização de transporte e participação dos Grupos tradicionais e de estudantes da UFRN que puderam assistir a defesa de dissertação na cidade do interior e participar das diversas ações em praça pública.



08/01

GLOMUS 2017

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), recebeu o encontro Global Music Network (Glomus), realizado em associação por escolas de nível superior em música, teatro e dança do mundo todo. O NAC, por meio do Plano de Cultura, organizou as oficinas de dança e teatro no DEART e um aulão de danças brasileiras no hall da EMUFRN.

A Glomus é uma rede internacional fundada por três academias nórdicas de ensino superior em música e acontece a cada dois anos, de forma itinerante, em associação com outras escolas de música internacionais. A UFRN foi a única instituição sul-americana a conquistar espaço junto à Glomus devido a infraestrutura e a produção musical voltada a projetos sociais desenvolvidos.

O concerto de abertura aconteceu no dia 11 de janeiro, às 20h, no Hotel Holiday Inn, em Lagoa Nova, com as presenças da Orquestra Sinfônica da UFRN, alunos das ONGs Atitude Cooperação, Oficina de Sonhos, Funffec de Luís Gomes e professores da Glomus.

As apresentações continuaram nos dias seguintes no Solar Bela Vista, Auditório da Escola de Música da UFRN, Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, Parque das Dunas, Pinacoteca do Estado e auditório da Escola de Governo.

O evento recebeu mais 180 músicos de 29 países. Nos dias que antecedem o início do Glomus, alguns músicos da Finlândia e da Dinamarca participam de atividades na Organização Não Governamental (ONG) Atitude Cooperação, onde vão realizar peças com alunos do projeto.

A programação foi inteiramente gratuita e está disponível neste link.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7097>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7072>



MARÇO

08/03

EDITAL DE SELEÇÃO PARA PINTURA DE PAINEL EM PAREDE EXTERNA DE PRÉDIO DO INSTITUTO ÁGORA

O Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, através do Instituto Ágora e o Núcleo de Arte e Cultura – NAC, através do seu Atelier de Artes e do Plano de Cultura da UFRN, lançaram o presente Edital, que tornaram públicos os procedimentos para a apresentação de projetos com o intuito de promover intervenção artístico-visual em superfície predial (Painel) no Instituto Ágora, localizado no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Por meio deste Edital foram premiados os autores dos projetos selecionados.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7097>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7072>

CURSO DE DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA com **ALZIRO BARBOSA**
De 13 a 18 de março

Inscrições:
17 de fevereiro a 07 de março de 2017

EDITAL e formulário online disponível no site
fundaj.gov.br/canne

nac.ufrn.br

Público-alvo: profissionais, professores e estudantes de audiovisual, comunicação e artes.
Vagas: 25

Coordenação na UFRN Apoio Realização

13 a 18/03/2017

CURSO DE DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA COM ALZIRO BARBOSA

O curso de Direção de Fotografia com o instrutor Alziro Barbosa foi realizado na cidade Natal-RN de 13 a 18 de março de 2017 e teve inscrições abertas até o dia 07 de março de 2017. Este curso foi realizado em parceria com o Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e apoio do Plano de Cultura da UFRN/Mais Cultura nas Universidades/MinC/MEC, do Laboratório de Comunicação da UFRN e do Projeto Tela Livre.

Sobre o curso: teve como objetivo capacitar os alunos nas mais diversas estruturas de imagens utilizadas em película, vídeo, e vídeo digital. Através da compreensão de conceitos de iluminação, composição, cor e movimento de câmera, o aluno obteve conhecimento da multiplicidade de métodos e estratégias que o Diretor de Fotografia dispõe. Através de aulas teóricas e práticas foram desenvolvidos os temas: aperfeiçoamento das possibilidades fotográficas em Cinema e Vídeo; tonalidades de luz e a combinação luz-cor correspondente à idéia dramática; utilizar artisticamente os principais tipos de iluminação; utilização racional dos equipamentos de iluminação; desenvolver a capacidade interpretativa de um roteiro com relação aos aspectos fotográficos.



24/03

HOMENAGEM AO MÊS DAS MULHERES E DA POESIA

Intervenções de poesias em homenagem ao dia da Mulher pelo Campus UFRN.

- Restaurante Universitário (área externa) – 10h30
- Instalação poética
- Restaurante Universitário – 11h30
- Intervenção Poética com grupo “Casa do Cordel”
- Intervenção Poética com projeto “Poesia Itinerante”

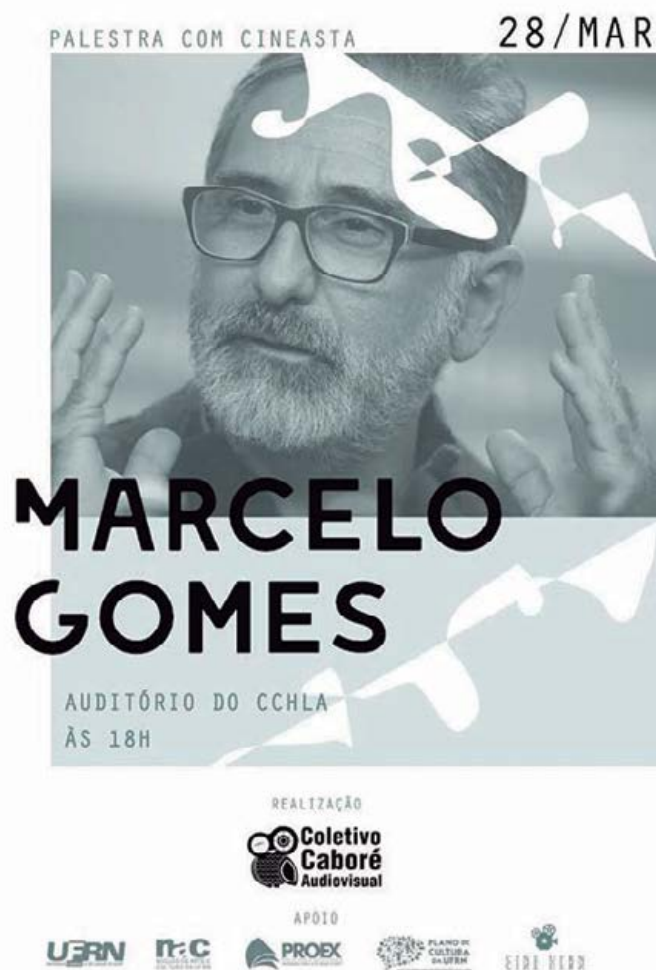
Distribuição de poemas por ciclistas durante todo o dia.



28/03

PALESTRA SOBRE CINEMA, COM O CINEASTA MARCELO GOMES

A UFRN, através do Programa Cine UFRN/Plano de Cultura da UFRN e o Coletivo Caboré audiovisual, realizou a palestra sobre cinema, com o renomado cineasta Marcelo Gomes, no dia 28/03 às 18h, no Auditório do CCHLA. Aberto ao público em geral!



ABRIL 2017

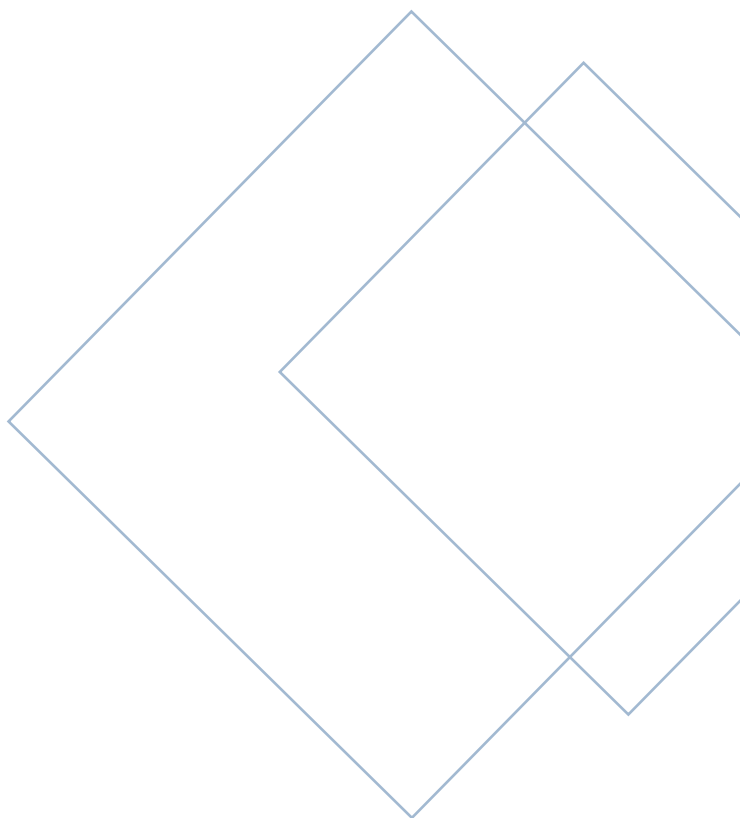
17 a 19/04

SEMANA DE LUTA PELA TERRA E PRÁTICAS DE SABERES ÍNDIGENAS.

A realização do evento foi fruto da integração de três projetos da UFRN: O Plano de Cultura (Programas Chão de Saberes, Cultura e Memória e Cine UFRN), o Laboratório de Estudos Rurais e o III Ciclo de estudos em Etnologia Indígena. O objetivo da ação foi através dos debates, rodas de conversa, exibição de vídeos, exposição de fotografias, apresentações musicais e poéticas a sensibilização da comunidade acadêmica da UFRN para com o reconhecimento e valorização da cultura indígena do estado.

No planejamento anual do programa Chão de Saberes, foi proposta a realização de uma ação cultural que promovesse a valorização da cultura indígena do nosso estado. Durante o planejamento dessa ação entramos em contato com os professores de antropologia da UFRN para compor uma mesa redonda após a exibição de filme etnográfico. Os professores Glebson e Rita de Cássia propuseram a integração das ações do plano de cultura com III Ciclo de Estudos em Etnologia Indígena, por eles organizado.

Por volta de 260 pessoas participaram do evento



24 a 27/04/2017

SEMANA DA DANÇA UFRN 2017

A Semana de Dança da UFRN inseriu-se no Programa SigaArte na UFRN, com vistas a realizar, sistematizar e/ou apoiar ações de dança promovidas pela UFRN e que juntas puderam compor uma semana de atividades alusiva ao dia internacional da dança, de modo a oportunizar espaços de estudos e vivências em dança, bem como ampliar o acesso da comunidade acadêmica à referida arte. A programação foi composta pela participação de docentes e estudantes de dança da UFRN, bem como por professora convidada dos Estados Unidos.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7347>



24/04 Segunda-feira 15h
Jam Session aberta ao público, dentro da programação da residência artística Improcesso 3, coordenada pela professora Patrícia Leal - DEART - Sala B

25/04 Terça-feira 12h
Apresentações artísticas de dança no hall do Centro de Convivência em formato de intervenção.

16h
Oficina de Jazz e Blues com a professora Norte-americana Debi Irons / GDUFRN - DEART - Sala 1

26/04 Quarta-feira 17h
Gaya Dança Contemporânea - Recorte do trabalho em processo: Aquilo que (não) temos, Centro de Convivência

19h
PIRID: Cenas da dança na escola - DEART

19h40
Aula de danças brasileiras com Teodora Alves, Participação dos músicos Erli Araújo e Danúbio Gomes - Para alunos de Práticas Educativas em Danças Populares - DEART - Sala A

19h40
Exibição do documentário: Figuras da dança Edson Claro - São Paulo Cia de Dança - DEART

27/04 Quinta-feira 19h
Expodança V - Artista Carlos Sérgio Borges, Galeria Conviv&art/N&C/UFRN.



Logos at the bottom: UFRN, R&C, PROX, PLANO DE SUSTENTABILIDADE, Cultura, SigaArte, DEART, PRATICA DE DANCA, PRATICA DE DANCA, PRATICA DE DANCA.



30/06

DROPS #1: DIÁLOGOS

A Abertura do Drops #1: Diálogos aconteceu no dia 30 de Junho às 18h30 no Auditório da Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN) e contou com a projeção mapeada com VJ Lê Pantoja, exibição do documentário “A Queima Roupa” dirigido pela documentarista carioca Theresa Jessouroun seguida de um debate sobre segurança pública com representantes sociais do RN.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7552>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7446>



25/05 a 05/06

PROJETO “ARTES: NOVO HORIZONTE”

Trata-se de um Projeto de cunho social, artístico e cultural realizado pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) através da Pró-reitoria de extensão da UFRN (PROEXT), com apoio do Núcleo de Arte e Cultura (NAC, por meio do Plano de Cultura que viabilizou bolsas de extensão para os alunos-monitores), do Departamento de Artes e colaboração técnica da Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC/UFRN). O início do Projeto vincula-se ao desejo de transformação social e teve como objetivo principal envolver crianças da Comunidade Novo Horizonte em atividades de música, dança, teatro e artes visuais. O Projeto foi desenvolvido com cerca de 100 (cem) alunos da Escola Municipal Angélica de Almeida Moura, que vivem em situação de risco. Diante desse cenário, o mesmo contribuiu para a promoção de novos referenciais sócio-educativo-culturais, nova visão de mundo, mudanças de comportamento e de atitudes, impactando em escolhas mais acertadas e promissoras na trajetória de vida das crianças participantes.



28 a 30/06

SABERES ANCESTRAIS: DIÁLOGOS CORPORAIS

O Programa Chão de Saberes, juntamente com o CINE UFRN do Plano de Cultura da UFRN e o Departamento de Artes da UFRN realizou e convidou toda a comunidade acadêmica da UFRN e comunidade externa para participar do encontro “Saberes Ancestrais: Diálogos corporais”, um evento que integrou o II Encontro de Capoeira e Dança e o Ciclo de Estudos e Vivências com as Comunidades Quilombolas do RN.

A programação contemplou mostra de documentários realizados pela UFRN, Exposições artísticas e fotográficas, Demonstrações artísticas, Oficinas e Rodas de Conversa com grandes pesquisadores do Rio Grande do Norte e do Brasil, Roda de conversa com os representantes das comunidades quilombolas do RN, apresentações de teatro e danças populares, como a dança do Espontão e o espetáculo Saudades Z(é).

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7583>

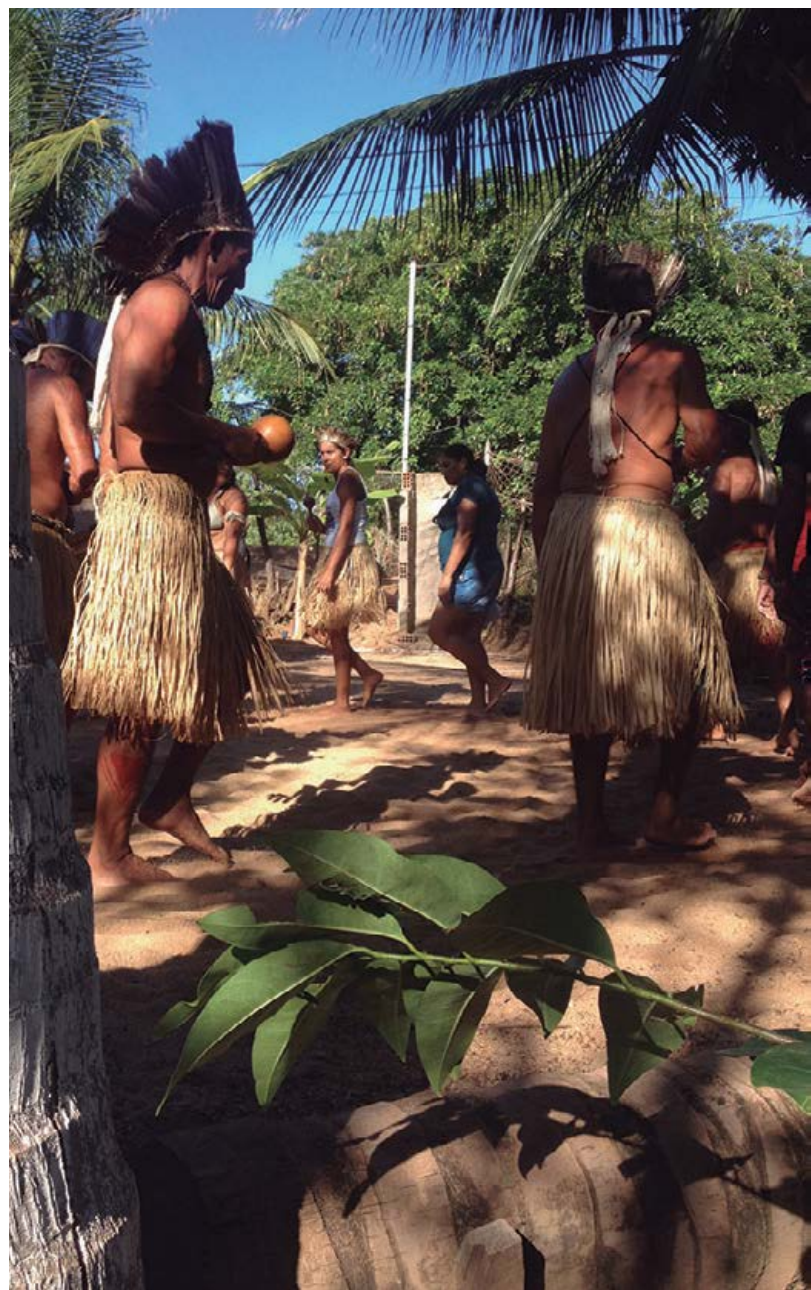


28 a 30/06

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA - ALDEIA POTIGUARA SAGI/TRABANDA

Os programas CINE UFRN, Chão de Saberes, Cultura e Memória do Plano de Cultura da UFRN em parceria com o Departamento de Antropologia da UFRN, realizaram ações para debater sobre a questão indígena e ainda foram exibidos no Centro de Convivência da UFRN a exposição fotográfica com os registros coletados na Aldeia Indígena Sagi/Trabanda, Baía Formosa/RN, coletados no dia 19 de abril de 2017.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7562>



AGOSTO 2017

01/08

CULTURA NO CENTRO

ESPETÁCULO “CHICO COBRA E LAZARINO” – GRUPO DE TEATRO EUREKA

Sobre o espetáculo e o Grupo Eureka:

O grupo Natalense de teatro Eureka foi criado em 12 de fevereiro de 2014 por estudantes do curso de teatro da UFRN. Esse espetáculo especificamente é uma adaptação da comédia de Racine Santos. A comédia, conta a história de dois personagens: o farmacêutico, Francisco Carneiro, um homem apaixonado por pastoril e pela literatura de cordel. Se sentido rejeitado, resolve se vingar de toda cidade de Coité. No seu ritual veste-se de cangaceiro, e com a ajuda de um chá alucinógeno da casca de jurema, vive os conflitos de sua memória, e o inconsciente de seus desejos, passando a se chamar de “Chico Cobra o perverso”. Mas, por ironia do destino, Lazarino, o vendedor de bodes e rezador, sai de casa atrasado, e se encontra com Chico Cobra na encruzilhada. A partir desse encontro, os planos dos dois não serão mais os mesmos. Misto de aventura e comédia, o diálogo entre os dois provoca reflexões sobre o papel do homem no mundo, e nos faz questionar a que banda realmente pertencemos.

O projeto Chico Cobra e Lazarino é fruto de uma parceria com o Grupo Popular de Teatro da UFRN – GPT

16h30 – Centro de Biociências da UFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7740>



AGOSTO 2017

04/08

CULTURA NO CENTRO

Durante o mês de agosto o Núcleo de Arte e Cultura (NAC), através do Plano de Cultura da UFRN e seus Programas Chão de Saberes e SigaArte na UFRN, realizou a ação de extensão CULTURA NO CENTRO. Realizou uma série de intervenções artístico-culturais em diversos locais da UFRN. O objetivo da ação foi disseminar saberes artísticos e tradicionais em suas diversas formas de expressão no ambiente da Universidade. A primeira ação foi realizada sexta-feira (04/08/2017) no Núcleo de Ensino Infantil (NEI), no período da manhã e da tarde com os Mamulengueiros Manoel e Gabriel Amaral. As outras ações foram atualizadas semanalmente no site www.nac.ufrn.br e no perfil <https://www.facebook.com/nacufrnoficial/#>. A ação CULTURA NO CENTRO foi finalizada no dia 30/08/2017 (quarta feira) com um cortejo cultural iniciado no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, percorrendo caminhos da UFRN e culminando no Centro de Tecnologia.

Emanoel Amaral e seu filho Gabriel Amaral são sócios fundadores da Associação Potiguar de Teatro de Bonecos – APOTB. Emanoel, 65 anos, natalense, trabalha nesta arte popular desde os 36 anos e foi um dos ganhadores do Prêmio Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo (Edição 2015) promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

O mestre Emanoel e Gabriel têm realizado inúmeras oficinas e shows por todo o Rio Grande do Norte, levando alegria para as crianças, divulgando e criando multiplicadores desta forma lúdica de arte popular, atualmente tombada como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN.

Emanoel considera seu filho Gabriel e sua filha Luciana os continuadores da sua brincadeira.

10h – Ator Emanuel e Gabriel Amaral

16h – Ator Emanuel e Gabriel Amaral

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7632>

AGOSTO 2017

11/08

CULTURA NO CENTRO

O Programa Chão de Saberes e SigaArte do Plano de Cultura da UFRN, sob a direção do NAC, realizou a programação cultural de agosto com o projeto Cultura no Centro, cujo objetivo é circular apresentações e oficinas de linguagens da cultura popular do estado nos diferentes centros acadêmicos da UFRN.

Na sexta-feira dia 11 de agosto, a UFRN contou com apresentações do artista Edísio Calixto.

Edísio é poeta, violeiro e compositor. Definido como um dos baluartes da cantoria no estado e, com sua viola, sua voz e sua inteligência criativa, tem contribuído para a arte da poesia repentista mantenha-se viva como um das grandes manifestações culturais do Nordeste brasileiro.

14h40 às 15h – Reitoria

16h30 às 16h50 – ECT

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7661>



14/08 a 04/12

CURSO DE ACESSIBILIDADE EM MUSEUS

Como parte do Programa de Acessibilidade Cultural do Plano de Cultura da UFRN, o Núcleo de Arte e Cultura (NAC), em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), promoveu, no período de 14 de agosto a 04 de dezembro, o Curso de Acessibilidade em Museus, coordenado pelo Prof. Jefferson Fernandes (Centro de Educação/UFRN), pela Profa. Elizabeth Romani (Departamento de Artes/UFRN) e pela Profa. Flávia Roldan (Centro de Educação/UFRN).

O curso teve como objetivo abordar a acessibilidade cultural em museus como forma de inserção desta temática nestas instituições, bem como nas dos convidados externos; e também qualificar servidores, estudantes e professores que atuam na área de museus, no tocante à acessibilidade cultural.

Dividido em dois módulos, o curso contou com as participações de especialistas da área, como a Prof^a Miryam Pelosi e a Prof^a Vera Lúcia Vieira, do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o Prof^o Rafael Emil, do CERES-Currais Novos (UFRN); a educadora e psicóloga Daina Leyton, Coordenadora do Setor Educativo do Museu de Arte Moderna (MAM-SP); o Prof^o Eduardo Cardoso, que coordena o Núcleo Interdisciplinar Pró-Cultura Acessível da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e a Prof^a Kemi Oshiro, da UFRGS.

Neste primeiro momento, as 35 vagas disponibilizadas para os cursos foram dirigidas aos museus e aos setores que atuam diretamente no campo da acessibilidade.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7694>

16/08

CULTURA NO CENTRO

O poeta popular Paulo Varela participou da ação Cultura no Centro. Ele é natural do Assu (RN), considerado um dos melhores poetas matutos do Nordeste. Já se apresentou no Programa do Jô, na TV Globo, bem como é convidado para palestras e conferências sobre a sua poesia genuinamente matuta.

Mariano da Silva mais conhecido como Pepê, integrante do Bando Baião de Nós. Pepê é um exemplo de músico potiguar com bastante talento e força de vontade, que na maioria das vezes não encontra espaço para realizar seu espetáculo e mostrar para o mundo, o quanto é belo cantar e ser feliz.

08h40 – Setor 2

10h35 – CCET – Departamento de Geologia

14h40 – DSC e DNUT (Mariano da Silva e Paulo Varela)

16h30 – IMD/UFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7678>



18/08

CULTURA NO CENTRO

A Cia de Dança Vi-vemos, originada em 2013 e sob a direção artística do professor Bruno Fernandes, apresentou recortes do espetáculo Vi-vemos 4 anos de amor, com coreografias diversas nos estilos Clássico e contemporâneo.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7632>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7656>



23/08

CULTURA NO CENTRO

A intervenção Serestas e Serenatas, foi realizada pelas professoras Elke Riedel e Socorro Evangelista, o evento incorporou a criatividade e competência artística e técnica de violonistas, acordeonistas, bandolinistas, profissionais de percussão e canto da Escola de Música da Universidade (EMUFRN).

Serestas e Serenatas se presta à preservar o patrimônio cultural e sentimental do Rio Grande do Norte e tem por finalidade reunir amigos, amantes da música e das artes em torno do prazer estético e da alegria.

16h30 - Centro de Educação

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7700>



30/08

CULTURA NO CENTRO - CORTEJO CULTURAL

Os grupos que integraram o cortejo: Zamberacatu, Folia de Rua, Resistência da Lata, Congos de Calçola e Banda da Escola Agrícola de Jundiá

O cortejo iniciou as 16h30 do dia 30 de agosto/2017, o ponto de partida foi o CCSA, passou pelo Centro de convivência e terminou na Escola de Ciência e Tecnologia (C&T).

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7763>



SETEMBRO 2017

13 a 15/09

FESTIVAL GOIAMUM AUDIOVISUAL APRESENTA DROPS#02 – DIVERSIDADE

O Labcom recebeu parte da programação do Drops#02 do Festival Goiamum Audiovisual com o tema “diversidade”, um evento com foco na produção audiovisual voltada para a diversidade sexual. Visando fomentar e difundir o segmento audiovisual através do tripé exibição, formação, diálogos sobre políticas públicas e outros assuntos, o Goiamum trouxe de Fortaleza/CE, a Mostra Itinerante For Rainbow, o Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual. O Goiamum Audiovisual Drops#02 – Diversidade acontece de 13 a 15 de setembro no Labcom e no espaço Aboca Cultural com mostras, debates, palestras, laboratório, oficina, ensaio fotográfico e festa de encerramento. A Mostra Itinerante For Rainbow será exibida dentro da programação do Drops#02 – Diversidade no dia 14 de setembro a partir das 14h, no auditório do Labcom no Campus Central da UFRN, seguida de debates junto a representações locais importantes e artistas. A entrada é gratuita, possui classificação indicativa de 14 anos e visa gerar um saldo positivo, não apenas para o público LGBT, mas, para a sociedade em geral que precisa aceitar, respeitar e falar sobre esses temas. Mais uma vez o Goiamum Audiovisual através das suas edições especiais nomeadas de Drops coloca o cinema como ferramenta social importantíssima que dá o ponto de partida para todas as reflexões.

16H40 – Praça do Setor IV (próxima à parada do C&T).

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7783>



Foto: Página Virtual, Goiamum Audiovisual, 2017.

20/09

SARAU RAÍZES POÉTICAS

O SARAU RAÍZES POÉTICAS, viabilizado pelo Plano de Cultura da UFRN, dentro dos Programas SigaArte e Chão de Saberes, o NAC UFRN convidou a todos para participar deste momento de troca de saberes. O objetivo do Evento foi promover a integração entre todos os componentes da Comunidade Acadêmica, através da partilha de varias linguagens artísticas. O sarau em si é um espaço onde artista e público mantem uma simbiose, uma troca, pois todos tem direito à participação, seja como ouvinte ou como público-interventor. A temática deste Sarau são as nossas Raízes, por essa palavra desejamos despertar o desejo de partilhar obras sobre a origem, ancestralidade, infância, cultura popular, referências e identidade. Venham, participem, tragam suas memórias. Poetas/artistas que estaram presentes: Abner Souza Ana Mendes Ayrton Alves Gêê Costa Karol Alves Mariana Azevedo Pablo Costa Thiago Felix + as parcerias com EMUFRN; CANECA e Residência

16H40 – Praça do Setor IV (próxima à parada do C&T).





27 a 30/09

IX REUNIÃO CIENTÍFICA DA ABRACE

Entre os dias 27 e 30/09 a UFRN sediou a IX Reunião científica da Associação Brasileira de Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), com a temática “As artes cênicas e o diálogo com o mundo” esta reunião científica contou com palestras, apresentações e debates acerca da configuração do Congresso da ABRACE (realizado no ano posterior). Nesta ocasião o NAC/UFRN, por meio do Plano de Cultura e pelo fato de entender que o evento era um mobilizador de pesquisadores do fazer artístico nas artes cênicas apoiou o evento e auxiliou na sua organização.

<https://drive.google.com/file/d/0B7MRp-J7t7iUUEJBanVnOHFPOEU/view>



OUTUBRO 2017

07/10

SIGAARTE NA PRAÇA

O SigaArte na Praça ocupou o espaço da Praça Cívica do Campus, entendendo que se trata de um espaço cultural com bom acesso e capacidade de receber a comunidade externa. Na ocasião houve a apresentação do Grupo musical Azeituna, vindo da Universidade do Minho (Braga/Portugal); Grupo Imburana de danças populares brasileiras (UFPB); Coletivo teatral Du'Velhomoço(RJ), com o espetáculo Querencia quer ver o mar; Apresentação musical do artista Savio de Luna & Band, com repertório de Elvis Presley; Intervenção do Palhaço Fino (Tropa Trupe) para toda a criançada; Sarau Raizes Poéticas; Galeria do Povo, como espaço expositivo e de criação artística para o público e, concomitantemente, haverá Feira de artesanato e espaço destinado à alimentação.

07 de outubro de 2017, das 15h as 19h30

Local: Anfiteatro do Campus da UFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7856>

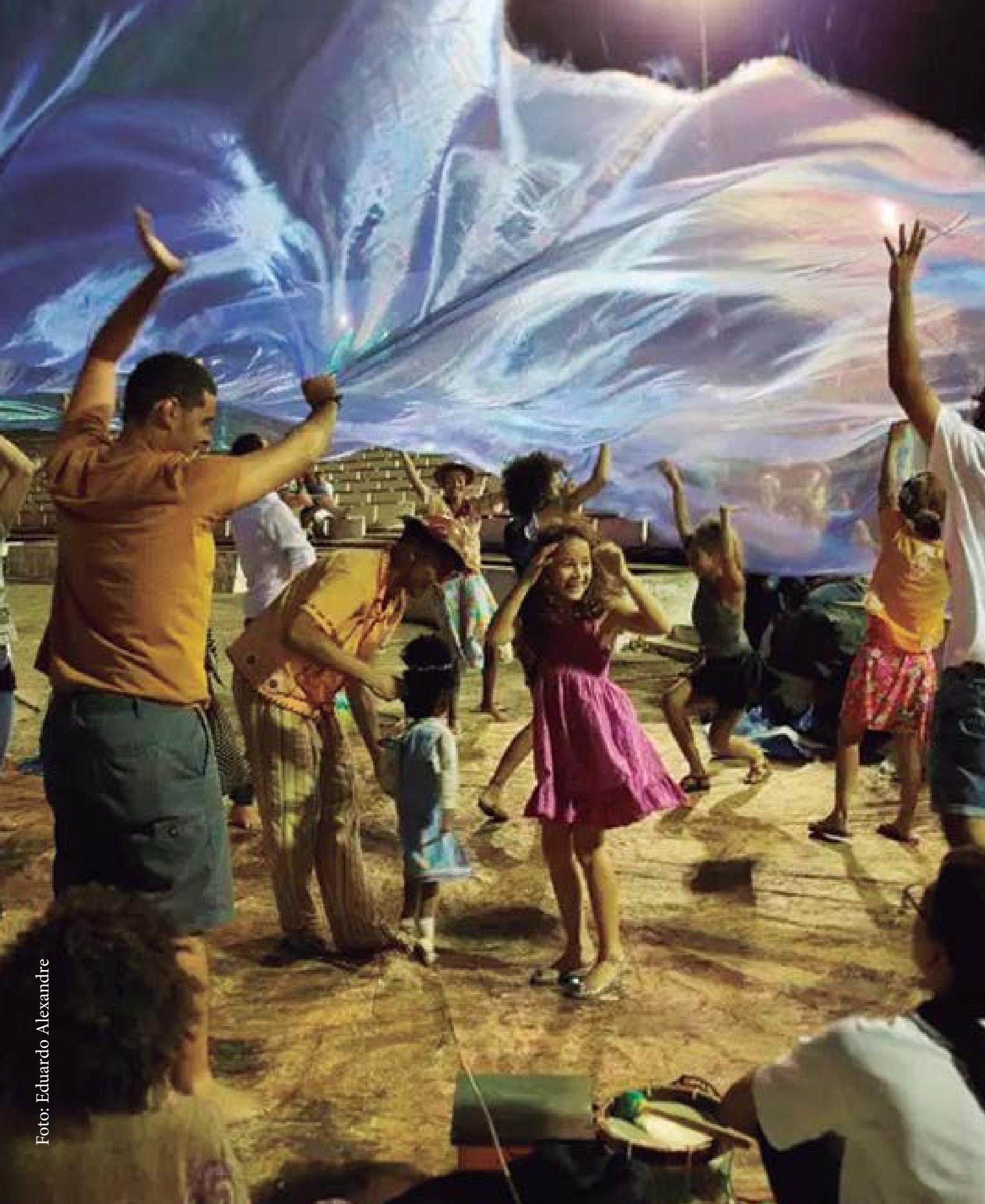


Foto: Eduardo Alexandre

OUTUBRO 2017

25 a 27/10

CIENTEC CULTURAL

Em 2017, a CIENTEC em sua XXIII edição apresentou o tema “Equações criativas, soluções para a vida”, propondo refletir sobre novos caminhos e novas possibilidades para a construção de uma vida plena e integrada a todas as esferas da existência.

Diariamente nos deparamos com problemas que exigem equações criativas para serem solucionados. Ser criativo e inovador nos impulsiona a interagir com todas as áreas do conhecimento, estabelecendo conexões na procura de respostas para novos e antigos dilemas.

Nessa rede de conexões, podemos dividir responsabilidades, somar esforços e multiplicar soluções para transformar a realidade local, nacional e mundial, pensando e vivendo a humanidade e a natureza, de maneira individual e coletiva.

O Plano de Cultura da UFRN apoiou a programação cultural, possibilitando apresentações de artistas regionais e locais.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7882>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7591>



NOVEMBRO 2017

29 e 30/11

VI SEMINÁRIO DE ARTE E CULTURA DA UFRN

Desde o ano de 2011 a UFRN vem realizando o Seminário de Arte e Cultura com a finalidade de discutir temas relacionados à cultura, produção cultural, gestão e políticas culturais no âmbito da UFRN. Ao longo deste tempo o evento vem amadurecendo e após ser implementado o Plano de Cultura da UFRN (em 2016) a instituição absorveu uma responsabilidade maior no que tange às políticas públicas nessa área.

Em 2017 o Seminário ocorreu em tempo que completava o biênio 2016/2017 do Plano de Cultura da UFRN e portanto, o evento se dedicou não somente às discussões pertinentes aos assuntos relacionados à produção e gestão de cultura, mas também a discutir os desafios que outras Universidades tinham diante do panorama político cultural brasileiro. Para coordenação do evento foi de grande importância avaliar os resultados do Plano de Cultura da UFRN alinhado às ações que outras Instituições de Ensino superior desenvolveram neste biênio.

O VI Seminário de Arte e Cultura ocorreu do dia 29 a 30 de novembro do corrente ano e teve como tema Pluriversos Culturais: A potencialidade da arte e da cultura como política de desenvolvimento acadêmico-social.



29 e 30/11

1º FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO UNIVERSITÁRIO DA UFRN

O 1º Festival Nacional de Teatro Universitário da UFRN buscou promover um intercâmbio cultural e estético com produções artísticas de grupos vinculados a Instituições de Ensino de Teatro, Cursos de Graduação, Cursos Técnicos e Escolas Livres de Teatro a fim de fortalecer o debate entre os modos de fazer e de fruir das artes cênicas. O Festival reuniu grupos de todas as partes do país a fim de colocar em evidência as produções decorrentes de investigações e pesquisas no campo da atuação, da encenação, da dramaturgia, da cenografia e demais componentes da criação cênica. Ao longo do Festival, os grupos selecionados interagiram e participaram de debates e workshops com professores e artistas convidados, dando vazão às discussões sobre a práxis e sobre diversas abordagens pedagógicas do fazer teatral contemporâneo.

Ressalta-se ainda que o Festival, pensado no contexto do Programa Circuito Cultural Universitário/Plano de Cultura da UFRN/NAC/PROEX/MinC/MEC, contribuiu com a circulação da produção artística e cultural das universidades e da comunidade externa, de modo a incluir, respeitar e fortalecer a diversidade cultural local, regional e brasileira e, oportunizando o acesso aos direitos culturais pelo conjunto da população acadêmica e externa a partir das potencialidades da cultura como eixo transversal do desenvolvimento social e econômico sustentável do Rio Grande do Norte.





PROGRAMAÇÃO

12/12

19h – Abertura Oficial

20h – COLÓQUIO SENTIMENTAL - UFMG (CCAD)

22h – MOSTRA EXPERIMENTOS – SEBASTIAN – UFRGS (SALÃO)

13/12

09h – OFICINA “O Som em cena” – Ministrantes: Aglailson França e Emanuel Bonequeiro (Sala de Ensaios do CCAD)

15h – ANÁLISE de “COLÓQUIO SENTIMENTAL” (Analistas: Sávio Araújo e Eliane Lisboa) e “SEBASTIAN” (Analistas: Naira Ciotti e Fernando Villar) – (Sala de Ensaios do CCAD)

19h – WHAT THE FUCK IS DIZ? – UNESPAR – FAP (SALÃO)

21h – BIRD – UFRJ (CCAD)

14/12

09h – RODA DE CONVERSA COM SÁVIO ARAÚJO (UFRN) E ELIANE LISBOA (UFCG) – (Sala de Ensaios do CCAD)

15h – ANÁLISE de “WHAT THE FUCK IS DIZ?” (Analistas: André Carrico e Verônica Fabrini) e “BIRD” (Analistas: Naira Ciotti e Eliane Lisboa) – (Sala de Ensaios do CCAD)

19h – SORAIA QUEIMADA, FILHA DA VIOLÊNCIA - UFRN (SALÃO)

21h – O BEBÊ DE TARLATANA ROSA - UNICAMP (CCAD)

15/12

09h – RODA DE CONVERSA COM ANDRÉ CARRICO (UFRN) E VERÔNICA FABRINI (UNICAMP) – (Sala de Ensaios do CCAD)

15h – ANÁLISE de “SORAIA QUEIMADA, FILHA DA VIOLÊNCIA” (Analistas: Naira Ciotti e Verônica Fabrini) e “O BEBÊ DE TARLATANA ROSA” (Analistas: Sávio Araújo e Fernando Villar) – (Sala de Ensaios do CCAD)

17h – NO MUNDO DA RUA – UFPB (TERREIRO DAS ARTES – EM FRENTE AO CCAD)

19h – A MENINA DE LÁ – UESB (CCAD)

21h – MOSTRA EXPERIMENTOS – A ROUPA QUE VESTE O HOMEM – UNIFAP (SALÃO)

22h – MOSTRA EXPERIMENTOS – REMEMORANDO – UFRN (SALÃO)

16/12

09h – RODA DE CONVERSA COM NAIRA CIOTTI (UFRN) E FERNANDO VILLAR (UnB) – (Sala de Ensaios do CCAD)

14h – ANÁLISE de “NO MUNDO DA RUA” (Analistas: André Carrico e Fernando Villar), “A MENINA DE LÁ” (Analistas: André Carrico e Eliane Lisboa), “A ROUPA QUE VESTE O HOMEM” (Analistas: Sávio Araújo e Verônica Fabrini) e “REMEMORANDO” (Analistas: Naira Ciotti e Eliane Lisboa) – (Sala de Ensaios do CCAD)

17h – CLOWN BAR – UFPB (CCAD)

19h – MOSTRA UFRN/NAC – GOSTO DE FLOR (SALÃO)

21h – MOSTRA UFRN/NAC – P’s (CCAD)

22h – ANÁLISE DE “CLOWN BAR” (André Carrico e Eliane Lisboa), “GOSTO DE FLOR” (Analistas: Naira Ciotti e Fernando Villar) e “P’s” (Analistas: Sávio Araújo e Verônica Fabrini) – (Sala de Ensaios do CCAD)

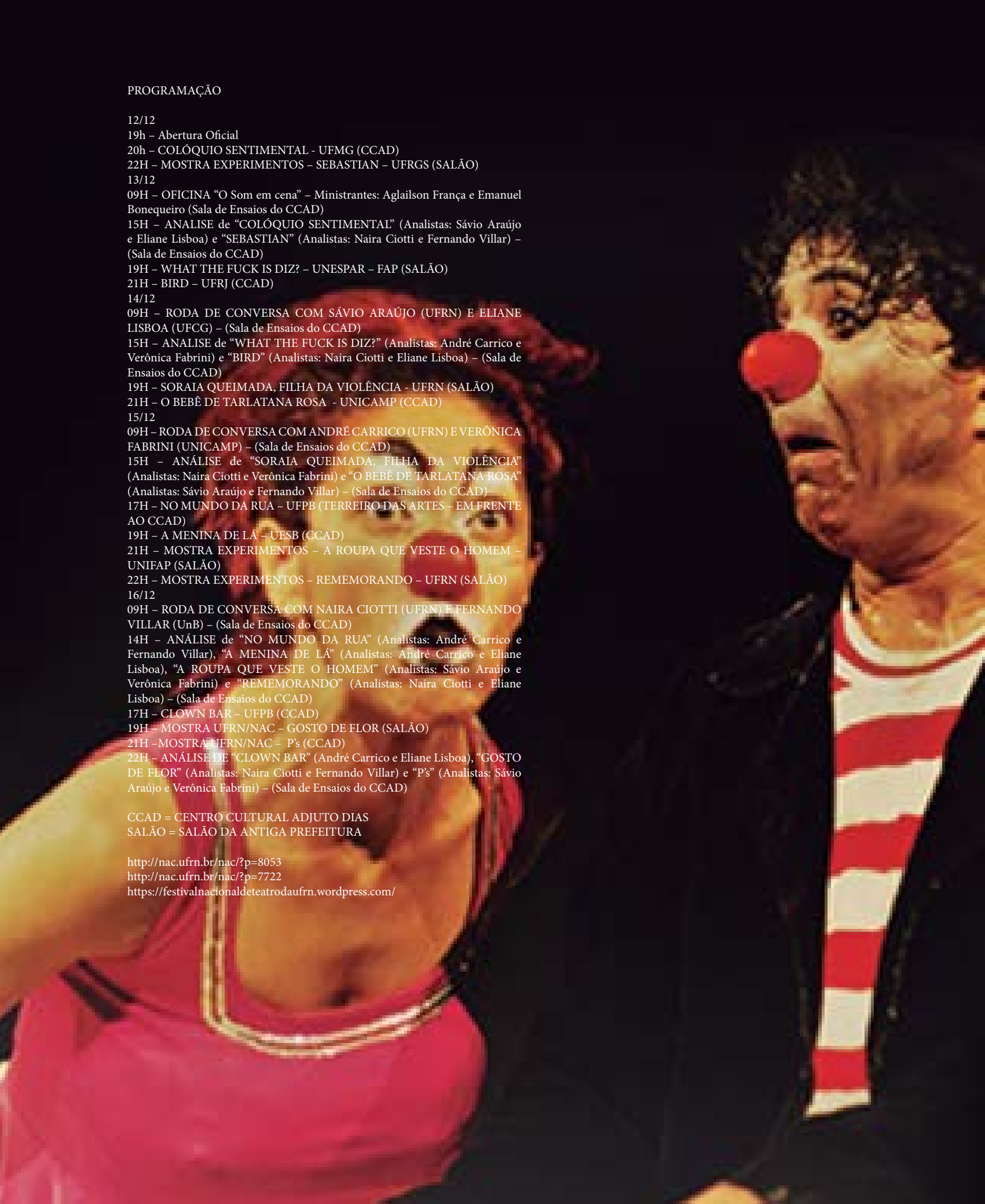
CCAD = CENTRO CULTURAL ADJUTO DIAS

SALÃO = SALÃO DA ANTIGA PREFEITURA

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8053>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=7722>

<https://festivalnacionaldeteatrodaufn.wordpress.com/>



218

MARÇO 2018

14/03

CHÃO DE SABERES EM PROSA E POESIA COM O POETA JOÃO GOMES SOBRINHO (XEXÉU)

João Gomes Sobrinho (Xexéu), poeta cordelista, nasceu em 13 de maio de 1938, no Sítio Lajes, Município de Santo Antônio do Salto da Onça-RN. Filho de Elizeu Gomes de Carvalho e Genuína Gomes de Carvalho. Botaram o apelido de Xexéu quando ainda era criança, pois cantava todos os versos que ouvia, e como cantava muito bem o chamaram por esse apelido que é um pássaro muito cantador aqui no Nordeste. Desde sua adolescência ouvia grandes cantadores que o influenciaram através da poesia cantada ao som da viola. E assim começou a escrever e recitar versos, tendo dividido saraus sertânicos com Patativa do Assaré, Elizeu Ventania, Antônio Dias, Chico Traíra, entre outros poetas consagrados.

Pertence a Academia Norte-rio-grandense de Literatura de Cordel (ANLiC), onde ocupa a cadeira de nº 30, cujo patrono é o poeta Luiz de Souza da Costa Pinheiro.

Fonte: Livro: O cordel da nossa gente

O programa Chão de Saberes (vinculado ao Plano de Cultura da UFRN) e a TVU foram até o município de Santo Antônio-RN prestigiar o Poeta João Gomes Sobrinho, o Xexéu, no dia 14 de março – Dia da Poesia – Essa ação gerou o programa Tela Rural que circulou nacionalmente na TV Brasil.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8219>

ABRIL 2018

05/04

MOSTRA TRINCA AUDIOVISUAL

A Mostra Trinca Audiovisual promoveu exposições de curtas-metragens potiguares em Natal.

Esta ação foi uma parceria do projeto Trinca Audiovisual com o Núcleo de Arte e Cultura da UFRN – NAC e Plano de Cultura da UFRN, dentro dos programas SigaArte na UFRN e Cine UFRN.

Este projeto recebeu o patrocínio da Cosern – Grupo Neoenergia, através da Lei Câmara Cascudo do Governo do RN, e apoio da Prefeitura do Natal.

Anfiteatro da UFRN | Quinta-feira (5/04)

- * Verde Limão | fic, 17'45, dir. Henrique Arruda
- * Memórias Roubadas | doc, 10'35, dir. Marcelo Buainain
- * Nada foi em vão | doc, 12'42, dir. Sihan Félix
- * Aos Dias de Luta | videoarte, 1', dir. Rita Machado
- * Valsa dos Rumos | exp, 1'07, dir. Fabio Leal
- * Contemplar | exp, 1'28, dir. Dynho Silva

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8255>



ABRIL 2018

05/04

HARMONIAS SONORAS NO TRABALHO NO DAS

Ocorreu no dia 25 de abril de 2018 na Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor (DAS) às 10h30. A apresentação foi um dueto de cordas composto por Larissa Campos (violoncelo) e Marcos Moura (violino).



14/04

BIG BAND JERIMUM JAZZ E PARTICIPAÇÃO DO GDUFRN E ART MOVES – EUA

Ação desenvolvida no eixo SigaArte na UFRN que promove ações culturais de diversas linguagens no âmbito da UFRN. Nesta ocasião foi realizada uma parceria entre o Grupo de Dança da UFRN e a Big Band Jerimum Jazz, no dia 14/04 às 17:30, no centro de convivência, para apresentação de um experimento de dança com música ao vivo.

**BIG BAND
JERIMUM JAZZ**

GDUFRN
GRUPO DE DANÇA DA UFRN

ART MOVES/EUA

SEGUNDA-FEIRA
14 - MAIO - 2018 **17H30**
CENTRO DE CONVIVÊNCIA DA UFRN

UFRN DEART GDUFRN SigaArte na UFRN m+c

28/04

HARMONIAS SONORAS NO TRABALHO NA REUNIÃO DO COMITÊ GESTOR DE QUALIDADE DE VIDA

Ocorreu no dia 25 de abril de 2018 na Diretoria de Desenvolvimento de Pessoas (DDP) às 9h. A apresentação foi um dueto de cordas composto por Larissa Campos (violoncelo) e Marcos Moura (violino).



28/04

SIGA ARTE NA PRAÇA

No SigaArte na Praça, o referido Programa promoveu ações também direcionadas ao público externo com objetivo de ocupar o espaço da Praça Cívica do Campus, entendendo que se trata de um espaço cultural com bom acesso e capacidade de receber a comunidade externa.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8255>



18/05

HARMONIAS SONORAS NO NEPSA

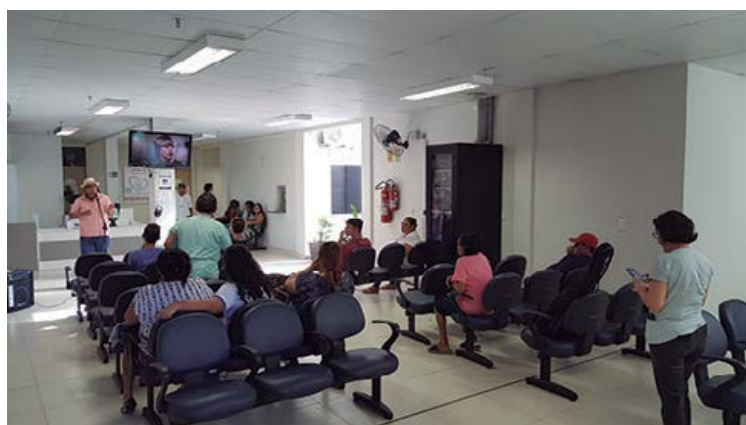
A ação ocorreu no dia 18 de maio de 2018, às 11 horas no auditório do Nepsa 1 como parte da programação do 23º Seminário de Pesquisa do CCSA. A apresentação foi um quarteto de cordas composto por Débora Larp (violino), Larissa Campos (violoncelo), Luana Pereira (viola) e Marcos Moura (violino).



29/05

POETA ZÉ MARTINS NA DAS

Ocorreu no dia 29 de maio de 2018 na Diretoria de Atenção à Saúde do Servidor (DAS) às 15h. A ação teve a apresentação do poeta e violeiro Zé Martins que contou algumas de suas histórias e recitou suas poesias.



21/06

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA AOS 60 ANOS DA UFRN – A / R / T – TODO TEMPO E PUBLICAÇÃO DE UM CATÁLOGO SOBRE A EXPOSIÇÃO.

A / R / T todo tempo
UFRN 60 ANOS

Já pelo final dos anos setenta do século passado, a UFRN começava a prover a sociedade com artistas/pesquisadores/professores de arte, a princípio para atender a demanda de professores criada pela inserção sistematizada da arte nas escolas. Com isto, o então Curso de Licenciatura em Educação Artística – CLEA também lançava para a comunidade externa artistas e pesquisadores. A partir de 2006, o novo Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CLAV, surgido como o híbrido das habilitações em Artes Plásticas e Desenho do CLEA, continuou este fluxo e, hoje, muitos dos egressos destes cursos ocupam espaços escolares, espaços de gestão cultural e toda sorte de espaços para os artistas visuais. Nesta exposição, que comemora os seus 60 anos de fundação, a UFRN traz ao seu âmbito uma amostra dos artistas que nela se formaram e hoje fazem parte do universo das artes no nosso estado, pelo Brasil e pelo mundo a fora.

Partindo de listagens oficiais e mnemônicas, uma equipe curatorial, formada pelos professores Vicente Vitoriano Marques Carvalho e Artur Luiz de Souza Maciel e pela servidora Elidete Alencar de Sousa, operou uma seleção de artistas que teve como principal critério o fato dos mesmos serem egressos dos Cursos citados. Alguns percalços como a disponibilidade de espaço expositivo, a dificuldade de contato com os artistas, entre outros, levaram a uma amostra de 34 artistas que está longe de completar um panorama mais amplo, na qual, evidentemente, pode-se reclamar por muitas presenças, todas importantes. No entanto, têm-se como amostra artistas provenientes de desde as primeiras turmas formadas pelo CLEA às mais atuais, formadas pelo CLAV.

As obras em exposição foram escolhidas pelos próprios artistas, com um escrutínio pouco profundo feito pela curadoria, pois desejou-se que a participação dos artistas fosse efetiva, desde o começo do processo. Como resultado, a exposição compõe-se de obras de diversas naturezas estéticas e artísticas, das mais tradicionais àquelas mais contemporâneas, para evidenciar o papel formador da UFRN e, claro, o valor incontestável das ações de seus artistas egressos nos últimos quarenta anos de sua evolução.

Vicente Vitoriano
Professor do DEART – UFRN

Abertura: 21 de junho, às 19h.
Galeria Conviv'Art – NAC/UFRN

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8408>

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8255>



JUNHO 2018

06/07

HARMONIAS SONORAS NO TRABALHO NA BCZM

Ocorreu no dia 06 de junho de 2018 na Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) às 10h30. A apresentação foi um quarteto de cordas composto por Débora Larp (violino), Larissa Campos (violoncelo), Miliene Souza (viola) e Marcos Moura (violino).



JUNHO 2018

06/07

HARMONIAS SONORAS NO TRABALHO NO CCHLA

Ocorreu no dia 06 de junho de 2018 na Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) às 11h. A apresentação foi um quarteto de cordas composto por Débora Larp (violino), Larissa Campos (violoncelo), Miliene Souza (viola) e Marcos Moura (violino).



AGOSTO 2018

23 e 24/08

CARAVANA UFRN 60 ANOS

Os Centros de Ensino Superior do Seridó (CERES) de Caicó e Currais Novos, e a Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (Facisa) de Santa Cruz, receberam na quinta e sexta-feira, 23 e 24, a Caravana dos 60 Anos da UFRN. A caravana trouxe ao palco cordelistas locais que, alternadamente com apresentações culturais de alunos e da Banda Céu de Outono, deram o tom ainda mais seridoense aos eventos. Essa ação contou com apoio do Plano de Cultura e o NAC.

<http://www.proex.ufrn.br/noticias/27672063>

23/8 – Santa Cruz/RN

TARDE

Exposição Fotográfica sobre a cidade

Acolhimento/mobilização – Tropa trupe (ou Facetas)

Apresentação do Jerimum Jazz – praça

Solenidade com a Reitora

Inauguração do Bloco 2, do Auditório e do Setor do Servidor.

Apresentação Cultural de Encerramento – Arte Viva.

24/8 – Caicó/RN

MANHÃ

Abertura poética na Cordelteca (Ceres) – poeta local + Rodrigo Bico

Apresentação do Jerimum Jazz – Auditório

Solenidade com a Reitora

Apresentação Cultural de Encerramento – Facetas + Rodrigo Bico.

24/8 – Currais Novos/RN

NOITE

Abertura poeta local + Rodrigo Bico – ver local

Apresentação do Jerimum Jazz – Auditório

Solenidade com a Reitora

Apresentação Cultural de Encerramento – Facetas + Rodrigo Bico.





AGOSTO 2018

27/08 a 07/12

CURSO – HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
CONSTRUINDO NARRATIVAS COM LEANDER
MOURA

O Curso de Histórias em Quadrinhos: Construa Narrativas foi um curso onde os alunos experimentam uma abordagem teórica e prática, compreendendo as histórias em quadrinhos e como produzi-las.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8534>

29/08 e 30/08

CURSO AUDIODESCRIÇÃO NO CINEMA
– A FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA DOS
ARTIFÍCIOS DO CINEMA POR MEIO DA
LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA
AUDIODESCRIÇÃO.

Curso Audiodescrição no Cinema – a formação de uma memória dos artifícios do cinema por meio da linguagem cinematográfica na audiodescrição. Ministrante: Bell Machado. Dia: 29/08/2018 – 19h e 30/08/2018 – 8h às 12h e 14h às 18h.

Local: Auditório do Centro de Educação.



29/08 e 30/08

CIENTEC CULTURAL - As apresentações ocorreram em diversos espaços da feira, tais como: Anfiteatro da UFRN, Escola de Música da UFRN, Vila da Cultura (Espaço Chão de Saberes e Palco da Diversidade).

28/06 - Quinta-feira
Programação do Anfiteatro

19h - Cerimônia de Boas Vindas
19h30 - Grupo de Dança da UFRN
20h - Orquestra Sinfônica da UFRN e Madrigal da UFRN

Palco da Diversidade
14h30 - Harmonias Sonoras
15h30 - Performance plástica-cênica
17h - Fuxico de Feira

29/06 - Sexta-feira
19h - Gaya Dança Contemporânea
19h20 - GRUDUM - UERN
19h45 - Banda Alfândega
21h - Nordestinamente - Nara Costa e Orquestra Sinfônica Potiguar

Palco da Diversidade - 8h às 12h
Abertura / Atividade Cultural: Carlos Zens

> Política Nacional do Livro e a Leitura: Senadora Fátima Bezerra.

> O FLEB/RN na afirmação do Livro e da Leitura, como instrumento de exercício da cidadania: professora Maria do Carmo e Escritor Aluísio Azevedo
> Narrativas de leituras e escritas Potiguar: Profa. Dra. Maria da Penha Casado (UFRN)
> Encerramento da manhã - Zé Martins - Poesia cantada

14h às 18h
Nas trilhas de uma Narrativa - Realidade e perspectiva: Escritor Eduardo Gossion (UBE)
> Vivências escolares - Lugares de leitores: Profa. Esp. Carla Alves (SEEC/RN), Marcela Souza, Estudante de Letras/UFRN e Prof. Ms. Poeta; Joelson Araújo
> O Livro, uma porta aberta para o mundo/ Novos Rumos na Execução Penal: Guiomar Veras

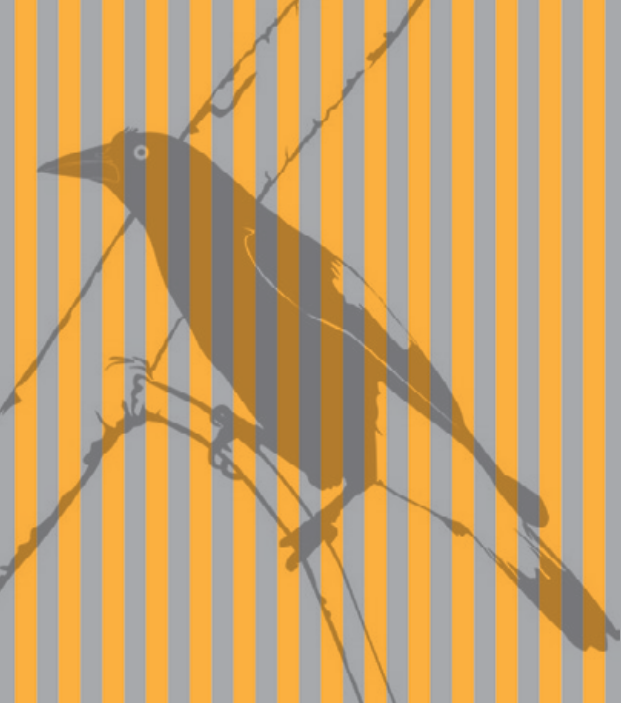
Encerramento com o Trio Forró Mirim

30/06 - Sábado
Anfiteatro da UFRN

19h - Entre Nós (Coletivo de Criação)
19h20 - Projeto Harmonias Sonoras
19h45 - Sueldo Soares
21h - Tropa Trupe (I want to break free)
21h15 - Plutão Já Foi Planeta

Palco da Diversidade
16h - Coco Juremado RN e as flexas
17h - Zé Martins e banda
17h40 - Banda da Escola Agrícola de Jundiá
18h - Banda Reconvexo





2019

MARÇO 2019

29/08 e 30/08

CANTOS DA MANHÃ: EVENTO ALUSIVO AO DIA DA POESIA

O evento, alusivo ao dia da poesia (14 de março), correspondeu ao lançamento do livro “Cantos da Manhã, do poeta potiguar João Gomes Sobrinho (Xexéu), ocorrido na cidade de Santo Antônio/RN (popularmente conhecida como Santo Antônio do Salto da Onça) e contou com uma fala do poeta que também é considerado patrimônio vivo, pela lei do Patrimônio Vivo do RN/2007, a qual incentiva os mestres da cultura popular do RN através de uma bolsa mensal. Na ocasião houve apresentações culturais também de outros poetas do RN.

O evento corresponde ainda a abertura de uma exposição de arte-correio de alunos de uma escola pública do município de Patu, na Galeria Convi'Art do NAC/UFRN, também alusiva ao dia da poesia, as 9h do dia 14.03

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8779>

PROGRAMAÇÃO

MANHÃ

Abertura da exposição Coletiva de Arte/Correio sob a ótica dos alunos do Projeto USINATIVA3 / Escola Estadual Dr. Xavier Fernandes – Patu/RN
Coordenador/Orientador: Ricardo Veriano
Local: Galeria Convi'Art/NAC/UFRN - Natal/RN
Abertura: 8h30 as 12h30

TARDE

Lançamento do livro “Cantos da manhã” de João Gomes Sobrinho (poeta Xexéu) - Patrimônio imaterial do RN

Local: Quadra Aristófanes Fernandes, Centro de Santo Antônio/RN

13h00 Saida do ônibus da UFRN para a cidade de Santo Antônio

15h00 - Abertura Cultural

15h30 - Mesa Institucional

16h - Fala do Poeta Xexéu

16h30 - Lançamento do livro

18h00 as 19h30 Apresentação de poetas do RN

20h - retorno a Natal.

<http://nac.ufrn.br/nac/?p=8779>





13/03

PROJETO HARMONIAS SONORAS

Apresentação na Biblioteca Central Zila Mamede/
UFRN em homenagem ao dia do Bibliotecário.

Músicos

Milene Souza – Viola
Edvânia Almeida – Violino 1
Larissa Campos – Violoncelo
Joyce Aldaisa – Violino 2

Repertório

Mourão – César Gerra-peixe
Clocko – Coldplay
I wana hold your hand – Beatles
Anunciação – Alceu Valença
Caçador de mim – Sérgio Magrão – Luís Carlos Sá

MANHÃ

Horário, 9h



11 a 17/03

CORPO, POÉTICA E ANCESTRALIDADE

De 11 a 16 de abril de 2019 em Porto Seguro/BA - UFSB

Objetivos alcançados com a ida do Arkétypos ao evento em Salvador, com apoio do Plano de Cultura/NAC/UFRN: Os alunos puderam se apresentar no evento e realizaram várias oficinas com mestres da cultura popular. Eles participaram também de palestras com pesquisadores renomados, realizaram vivências com os índios Pataxós e Tupinambás e assistiram apresentações artísticas. Tudo isso contribuiu para uma experiência formativa de caráter interdisciplinar e interinstitucional, envolvendo alunos da UFRN, UFSB, UFBA e UNICAMP.

Público: média de 300 participantes.



27/03

PROJETO HARMONIAS SONORAS

A FACISA/UFRN, recebeu o Projeto Harmonias Sonoras no Trabalho ação integrante do/SigaArte na UFRN/NAC em parceria com o Programa Qualidade de Vida no trabalho/Progesp/UFRN.

14:40 FACISA - (Hall da recepção da clinica integrada - Bloco 1)

15:15 HUAB (restaurante universitario)

Músicos

Edvânia Almeida – Violino 1

Joyce Aldaisa – Violino 2

Milene Souza – Viola

Larissa Campos – Violoncelo



03/04

PROJETO HARMONIAS SONORAS

O Restaurante Universitário - RU, recebeu o Projeto Harmonias Sonoras no Trabalho ação integrante do/SigaArte na UFRN/NAC em parceria com o Programa Qualidade de Vida no trabalho/Progesp/UFRN.

Músicos

Edvânia Almeida – Violino 1

Joyce Aldaisa – Violino 2

José Felipe – Violino 3

Larissa Campos – Violoncelo

14h Restaurante Universitário

(Área interna do RU)



8 a 11/04

OFICINA DE GRAFITE NA FACISA - SANTA CRUZ/RN

De 8 a 11 de abril de 2019 ocorrerá a oficina de grafite ministrada por Paulo Victor (PAZCIÊNCIA) na FACISA, Campus Santa Cruz/RN. Ao final da oficina será realizada a parte prática de pintura utilizando uma das paredes do prédio. Esta ação é uma iniciativa do Programa SigaArte na UFRN/Núcleo de Arte e Cultura da UFRN/ Plano de Cultura da UFRN, em parceria com a FACISA.



10/04

PROJETO HARMONIAS SONORAS

O Centro de Educação - CE/UFRN, recebeu o Projeto Harmonias Sonoras no Trabalho ação integrante do/SigaArte na UFRN/NAC em parceria com o Programa Qualidade de Vida no trabalho/Progesp/UFRN.

09:30 CE/UFRN - (Hall de entrada)

Músicos

Edvânia Almeida – Violino 1

Joyce Aldaisa – Violino 2

Miliene Souza – Viola

Larissa Campos – Violoncelo

Repertório

Mourão – César Gerra-peixe

Ai saudade d'ocê - Vital Farias

Luís pra cordas - Leandro Oliveira (Arranjo)

Luís Gonzaga (Música)

Libertando - Astor Piazzolla



■ Além das ações descritas no Plano de Cultura, a programação encerra-se em maio com o 7º Seminário de Arte e Cultura da UFRN.





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / MINISTÉRIO DA CULTURA
PROGRAMA MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES
COMITÊ TÉCNICO
LISTA FINAL - NACIONAL

RANK	INSTITUIÇÃO FEDERAL	REGIÃO	UF	VALOR SOLICITADO	VALOR CONCEDIDO	NOTA	SITUAÇÃO
1º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN	NORDESTE	RN	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	100	CONTEMPLADO
2º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ - IFAP	NORTE	AP	R\$ 1.356.117,54	R\$ 1.017.088,16	99,9	CONTEMPLADO
3º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA TRIÂNGULO MINEIRO - IFTM	SUDESTE	MG	R\$ 1.498.888,30	R\$ 1.124.166,23	99,8	CONTEMPLADO
4º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV	SUDESTE	MG	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	99,7	CONTEMPLADO
5º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR	SUL	PR	R\$ 1.399.570,48	R\$ 1.049.677,86	99,6	CONTEMPLADO
6º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM	NORTE	AM	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	99	CONTEMPLADO
7º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA - UNILA	SUL	PR	R\$ 1.445.877,28	R\$ 1.084.407,96	99	CONTEMPLADO
8º	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB	CENTRO-OESTE	DF	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	98,9	CONTEMPLADO
9º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP	SUDESTE	MG	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	98,8	CONTEMPLADO
10º	UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB	NORDESTE	CE	R\$ 1.491.320,50	R\$ 1.118.490,38	98,5	CONTEMPLADO
11º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCÁVIO DA BAHIA - UFRB	NORDESTE	BA	R\$ 1.489.934,40	R\$ 1.117.450,80	98,2	CONTEMPLADO
12º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE - IFF	SUDESTE	RJ	R\$ 874.950,83	R\$ 656.213,12	97,4	CONTEMPLADO
13º	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA	NORTE	AM	R\$ 1.490.216,00	R\$ 1.117.662,00	96,8	CONTEMPLADO
14º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM	SUDESTE	MG	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	96,4	CONTEMPLADO
15º	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB	NORDESTE	PB	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.125.000,00	96	CONTEMPLADO
16º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS	SUL	RS	R\$ 1.475.659,20	-	95,6	CLASSIFICADO
17º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	SUL	RS	R\$ 1.484.655,12	-	95,5	CLASSIFICADO
18º	INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - IFRN	NORDESTE	RN	R\$ 1.495.051,20	R\$ 1.121.288,40	95	CONTEMPLADO
19º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG	SUDESTE	MG	R\$ 1.500.000,00	-	95	CLASSIFICADO
20º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA	NORTE	PA	R\$ 998.978,07	-	94,5	CLASSIFICADO
21º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE - IFsul	SUL	RS	R\$ 945.464,64	R\$ 709.098,48	93,5	CONTEMPLADO
22º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA	NORDESTE	CE	R\$ 1.495.639,42	-	92,2	CLASSIFICADO
23º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI	NORDESTE	PI	R\$ 1.460.306,56	-	92	CLASSIFICADO
24º	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA	NORDESTE	BA	R\$ 1.500.000,00	-	91,9	CLASSIFICADO
25º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPel	SUL	RS	R\$ 1.499.910,34	-	91,5	CLASSIFICADO
26º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE - UFAC	NORTE	AC	R\$ 1.482.782,00	-	91	CLASSIFICADO
27º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO NORTE DE MINAS GERAIS - IFNMG	SUDESTE	MG	R\$ 1.484.406,24	-	90,7	CLASSIFICADO
28º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP	NORTE	AP	R\$ 1.350.846,06	-	89	CLASSIFICADO
29º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG	CENTRO-OESTE	GO	R\$ 1.498.908,00	R\$ 1.124.181,00	88,9	CONTEMPLADO
30º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL	SUDESTE	MG	R\$ 997.332,00	-	87,8	CLASSIFICADO
31º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL	NORDESTE	AL	R\$ 1.499.486,00	-	87	CLASSIFICADO
32º	UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEUQUINHONHA E MUCURI - UFMV	SUDESTE	MG	R\$ 573.017,00	-	86,6	CLASSIFICADO
33º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC	NORDESTE	CE	R\$ 1.500.000,00	-	85,9	CLASSIFICADO
34º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB	NORDESTE	BA	R\$ 1.496.552,67	-	85,3	CLASSIFICADO
35º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA - UFOP	NORDESTE	BA	R\$ 873.209,31	-	84,9	CLASSIFICADO
36º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS - UFLA	SUDESTE	MG	R\$ 1.495.219,55	-	84,2	CLASSIFICADO
37º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC - UFABC	SUDESTE	SP	R\$ 1.298.860,64	-	84	CLASSIFICADO
38º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA	NORTE	PA	R\$ 1.489.229,95	-	83,95	CLASSIFICADO
39º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - IFES	SUDESTE	ES	R\$ 1.499.865,00	-	82,3	CLASSIFICADO
40º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR	NORTE	RR	R\$ 1.500.000,00	-	82	CLASSIFICADO
41º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PERNAMBUCO - IFPE	NORDESTE	PE	R\$ 803.130,35	-	82	CLASSIFICADO
42º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA - IFSC	SUL	SC	R\$ 752.580,00	-	81,8	CLASSIFICADO
43º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ	SUDESTE	RJ	R\$ 1.497.495,68	-	80,8	CLASSIFICADO
44º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMG	CENTRO-OESTE	MT	R\$ 1.500.000,00	-	80,5	CLASSIFICADO
45º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS	NORDESTE	SE	R\$ 1.483.325,99	-	80	CLASSIFICADO
46º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ - IFPA	NORTE	PA	R\$ 1.499.487,49	-	79,7	CLASSIFICADO
47º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM	SUL	RS	R\$ 1.500.000,00	-	79	CLASSIFICADO
48º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC	SUL	SC	R\$ 1.499.719,12	-	79	CLASSIFICADO
49º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO - IFRJ	SUDESTE	RJ	R\$ 1.177.469,33	-	78,5	CLASSIFICADO
50º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE - UFGSPA	SUL	RS	R\$ 1.500.000,00	-	78,4	CLASSIFICADO
51º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR	SUDESTE	SP	R\$ 1.499.971,60	-	78,3	CLASSIFICADO
52º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE	NORDESTE	CE	R\$ 1.403.509,00	-	78	CLASSIFICADO
53º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA - IF Farroupilha	SUL	RS	R\$ 783.498,00	-	77,3	CLASSIFICADO
54º	UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD	CENTRO-OESTE	MS	R\$ 521.380,00	-	75,9	CLASSIFICADO
55º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFGMS	CENTRO-OESTE	MS	R\$ 1.500.000,00	-	75,6	CLASSIFICADO
56º	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFRSA	NORDESTE	RN	R\$ 1.494.824,00	-	75,5	CLASSIFICADO
57º	UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS	SUL	SC	R\$ 901.301,34	-	75,5	CLASSIFICADO
58º	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF	SUDESTE	RJ	R\$ 1.500.000,00	-	75,5	CLASSIFICADO
59º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS - UFT	NORTE	TO	R\$ 1.500.000,00	-	74,5	CLASSIFICADO
60º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA	SUL	RS	R\$ 1.428.672,20	-	74,5	CLASSIFICADO
61º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO - IFSP	SUDESTE	SP	R\$ 1.415.872,47	-	73,8	CLASSIFICADO
62º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR	NORTE	RO	R\$ 1.499.073,25	-	73,6	CLASSIFICADO
63º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ - UNIFEI	SUDESTE	MG	R\$ 1.494.724,20	-	73,2	CLASSIFICADO
64º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU	SUDESTE	MG	R\$ 1.454.539,30	-	73	CLASSIFICADO
65º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA - IFB	CENTRO-OESTE	DF	R\$ 1.477.041,44	-	73	CLASSIFICADO
66º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO	SUDESTE	RJ	R\$ 1.500.000,00	-	72,5	CLASSIFICADO
67º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS - IFTO	NORTE	TO	R\$ 1.499.460,00	-	71,7	CLASSIFICADO
68º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO - IFMT	CENTRO-OESTE	MT	R\$ 1.498.880,00	-	71,1	CLASSIFICADO
69º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS - IF SUDESTE MG	SUDESTE	MG	R\$ 1.500.000,00	-	71	CLASSIFICADO
70º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - IFMG	SUDESTE	MG	R\$ 549.550,00	-	67,8	CLASSIFICADO
71º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE - IFAC	NORTE	AC	R\$ 1.500.000,00	-	67,5	CLASSIFICADO
72º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAIBA - IFPB	NORDESTE	PB	R\$ 1.500.000,00	-	67,5	CLASSIFICADO
73º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG	NORDESTE	PB	R\$ 1.104.000,00	-	64,4	CLASSIFICADO
74º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF	NORDESTE	PE	R\$ 1.434.814,53	-	63,8	CLASSIFICADO
75º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI - UFSJ	SUDESTE	MG	R\$ 1.433.094,30	-	63,8	CLASSIFICADO
76º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG	CENTRO-OESTE	GO	R\$ 1.500.000,00	-	63,5	CLASSIFICADO
77º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES	SUDESTE	ES	R\$ 1.500.000,00	-	60,5	CLASSIFICADO
78º	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ	SUDESTE	RJ	R\$ 1.024.206,27	-	60	CLASSIFICADO
79º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA - IFBA	NORDESTE	BA	R\$ 1.480.321,44	-	59,5	CLASSIFICADO
80º	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IF Sul de Minas	SUDESTE	MG	R\$ 1.449.111,56	-	59,5	CLASSIFICADO
81º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP	SUDESTE	SP	R\$ 1.496.638,38	-	59,3	CLASSIFICADO
82º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RONDÔNIA - IFRO	NORTE	RO	R\$ 1.451.486,66	-	58,8	CLASSIFICADO
83º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL - IFRS	SUL	RS	R\$ 739.394,00	-	58,1	CLASSIFICADO
84º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ - IFPR	SUL	PR	R\$ 833.585,73	-	57,6	CLASSIFICADO
85º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - IF GOIANO	CENTRO-OESTE	GO	R\$ 1.473.580,00	-	57,5	CLASSIFICADO
86º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE - IFS	NORDESTE	SE	R\$ 1.077.354,00	-	57	CLASSIFICADO
87º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE	NORDESTE	PE	R\$ 1.500.000,00	-	57	CLASSIFICADO
88º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO - IFMA	NORDESTE	MA	R\$ 851.359,00	-	56,4	CLASSIFICADO
89º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO PERNAMBUCANO - IF SERTÃO	NORDESTE	PE	R\$ 513.550,00	-	56,2	CLASSIFICADO
90º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA CARIATENSE - IFC	SUL	SC	R\$ 1.319.422,36	-	55,4	CLASSIFICADO
91º	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOWDA FONSECA - CEFET-RJ	SUDESTE	RJ	R\$ 568.404,00	-	54,1	CLASSIFICADO
92º	UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR	SUL	PR	R\$ 1.500.000,00	-	53,9	CLASSIFICADO
93º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS - IFAM	NORTE	AM	R\$ 1.500.000,00	-	53,3	CLASSIFICADO
94º	COLÉGIO PEDRO II	SUDESTE	RJ	R\$ 1.436.606,44	-	53	CLASSIFICADO
95º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL - IFMS	CENTRO-OESTE	MS	R\$ 1.499.780,00	-	52,5	CLASSIFICADO
96º	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ - IFPI	NORDESTE	PI	R\$ 1.000.138,00	-	51,8	CLASSIFICADO
97º	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF	SUDESTE	MG	R\$ 1.377.770,61	-	51,4	CLASSIFICADO
98º	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS - CEFET-MG	SUDESTE	MG	R\$ 934.400,00	-	50,5	CLASSIFICADO
99º	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE	NORDESTE	PE	-	-	0	DESCONSIDERADO 4.2
100º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA	NORTE	PA	-	-	0	DESCONSIDERADO 4.2
101º	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA	NORDESTE	MA	-	-	0	DESCONSIDERADO 4.2



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

RESOLUÇÃO Nº 125/2016-CONSEPE, de 02 de agosto de 2016.

Institui a Política Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

O REITOR EM EXERCÍCIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE faz saber que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE, usando das atribuições que lhe confere o Artigo 17, Inciso XII, do Estatuto da UFRN;

CONSIDERANDO a inserção da Política Cultural como forma de desenvolvimento estratégico articulado às dimensões acadêmicas do ensino, da pesquisa e da extensão, numa perspectiva interdisciplinar e transversal;

CONSIDERANDO o intuito de contribuir para o desenvolvimento e compreensão da cultura como direito fundamental da comunidade acadêmica e da sociedade em geral;

CONSIDERANDO a Lei nº 12.343, de 02 de dezembro de 2010 e a Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, que instituem, respectivamente, o Plano Nacional de Cultura e a Política Nacional de Cultura Viva;

CONSIDERANDO o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

CONSIDERANDO o que consta no processo nº 23077.045648/2016-92,

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar as normas constantes desta Resolução, que regulamentam a Política Cultural da UFRN.

**CAPÍTULO I
Dos Princípios e Objetivos**

Art. 2º A Política Cultural da UFRN, atribuição da Pró-Reitoria de Extensão, é desenvolvida por meio de projetos acadêmicos envolvendo a PROEX, Núcleo de Arte e Cultura (NAC), Centros e Unidades Acadêmicas, Departamentos, Coordenações de cursos e Centros Acadêmicos Estudantis, com a participação de servidores, estudantes e comunidade externa.

Art. 3º A Política Cultural da UFRN considera como princípios éticos e democráticos:

- I – a liberdade de expressão, criação e fruição;
- II – a diversidade, respeito aos direitos humanos e às autorias;
- III – direito de todos à arte e à cultura; direito à informação, à comunicação e à crítica cultural;
- IV – direito à memória e direito ao acesso e preservação das manifestações da tradição;
- V – responsabilidade socioambiental;
- VI – valorização da cultura como vetor do desenvolvimento acadêmico e sustentável;
- VII – democratização das instâncias de formulação das políticas culturais no contexto da Universidade e da sociedade;
- VIII – responsabilidade dos agentes públicos;
- IX – colaboração entre agentes e órgãos públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura;

CAPÍTULO III Do Conselho Gestor

Art. 7º O Conselho Gestor funcionará em apoio às atividades que são precípua à Coordenadoria de Ações Culturais, Museológicas e de Memória – CACMM, da PROEX e ao Núcleo de Arte e Cultura e no sentido de fortalecer as diretrizes institucionais, com as seguintes atribuições:

I – auxiliar e apoiar a CACMM e o NAC nas ações acadêmicas que fortalecem a política cultural da UFRN, por meio de projetos, programas e demais ações de extensão estruturantes da UFRN;

II – zelar pela defesa e preservação do patrimônio artístico-cultural e de memória da UFRN;

III – contribuir para a ampliação, difusão e troca de saberes, incluídos aqueles oriundos do ensino e da pesquisa, nos termos das políticas extensionistas da Universidade;

IV – promover a integração e difusão dos grupos permanentes de produção artístico-cultural da UFRN;

V – sistematizar o acervo artístico-cultural da UFRN que represente a memória dos grupos permanentes de arte e cultura, bem como as demais iniciativas relevantes da área no tocante às produções materiais e imateriais da Universidade;

VI – buscar apoio financeiro externo, por meio de parcerias públicas ou privadas e editais de fomento às atividades inerentes à produção cultural e de memória da UFRN;

VII – estimular ações que envolvam agentes internos produtores de arte e cultura e/ou que utilizem espaços internos da UFRN na implementação de projetos artístico-culturais, visando a formação de público na comunidade universitária e na sociedade em geral;

VIII – contribuir com a realização e avaliação de projetos e programas culturais, artísticos e de memória em relação às diretrizes e prioridades estabelecidas para o desenvolvimento cultural da UFRN;

IX – colaborar com estratégias e promoção de campanhas, concursos, eventos, festivais e iniciativas que objetivem o estímulo às artes, à cultura e à divulgação do patrimônio artístico e cultural;

X – contribuir para estimular, apoiar e promover encontros, seminários, oficinas, exposições e outras formas de divulgação acadêmico-científica no que tange à natureza deste plano;

XI – discutir e articular atividades de extensão, pesquisa e ensino referentes às ações culturais, de gestão documental, memória e Museus;

XII – apoiar e assessorar a sistematização e implementação da política de gestão documental e memória da UFRN;

XIII – buscar parcerias internas e externas para colaborar com as demais unidades acadêmicas na sistematização, estudo e divulgação de procedimentos quanto à guarda, preservação e acessibilidade do acervo documental.

Parágrafo único. O Conselho Gestor da Política Cultural da UFRN atuará como Conselho consultivo do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN.

Art. 8º Esta Resolução entra em vigor a partir da data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Reitoria, em Natal, 02 de agosto de 2016.

José Daniel Diniz Melo
REITOR EM EXERCÍCIO

CAPÍTULO III

Do Conselho Gestor

Art. 7º O Conselho Gestor funcionará em apoio às atividades que são precípuas à Coordenadoria de Ações Culturais, Museológicas e de Memória – CACMM, da PROEX e ao Núcleo de Arte e Cultura e no sentido de fortalecer as diretrizes institucionais, com as seguintes atribuições:

I – auxiliar e apoiar a CACMM e o NAC nas ações acadêmicas que fortalecem a política cultural da UFRN, por meio de projetos, programas e demais ações de extensão estruturantes da UFRN;

II – zelar pela defesa e preservação do patrimônio artístico-cultural e de memória da UFRN;

III – contribuir para a ampliação, difusão e troca de saberes, incluídos aqueles oriundos do ensino e da pesquisa, nos termos das políticas extensionistas da Universidade;

IV – promover a integração e difusão dos grupos permanentes de produção artístico-cultural da UFRN;

V – sistematizar o acervo artístico-cultural da UFRN que represente a memória dos grupos permanentes de arte e cultura, bem como as demais iniciativas relevantes da área no tocante às produções materiais e imateriais da Universidade;

VI - buscar apoio financeiro externo, por meio de parcerias públicas ou privadas e editais de fomento às atividades inerentes à produção cultural e de memória da UFRN;

VII – estimular ações que envolvam agentes internos produtores de arte e cultura e/ou que utilizem espaços internos da UFRN na implementação de projetos artístico-culturais, visando a formação de público na comunidade universitária e na sociedade em geral;

VIII – contribuir com a realização e avaliação de projetos e programas culturais, artísticos e de memória em relação às diretrizes e prioridades estabelecidas para o desenvolvimento cultural da UFRN;

IX - colaborar com estratégias e promoção de campanhas, concursos, eventos, festivais e iniciativas que objetivem o estímulo às artes, à cultura e à divulgação do patrimônio artístico e cultural;

X – contribuir para estimular, apoiar e promover encontros, seminários, oficinas, exposições e outras formas de divulgação acadêmico-científica no que tange à natureza deste plano;

XI – discutir e articular atividades de extensão, pesquisa e ensino referentes às ações culturais, de gestão documental, memória e Museus;

XII – apoiar e assessorar a sistematização e implementação da política de gestão documental e memória da UFRN;

XIII – buscar parcerias internas e externas para colaborar com as demais unidades acadêmicas na sistematização, estudo e divulgação de procedimentos quanto à guarda, preservação e acessibilidade do acervo documental.

Parágrafo único. O Conselho Gestor da Política Cultural da UFRN atuará como Conselho consultivo do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN.

Art. 8º Esta Resolução entra em vigor a partir da data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Reitoria, em Natal, 02 de agosto de 2016.

José Daniel Diniz Melo
REITOR EM EXERCÍCIO

13/02/2017

<https://sipac.ufrn.br/sipac/VerInformativo?id=97598&imprimir=true>**PORTARIA Nº 2.210/15-R, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2015.**

A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe conferem o artigo 23 do Estatuto da UFRN e o artigo 39 do Regimento Geral, considerando o Memorando nº 36/15-NAC-UFRN, resolve:

Art. 1º Designar os servidores abaixo relacionados para, sob a coordenação da primeira e vice-coordenação da segunda, constituírem o Comitê Gestor do Plano de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no âmbito do Programa Mais Cultura nas Universidades, do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação.

- TEODORA DE ARAUJO ALVES, Professora Associada, matrícula nº 2200162.
- MARIA DE FATIMA FREIRE DE MELO XIMENES, Professora Associada, matrícula nº 350500.
- CATARINA SHIN LIMA DE SOUZA, Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, matrícula nº 2213854.
- LISABETE CORADINI, Professora Associada, matrícula nº 1149572.
- ISAIAS DA SILVA RIBEIRO, Professor Assistente, matrícula nº 3566112.
- JEFFERSON FERNANDES ALVES, Professor Associado, matrícula nº 1149574.
- LOURIVAL ANDRADE JUNIOR, Professor Adjunto, matrícula nº 1718551.
- ROBSON CARLOS HADERCHPEK, Professor Adjunto, matrícula nº 1754863.
- FERNANDO MANUEL ROCHA DA CRUZ, Professor Adjunto, matrícula nº 2006088.
- JOEL CARLOS DE SOUZA ANDRADE, Professor Assistente, matrícula nº 1414328.

Art. 2º Publicar esta portaria em Boletim de Serviço.

Reitoria, em Natal, 4 de novembro de 2015.

ÂNGELA MARIA PAIVA CRUZ

Reitora



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR

PORTARIA Nº 926/13-R, DE 06 DE MAIO DE 2013.

A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe conferem o artigo 23 do Estatuto da UFRN e o artigo 39 do Regimento Geral, resolve:

Art. 1º Designar os servidores abaixo nominados para, sob a coordenação da primeira, constituírem comissão com a finalidade de propor e organizar atividades sistemáticas na área de *cultura e artes nos campi* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

- TEODORA DE ARAUJO ALVES, Professora Adjunta, matrícula nº 2200162;
- ALEXSANDRO GALENO ARAUJO DANTAS, Professor Adjunto, matrícula nº 1501788;
- MARGARIDA MARIA DIAS DE OLIVEIRA, Professora Associada, matrícula nº 1170781;
- SONIA MARIA DE OLIVEIRA OTHON, Professora Adjunta, matrícula nº 346957;
- ZILMAR RODRIGUES DE SOUZA, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, matrícula nº 2212127.

Art. 2º Determinar o prazo de 60 (sessenta) dias para a conclusão dos trabalhos da Comissão designada pelo art. 1º.

Art. 3º Publicar esta portaria em Boletim de Serviço.

Reitoria, em Natal, 06 de maio de 2013.

ÂNGELA MARIA PAIVA CRUZ
Reitora

Sobre os Organizadores e membros do Comitê gestor do Plano de Cultura da UFRN



Profa. Dra. Teodora de Araújo Alves

É docente, diretora artística, pesquisadora e gestora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Presidiu a Comissão de Criação do Curso de Licenciatura em Dança da UFRN em 2009, onde atua como docente. É Diretora do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN desde 2008 e Coordenadora de Ações culturais, museológicas e de memória da PROEX/UFRN (2015-2017); Coordena o Comitê Gestor do Plano de Cultura da UFRN/Mais Cultura nas Universidades/MinC/MEC e diversos projetos de extensão universitária, entre eles, Grupo de Dança da UFRN; Projeto Encantos da Vila (2004-2011), Programa Circuito cultural universitário (Une)versos das artes/PROEXT/MEC/SESu (2013/2015), Programa SigaArte na UFRN (desde 2013) e Programa Chão de Saberes. Possui Graduação em Educação Física e Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Linha de Pesquisa Corporeidade e Educação; Coordenou grandes eventos científico-culturais, a exemplo da SBPC Cultural em 2010 e a Teia Nacional da Diversidade - (coordenação local na UFRN, em parceria com o MINC). Criou e coordenou, junto com o Prof. Dr. Edson Claro (in memoriam), a Base de Pesquisa GECARTE - Grupo de Estudos em Corpo, Arte e Educação no período de 2005 a 2010, atualmente Grupo Cirandar. Possui livros e capítulos de livros publicados, entre eles: Heranças de Corpos brincantes: saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras; Encantos da Vila: uma experiência com arte, cultura e educação. Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN, ministrando componentes curriculares, desenvolvendo pesquisas e orientações em Dança, Teatro, corpo, corporeidade, cultura e educação.



Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1991), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004). Professor Associado do Departamento de Práticas Educativas e Currículo, do Centro de Educação/UFRN. É membro dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Artes Cênicas da UFRN. Orienta e pesquisa na interface Arte, Deficiência e Acessibilidade, com ênfase na relação Teatro e Deficiência Visual.



Prof. Dr. Robson Carlos Haderchpek

Ator, diretor e pesquisador. Docente do Curso de Teatro da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Foi presidente da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Gestão 2017-2018) e convidado para integrar o Comitê do Plano de Cultura da UFRN em 2015, coordenando o Programa “Circuito Cultural da UFRN”. É membro dos Grupos de Pesquisa: CIRANDAR, NACE e ÍMAN, e diretor do Arkhétypos Grupo de Teatro. Graduado e pós-graduado pela UNICAMP, com pós-doutorado na Universität für Musik und Darstellende Kunst Wien – Áustria (2015).



Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior

Possui Graduação em História pela Universidade do Vale do Itajaí (1993), Especialização em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná (1995), Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000), Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade Estadual de Londrina (2016). Também é diretor e ator de teatro e audiovisual, já tendo recebido diversos prêmios no Brasil. É diretor da Trapiá Cia Teatral. Atualmente é Professor Associado I do Departamento de História (DHC) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. É professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História dos Sertões (UFRN-DHC). É membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões (UFRN/CERES), integra o GT História: Religiosidade e Cultura/UFSC, o GT História das Religiões e Religiosidades/ANPUH-BR (sendo o representante deste GT no Rio Grande do Norte) e é Editor de Seção da Revista Eletrônica de Humanidades - MNEME. Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Culturas dos Sertões, catolicismo não oficial (milagreiros), cemitérios e túmulos, ciganos, Umbanda, Cordel e História das Sensibilidades.



Prof. Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz

Doutor Europeu em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). Professor Adjunto III no Departamento de Políticas Públicas/ UFRN. Seus interesses atuais versam sobre: cidades criativas, economia criativa, ócio e lazer, espaços públicos, espaços temáticos, políticas culturais.



Profa Dra. Lisabete Coradini

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1987), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992) e Doutorado em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (2000). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do NAVIS Núcleo de Antropologia Visual, Diretório de Pesquisa/CNPq-UFRN. Realizou os seguintes filmes No mato das mangabeiras, Seu Pernambuco, cinema moçambicano em movimento, Sila, Mulher Cangaceira, Mestre Zorro, entre outros. Membro da Comissão de Elaboração e de Avaliação do Roteiro de Classificação da Produção Audiovisual/CAPEs. Membro da Comissão da Imagem e Som da ANPOCS nas gestões 2001-2002 e do GT Antropologia Visual da ABA (2009-2010) e (2011-2012). Participa da REDE AMLAT (Rede Temática de Cooperação Científica Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina - PROSUL. MCT/CNPq Nº 11/2008). Publicou : Praça XV espaço e sociabilidade; Antropologia e Imagem; As cidades e suas Imagens. Organizou Dossiê sobre Cinema (Revista BAGOAS). Atualmente é editora da Vivência Revista de Antropologia (DAN/PPGAS). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e Audiovisual, atuando principalmente nos seguintes temas: cidades, espaços, memórias, narrativas, cinema, cinema africano e o uso da imagem.



Prof. Dr. Everardo Araujo Ramos

Professor efetivo do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, onde também coordena o Matizes-Grupo de Pesquisa em Cultura Visual e o Projeto Vernáculo de estudo e promoção da arte vernacular potiguar. Possui Graduação e Mestrado em História da Arte e Arqueologia pela Université de Franche-Comté e Doutorado em Estudos Brasileiros pela Univesité Paris X - Nanterre, onde também realizou Estágio Pós-Doutoral Sênior (Bolsista CAPES). Ensinou na Université de Franche-Comté, Université Paris X - Nanterre e Université Michel de Montaigne - Bordeaux 3, bem como na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Desenvolve pesquisas, publica trabalhos e faz curadoria de exposições, no Brasil e no exterior, na área de História da Arte, com ênfase em Arte Popular. Desde fevereiro de 2017, dirige o Museu Câmara Cascudo da UFRN.



Prof. Dr. Isaias da Silva Ribeiro

Possui graduação (1990), mestrado (2011) e doutorado (2016) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem interesse nas seguintes áreas de estudo: Arquitetura de museus, relações entre arquitetura e artes visuais, Teoria e história da arte moderna e contemporânea e história da arquitetura. Atualmente, é Professor Adjunto do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Área de Representação Gráfica. Artista plástico com experiência em desenho, pintura e colagem e suas possibilidades expressivas na arte contemporânea.

